

QUINTA PARTE

HOMEM DOS MIGRANTES E PARA OS MIGRANTES

1. A MIGRAÇÃO VISTA POR SCALABRINI.....	2
A) As dimensões e as causas	2
B) O direito natural de migrar.....	5
C) As conseqüências.....	6
D) O desígnio de Deus.....	10
2. A IGREJA E AS MIGRAÇÕES	13
A) A presença da Igreja	13
B) Religião e Pátria.....	16
C) Pastoral dos Migrantes	17
D) A Migração, problema de toda a Igreja	25
3. OS MISSIONÁRIOS E AS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS PARA OS MIGRANTES	34
A) A Fundação.....	34
B) Na Igreja e para a Igreja.....	45
C) Espírito Missionário.....	49
D) Vida Religiosa	54
4. OS LEIGOS E A MIGRAÇÃO	64
A) A Tarefa do estado e das classes dirigentes.....	64
B) A Sociedade de São Rafael.....	69

HOMEM DOS MIGRANTES E PARA OS MIGRANTES

D. Scalabrini afronta o dramático problema das migrações em massa, que explodiu na Itália, no início do seu episcopado, com os espírito de pastor, que vê o rebanho se dispersar e sente a necessidade de realizar a missão da Igreja, enviada a recolher, na unidade, os filhos dispersos de Israel.

O Apóstolo dos migrantes analisa o fenômeno, sob todos os aspectos: dimensões, causas, conseqüências humanas, sociais e religiosas. Denuncia as injustiças e as opressões, mas sabe ler no evento, um desígnio de Deus. Por isso, descobre a missão da Igreja, para com os migrantes e o melhor método, para realizar, a favor deles, a missão de evangelização e de promoção humana.

Ele mesmo se dispõe a dar uma resposta concreta às exigências dos migrantes e funda duas Congregações missionárias, uma masculina e outra feminina, de pessoas dedicadas missão, mediante a consagração religiosa.

A missão evangelizadora é completada com a obra da tutela e promoção humana, confiada aos leigos, especialmente à Sociedade de São Rafael.

1. A MIGRAÇÃO VISTA POR SCALABRINI

Vendo os migrantes que partem na estação de Milão e os apelos dos diocesanos migrantes, na América, questionam o espírito apostólico do Bispo de Placência. A migração é um dos fatos mais importantes e determinantes da vida italiana contemporânea. Impõe-se pelo número e tem um caráter permanente, que decorre de inelutáveis necessidades econômicas.

A necessidade pressupõe um direito, que não pode ser suprimido pelo Estado, ou pelos centros de poder, e devem assegurar a liberdade de migrar, mas não a liberdade de “fazer migrar”, por causa da especulação e aproveitamento.

O migrante, sem orientação e tutela, está exposto a “infinitos males materiais e morais” e presa fácil de especulação”. Abandonado a si mesmo, corre o risco de perder a própria identidade cultural e religiosa.

Ao contrário, se a migração for bem orientada e assistida, pode-se tornar “instrumento da Providência que preside os destinos que é o aperfeiçoamento do homem sobre a terra e a glória de Deus nos céus”. De fato, no desígnio da Providência, a migração é destinada a aperfeiçoar “a união de todos os homens de boa vontade, com Deus, por Jesus Cristo”.

a) AS DIMENSÕES E AS CAUSAS

“Eram migrantes”.

Há vários anos, em Milão, fui expectador de uma cena que deixou em meu espírito, uma impressão de profunda tristeza.

Passando pela estação, vi a vasta sala, os pórticos laterais e a praça adjacente invadidos por trezentos ou quatrocentos indivíduos, vestidos pobremente, divididos em diversos grupos. Em suas faces bronzeadas pelo sol, sulcadas por rugas precoces que a privação costuma imprimir, transparecia o tumulto dos afetos que agitavam seus corações, naquele momento. Eram velhos curvados pela idade e pelas fadigas, homens na flor da virilidade, mulheres que levavam após si ou carregavam ao colo suas crianças, pequenos e jovens todos irmanados por um único pensamento, todos orientados para uma meta comum.

Eram migrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália e esperavam, com ansiedade que o trem os levasse às margens do Mediterrâneo e de lá para as longínquas Américas, onde esperavam encontrar a fortuna, menos desfavorável, e a terra menos ingrata aos seus sores.

Aqueles pobrezinhos partiam. Alguns chamados por parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário, outros sem saber precisamente para onde seriam levados, atraídos por aquele instinto forte que faz os pássaros migrarem. Iam para a América, onde ouviam repetir, tantas vezes que havia trabalho, bem pago, para quem tivesse braços vigorosos e boa vontade.

Eles, em lágrimas, tinham dito adeus ao povoado natal, ao qual os ligava tantas lembranças agradáveis; mas, sem saudade dispunham-se a abandonar a pátria. Pois eles não a conheciam, senão sob duas formas odiosas: o alistamento e o cobrador de impostos. Para o deserdado, a pátria é a terra que lhe dá o pão: lá longe, longe, esperavam encontrar o pão, menos escasso, menos suado.

Parti comovido. Uma onda de pensamentos tristes me amarguravam o coração. Quem sabe que cúmulo de desgraças e de privações, faz parecer-lhes doce, um passo tão doloroso!... Quantos desenganas, quantas novas dores lhes prepara o futuro incerto! Quantos sairão vitoriosos na luta pela existência? Quantos sucumbirão, entre os tumultos das cidades ou no silêncio das planícies inabitadas? quantos embora encontrando o pão do corpo, sentirão a falta do pão da alma, não menos necessário que o primeiro, e perderão numa vida toda material, a fé de seus pais?

Desde aquele dia, a mente me transportava freqüentemente para aqueles infelizes, e aquela cena relembra sempre outra não menos desoladora, não presenciada, mas percebida nas cartas dos amigos e no relacionamento com os viajantes. Eu os vejo desembarcados em terra estrangeira, no

meio de um povo que fala uma língua que eles não entendem, vítimas fáceis da especulação desumana. Vejo-os banhar com seus suores e com suas lágrimas, um solo ingrato, uma terra que exala miasmas pestilentos; arrebatados pelas fadigas, consumidos pela febre, a suspirar em vão, pelo céu da pátria distante e pela antiga miséria do casebre nativo e finalmente sucumbir, sem que a saudade de seus caros os console, sem que a palavra da fé lhes mostre o prêmio, que Deus prometeu aos bons e aos desventurados. E aqueles que triunfam na rude luta pela existência, eilos lá do seu isolamento, esquecer completamente toda noção sobrenatural, todo preceito da moral cristã e perdem cada dia mais o sentimento religioso, não alimentado pelas práticas de piedade e deixam que os instintos brutais tomem o lugar das aspirações mais elevadas.

Diante de tão lamentável estado de coisas, eu me faço constantemente a pergunta: como remediar isto? E todas as vezes que me acontece ler nos jornais, qualquer circular do governo que coloca as autoridades e o público de sobreaviso, contra as artes de certos especuladores, os quais fazem verdadeiros saques de escravos brancos, para empurrá-los, cegos instrumentos de ávidas coças, longe da terra natal, com a ilusão de fáceis e abundantes lucros; quando, das cartas dos amigos ou das relações dos viajantes observo que os párias migrantes são os italianos, que os trabalhos mais vis, se é que possa existir vileza no trabalho, são feitos por eles, que os mais abandonados, e portanto os menos respeitados, são os nossos patriotas, que milhares e milhares de nossos irmãos vivem, quase sem defesa da pátria distante, objeto de prepoocias muitas vezes impunes, sem o conforto de uma palavra amiga, confesso-o. a chama da vergonha sobe-me ao rosto.

Sinto-me humilhado na minha qualidade de sacerdote e de italiano, e me pergunto de novo: como ajudá-los?

Também, há poucos dias, um distinto viajante me trazia a saudação de várias famílias dos montes placentinos, acampados às margens do Orenoco: Diga ao nosso Bispo que lembramos sempre e de seus conselhos, que reze por nós e que nos mande um padre, porque aqui, se vive e se morre como animais...

Aquela saudação dos filhos distantes soara para mim como uma reprimenda...¹

“Um dos fatos mais importantes da vida moderna italiana”.

Um dos fatos mais importantes da vida moderna italiana é a sua migração. Importante pelo número, pelas questões sociais que envolve, pelo mal estar econômico que estimula. Segundo os cálculos estatísticos, os italianos migrantes que vivem atualmente nas Repúblicas Americanas ultrapassam o número de dois milhões. Mais de um milhão de Repúblicas do Sul, quatrocentos mil aproximadamente no Brasil, e o resto nas vastas partes da América e sobretudo ao Norte. Somente a cidade de Nova Iorque conta 85 mil.

No decênio 1880-1890 ultrapassaram os confins do Reino, dois milhões de habitantes — um milhão pela migração temporária, verdadeiro fluxo e refluxo de pessoas que oferece aos trabalhos da Europa, a mão-de-obra inteligente e zelosa dos nossos operários, que trazem para a pátria honra e dinheiro; e um milhão de migração permanente — ou seja, gente que vai além-oceano, com a esperança, quase sempre frustrada, de retornar e se espalha nas jovens Repúblicas Americanas, ao Sul e ao Norte, nas cidades populosas, nos pampas desertos e nas florestas virgens, levando em toda parte uma atividade, sempre apreciada e considerada (...).

Estas cifras não têm necessidade de longo comentário. Elas falam clara e rigorosamente, que no biênio 87-88 saiu maior número de cidadãos do Reino da Itália, que da França, dos Países Baixos, da Espanha, de Portugal, da Áustria, da Bélgica, da Dinamarca, da Suíça juntos. Dizem que a nossa migração é o quádruplo da Rússia, o triplo da Alemanha que tem uma notável migração em alguns milhões, superior à do Reino Unido, que tem colônias florescentes e negócios em todas as partes do mundo.²

“Um fenômeno que tem todas as características de um fato permanente”.

¹ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 3-6.

² I Conferência sobre migração (AGS 5/3), feita em Roma, no dia 8-2-1891.

As cifras expostas são enormes, mas o fenômeno migratório parece não ter chegado ao seu ápice, pois, apesar das dificuldades colocadas pela lei vigente, quase há dois anos, limita o trabalho dos agentes de migração; apesar dos desenganos e dos gritos de dor, que, de tanto em tanto, atravessando o Atlântico, nos fazem estremecer e corar, enfim, malgrado as proibições governativas, o êxodo doloroso continua. O Senhores, acontece que a migração italiana, que foi e continua sendo aumentada, especialmente pelas nossas tristes condições agrárias, que foi e é estimulada, além das medidas, pelos agentes de migração e pela necessidade de braços para substituir os escravos libertados no Brasil, responde, no seu conjunto, a uma verdadeira necessidade do povo italiano, e será em relação com o aumento anual da sua população. Portanto, não se trata de um fenômeno passageiro, mas de um fenômeno que tem todas as características de um fato permanente. O italiano é um dos povos que tem maior aumento anual de população. Aumenta, na proporção de onze ou doze mil, superado nisto unicamente pela Holanda, que se avanteja pelo excedente dos nascimentos sobre as mortes, de treze por mil.

É por isso que, apesar da considerável migração, a população do Reino aumenta, e dentro de poucos anos, as nossas belas terras terão um máximo de densidade.

Segundo cálculos exatos, aumentando a população, como nos últimos vinte anos, os italianos dentro de um século, serão cem milhões. Admitindo também, em consequência de uma ampla colonização interna, poder hospedar dentro dos limites do Reino, outros dez milhões, chegará assim a quarenta ou cinquenta milhões. Na Itália, se todas as suas regiões tivessem a densidade da população da Lombardia — teremos sempre um imenso povo de outros cinquenta milhões, que se espalhará, no século futuro, pelo mundo, impelido por uma força à qual, em vão se resiste: a luta pela sobrevivência. Cinquenta milhões de italianos, ó senhores, dispersos sobre a face da terra, como folhas arrebatadas por um turbilhão!³

“A migração é um fato natural e uma necessidade invencível”.

A migração é um fato natural e uma necessidade invencível. É uma válvula de segurança, dada por Deus a esta sofrida sociedade. É uma força conservadora, muito mais poderosa que todos os compressores morais e materiais, inventados e colocados em ação pelos legisladores, para tutelar a ordem pública e para garantir a vida e os bens dos cidadãos. É conhecido o provérbio: maldita fome. Quem poderia reter um povo que desencadeia sob as convulsões do ventre, se não tivesse a esperança de encontrar, em outro lugar, o pão quotidiano?

Portanto, àqueles que, ao considerar as misérias ocasionadas pela migração, exclamam serenamente: Por que, tanta gente migra? É fácil responder. A migração, na quase totalidade dos casos, não é prazer, mas uma necessidade invencível. Sem dúvida, existe, também, entre os migrantes pessoas más, vagabundas e viciadas. Estes são em número menor. A grande maioria, para não dizer a totalidade dos que abandonam a pátria, para ir para a longínqua América, não é desta ténpera. Não fogem da Itália, por aversão ao trabalho, mas porque este lhes falta e não sabem como viver e manter a própria família.

Um excelente homem, cristão exemplar de um povoado de montanha, onde me encontrava, alguns anos atrás, em visita pastoral, veio pedir-me uma bênção e uma pequena lembrança para si e para os seus, que partiam para a América. Às minhas observações, ele colocou tão simples, quanto doloroso dilema: ou roubar ou migrar.

Roubar não devo, nem quero, porque Deus e a lei me proibem; ganhar aqui o pão para mim e para meus filhos não me é possível. Que fazer então? Imigrar é o único recurso que me resta.

Não soube acrescentar nada. Abençoei-o comovido, recomendando-o à proteção de Deus e me convenci, uma vez mais, ser a migração uma necessidade que se impõe, como remédio supremo e heróico, ao qual é necessário submeter-se, como o paciente submete-se à dolorosa operação, para evitar a morte.

³ Id.

A religião e a migração, eis os dois únicos meios que poderão, no futuro, salvar a sociedade de uma grande catástrofe. Uma enviando a outros continentes o excesso da população, a outra consolando, com caras esperanças, a desesperada dor dos infelizes.⁴

b) O DIREITO NATURAL DE MIGRAR

“Um direito sagrado”.

Aqueles que desejariam impedir ou limitar a migração, em nome de considerações patrióticas e econômicas, e os que a desejam, em nome de uma mal compreendida liberdade, abandonada a si mesma e sem guia, ou não raciocinam absolutamente, ou raciocinam como egoístas e como despreocupados. De fato, impedindo-a, transgride-se um sagrado direito humano; abandonando-a a si mesmo, torna-se ineficaz. Os primeiros esquecem que os direitos do homem são inalienáveis e que o homem tem direito de ir em busca do seu bem-estar, onde mais lhe agrada. Os segundos, que a migração, força centrífuga, pode se tornar, quando bem orientada, uma poderosa força centrípeta. De fato, além de trazer alívio aos que ficam, com a redução de concorrência dos braços e com novas aberturas ao comércio, torna-se de grande proveito, conquistando influências e devolvendo sob mil formas, os tesouros de atividade subtraídos momentaneamente, a nação (...).

Discutir teoricamente se a migração é um bem ou um mal é inútil, sendo suficiente à minha finalidade constatar a sua existência. Depois das pesquisas que fiz, para recolher dados estatísticos e os fatos que servem de base para este meu breve trabalho, e nas conversas familiares, percebi uma grande confusão de idéias, sobre este assunto, não só entre a burguesia e os particulares, mas também entre jornalistas e pessoas que se dedicam ao Estado. Estas considerações, não são inteiramente inoportunas.

Principalmente os proprietários de terras, onde a migração dos camponeses é mais numerosa, preocupados por este repentino empobrecimento de braços, que se traduz em um adequado aumento de recompensa, para os que ficam, levaram ao Governo suas queixas e por meio de deputados e de associações, pediram providências, “para sanar e limitar este virus moral, esta deserção, que despoja o país de braços e de capitais frutíferos, que faz romper os pactos coloniais e deixa após de si a apatia e a insubordinação sem nenhuma vantagem, para os migrantes. Os camponeses desprovidos de capitais e de conhecimentos serão sempre e em todo lugar proletários. E a miséria da qual tentam fugir, abandonando a pátria, acompanhá-los-á, como a sombra a seu corpo, acrescida de novas necessidades e pelo isolamento”. (Atos parlamentares, sessão de 12 de fevereiro de 1879).

Como cada um pode facilmente perceber, estas razões e estes conselhos se inspiram mais no interesse dos abastados que ficam, que nas necessidades dos míseros que são forçados a partir. Se a autoridade lhes desse fácil ouvido e baseasse sua obra em tais sugestões, faria coisa inútil, injusta e danosa. Inútil, porque nunca chegaria a suprimir a migração. Injusta, porque injusto e tirânico é todo ato que coloca obstáculo ao livre exercício de um direito. Danosa, porque a migração tomaria outro rumo, que não o natural, como aconteceu todas as vezes que o governo, por um mal entendido espírito de patriotismo, tornou difícil a migração.⁵

“A migração deve ser espontânea”.

Se os agentes de migração fossem, como parece acreditar o deputado De Zerbi na sua relação, nada mais que simples intermediário, isto é, homens de confiança entre as várias Sociedades de Navegação e os migrantes e limitassem o seu trabalho a dar esclarecimentos sobre o modo e sobre o tempo dos embarques; e as agências, apenas simples sucursais dos escritórios centrais de

⁴ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 7-8.

⁵ Id., pp. 8-10.

Navegação, não haveria motivo de preocupação. A sua ação, embora supérflua, em grande número de casos (pois que aqueles conhecimentos poder-se-ia obter, por quem tivesse interesse, nas vias e praças públicas) também não seria, danosa. Poderia também, às vezes, ser favorável aos migrantes. Se os agentes fossem orientados, para ajudar os duvidosos, e mostrassem aos pobres sedentos pela miséria, os riachos americanos frescos e estimulantes, como aqueles que no inferno dantesco, faziam extasiar mestre Adão, não seria um fim de mundo, e podez-se-ia fechar um olho e dizer-lhe com Manzoni: vá, vá, pobre engordurado, não serás tu aquele que desfalcará Milão.

Mas a faculdade de fazer alistamento é bem diferente. Os agentes, que usavam destes expedientes quando eram proibidos pelas circulares ministeriais, imaginem se não desejarão lançar mão, ainda mais amplamente, quando por lei será um direito! Como ecn. seqüência natural, as catástrofes, lamentadas rio passado, aumentam à medida da liberdade outorgada, pois a experiência de uma parte neutraliza a sede insaciável de lucro, e a ignorância da outra, ou não conhece a sorte de quem os precederam, ou esperam ser mais afortunados.

As penas aplicadas pela nova lei, para os agentes de migração são severas, e isto é bom. Não serão nunca excessivas contra quem, mais torpe que o ladrão e mais cruel que o homicida, empurra tantos infelizes para a ruína. Quantos destes, arrancados de suas casas por falsas promessas, foram para além do oceano em lugares inabitáveis, enleados por mil dificuldades insuperáveis, felizes, se no final conseguem encontrar um pedaço de terra, para morrer em paz! Quantos abandonados em praias desertas, sem roupa e sem pão, considemram grande ventura poder retornar, com o coração desesperado, à terra natal!⁶

“Liberdade de migrar, não de fazer migrar”.

Liberdade de migrar, mas não de fazer migrar, porque tanto é boa a migração espontânea, quanto é danosa a forçada. Boa, se espontânea, sendo uma das grandes leis providenciais, que presidem os destinos dos povos e o seu progresso econômico e moral. Boa, porque é uma válvula de segurança social; porque abre caminhos floridos da esperança, e algumas vezes, da riqueza, aos deserdados. Porque civiliza as mentes do povo, pelo contato com outras leis e outros costumes. Porque leva a luz do evangelho e da civilização cristã aos bárbaros e idólatras e eleva os destinos humanos, alargando o conceito de pátria, além dos confins materiais e políticos, fazendo pátria do homem, o mundo.

É ruim, se forçada, porque substitui a verdadeira necessidade pela fúria de lucros imediatos, ou um mal entendido espírito de aventura. Porque, despovoando exageradamente e sem necessidade o solo pátrio, em vez de ser um alívio e uma segurança, torna-se um prejuízo e um perigo, criando maior número de inadaptados e desiludidos. Enfim é ruim, porque desvia a migração das suas correntes naturais, que são as mais proveitosas e as menos perigosas, e porque a experiência nos ensina ser causa de grandes catástrofes, que podem e devem ser impedidas por um governo civil e previdente.⁷

c) AS CONSEQÜÊNCIAS

“Quão amargo o pobre pão do migrante!”

Os perigos que traz consigo tal migração são inúmeros e igualmente inúmeros são os males que a afligem.

⁶ O desígnio de lei sobre a emigração italiana, Placência, 1888, pp. 8-11. O opúsculo tem por subtítulo: “Observação e propostas de D. João Batista Scalabrini, Bispo de Placência” e é endereçado “ao deputado Paulo Carcano, deputado no Parlamento Nacional”, colega de escola do Autor, que tenta em vão contrastar a aprovação da lei de 1888, mais favorável aos proprietários de terra que aos migrantes.

⁷ Id pp. 32-33.

Quando eu, há dez anos, acolhi o grito de dor dos nossos pobres migrantes, em um pequeno escrito, que teve eco no coração de todos os bons e apossou-se de todas as classes de pessoas tão consenso de pensamentos e de obras, eu estava longe de grande o cúmulo de males e de perigos aos quais se expõe o pobre migrante. Tudo, tudo conspira contra ele, seus males freqüentemente começam antes do êxodo do humilde casebre, sob a forma de um agente de migração que determina a sua partida, atraindo-a uma falsa conquista da riqueza e endereçando-o para onde agrada e convém ao agente e não para o interesse do migrante. Seguem-se os males ao longo da viagem, freqüentemente desastrosa, e os acompanham na sua chegada aos lugares infestados de doenças terríveis, nos trabalhos aos quais, muitas vezes não se sente apto, sob as ordens de padrões desumanos, por causa da sede insaciável de ouro, ou pelo hábito de considerar o trabalhador um ser inferior. Assim os males se agravam sob mil ciladas que a maldade lhes prepara, em países estrangeiros dos quais ignoram a língua e os costumes, num isolamento, que freqüentemente causa a morte do corpo e da alma.

Posso citar numerosos fatos que demonstram quantas lágrimas banham e quanto sal tem o pobre pão dos migrantes, atraídos por vãs esperanças ou por falsas promessas. Encontram uma ilíada de sofrimentos, o abandono, a fome e não poucas vezes a morte onde acreditavam encontrar um paraíso, colorido pela miragem da necessidade: viram o Eldorado, sem pensar que o “simum” violento da realidade desfaz em um momento, as encantadas cidades dos Sonhos! Infelizes extenuados pelo cansaço por causa do clima, pelos insetos, caem desconsolados sobre a gleba fecundada, por seus suores, à margem de florestas virgens, que souberam cultivar não para si, nem para os seus filhos, atingidos pelo micróbio fatal e doce da saudade, talvez sonhando com a pátria, que não soube dar-lhe nem o pão, suplicando em vão ao ministro da santa religião de seus pais, que lhes suavize os terrores da agonia com as imortais esperanças da fé.

O quadro não é feliz, mas é a história verdadeira de milhares de nossos patriotas migrantes, como pude colher das relações dos meus missionários e como me é escrita e narrada por quem foi testemunha e participante daqueles tristíssimos êxodos.

Porém, não desejo ser mal entendido ou parecer pessimista. As tristes coisas acenadas não podem ser ditas a respeito de todos os nossos migrantes. Muitíssimos deles encontraram nos países hospitaleiros, pão suficiente, muitos bem-estar, alguns, riquezas, e no seu conjunto formam colônias das quais a mãe pátria pode se orgulhar. Mas são também muitíssimos os desgraçados e em grande parte o são por causa de sua ignorância e por nosso descuido.⁸

“Males infinitos, tanto materiais, quanto morais”.

Os perigos que aguardam os migrantes são tantos e tão numerosos que dificilmente um homem, também atencioso, poderia escapar totalmente deles. Que dizer então dos pobres camponeses, que, ignorantes de tudo, confiam em pessoas, que não vêem no migrante senão coisa a ser desfrutada?

Aqueles que lêem jornais devem ter em mente um certo número de fatos ora torpes, ora trágicos, sempre tristes, nos quais os nossos pobres irmãos que migram, aparecem como vítimas.

Alguns anos atrás, os diários públicos falaram de duzentos ou trezentos migrantes, que ao chegar ao porto de embarque, não sei, se de Gênova ou de Nápoles, souberam que seu dinheiro, ajuntado quem sabe com que dificuldade, talvez com a venda dos últimos móveis, acabaram nas mãos de um embusteiro. Por tanto, lágrimas, gritos, imprecações e depois o retorno ao povoado nativo, às custas do Estado.

No início do inverno de 1873, chegou a Nova Iorque, um navio com muitas famílias de camponeses do Abruzzo que foram embarcados pelos agentes de migração, com a promessa de serem levados a Buenos Aires, onde ansiosamente os esperavam parentes e amigos. Aqueles infelizes, que tinham sofrido muito durante a travessia, encontram-se em outro lugar, esgotados, bem longe da meta de sua viagem e sem meios, para prosseguir-la.

⁸ A Itália no exterior, Turim, 1899, pp. 10-11 (conferência feita em Turim, em setembro de 1898). “Simon” ou simum é o vento violento e tórrido do deserto saariano.

Estas podem ser exceções. Regra geral é o modo como é feito seu transporte. Despachados pior que animais, em números muito maior do que permitiriam os regulamentos e a capacidade dos navios, eles fazem aquele longo e penoso trajeto, literalmente amontoados, com sério problema moral e de saúde.

Que dizer da sorte ainda mais lamentável que os espera, quando chegam à meta suspirada? Frequentemente enganados com artes dissimuladas, iludidos por mil promessas mentirosas, constrangidos pelas necessidades, se vinculam, com contratos que são uma verdadeira escravidão e as crianças encaminhadas para a mendicância, para o caminho do delito e as mulheres jogadas no abismo da desonra.

As vastas e incultas terras da América do Sul, do Brasil, do Chile foram cedidas com contrato aos migrantes ou diretamente pelos governos, ou pelas sociedades particulares, que conquistaram a propriedade para fins de especulação. E depois de um certo número de anos, mediante o pagamento de taxas convenientes, o camponês torna-se proprietário do solo fecundado com o próprio suor. Portanto os colonos armam sua tenda naqueles terrenos incultos, que frequentemente transformam em sorridentes e férteis campos. Os camponeses, na maioria das vezes, de uma mesma região e algumas vezes de um mesmo povoado, batizam, lá longe, com o nome do lugar de origem, o lugar onde a Providência os lançou.

Se estes agrupamentos podem reduzir os perigos da migração, formando menos triste e mais segura a vida, podem também, se não forem bem orientados, ser causa de infinitos males, tanto materiais quanto morais. Nossos pobres camponeses correm perigo de serem mandados pelos especuladores a acabar sua vida, em terrenos estéreis e lugares nocivos, mal defendidos dos animais ferozes e de índios. Todas estas coisas já se verificaram mais de uma vez e sobre as quais a imprensa e a opinião pública repetidamente se comoveram.⁹

“Presa fácil da especulação”.

Para onde se dirige esta massa de pessoas, esta enchente de sangue italiano?

É doloroso dizer, mas a maior parte dela não sabe para onde vai. Para eles, a América é o país, para onde se dirigem os que deixam a pátria, em busca de fortuna. Ao Sul ou ao Norte, nas zonas temperadas ou tropicais, em climas saudáveis ou pestilentos, em terras férteis ou mais estéreis do que as que abandonaram, em centros populosos ou em regiões desertas, eles não sabem. Vão para a América, e não poucas vezes com a agravante de um contrato assinado em branco que coloca, a sua pessoa, o seu trabalho a disposição de um patrão qualquer.

Foi assim que os agentes de migração mandaram um considerável número de migrantes para o Brasil, para substituir a mão-de-obra que já era insuficiente para a agricultura, tomando-se completamente deficiente, com a abolição da escravidão. Foi assim que, em Nova Iorque, o chamado sistema dos patrões, condenado com um Bill pelo Senado dos Estados Unidos, aglomerou um ilimitado número de migrantes, atraídos para lá por mil promessas, desfrutados indignamente e depois abandonados, para deixar lugar aos recém-chegados, novas vítimas de torpes lucros. Finalmente, foi assim que no Chile, para silenciar muitos outros casos, encontraram o abandono e a miséria mais de mil de nossos compatriotas, seduzidos a irem para lá, por alegres mentiras. E como a ignorância e a pobreza tornam nossos compatriotas vítimas fáceis para os agentes de migração, assim lá longe, o isolamento e a miséria os tornam presas fáceis da especulação, sempre e por toda a parte, sem entranhas de piedade, lá mais que em qualquer outro lugar. Por isso, em lugar de trabalho apto e bem recompensado, em vez de abundante e sadia comida, aqueles infelizes encontram um trabalho rude, quando o encontram, uma recompensa que, comparada com os esforços, os perigos, ao encarecimento dos gêneros de

⁹ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 9-31.

primeira necessidade, é irrisória, pois encontram o melhor alimento pago a alto preço, freqüentemente com a privação de quanto significa vida civilizada.¹⁰

“Perdem o sentimento da nacionalidade e o sentimento da fé”.

Quem pode descrever os perigos que encontram nossos pobres migrantes a respeito da vida religiosa? Na imensa maioria, eles vivem lá, sem nunca verem o rosto de um padre e a cruz de uma torre. Portanto, abandonados a si mesmos, ou caem no indiferentismo mais desolador ou abandonam a fé de seus pais. Aperta-me o coração só de pensar. Segundo cálculos oficiais, em sessenta anos, migraram, em uma grande república Americana, quarenta milhões de católicos. Ora, supondo que vinte milhões, o que nunca se verificou, tenham voltado à pátria, os católicos residentes lá, tendo presente os nascimentos e as mortes, deveriam atingir a cifra de mais ou menos vinte milhões. Ao contrário, segundo o último recenseamento eclesiástico, o seu número, não chega, oito milhões. Onde foram parar os outros doze milhões?

Perderam o sentimento da nacionalidade e com ele, coisa que aperta o coração só de pensar, o sentimento da fé católica. Caem vítimas da propaganda protestante, vítimas infelizes das seitas, lá mais ativas e numerosas, que em outros lugares. Ah! senhores, permitam a um Bispo chorar diante de vós tanta desventura! A privação do pão espiritual que é a palavra de Deus, a impossibilidade de se reconciliarem com Ele, a falta de culto e de todo estímulo ao bem, exerce uma influência mortífera sobre a moral do povo. Também o homem instruído está sujeito a tal perigo, mas em menor grau, porque sua educação, sua cultura, o conhecimento teórico da Religião, ajudam de algum modo, a salvá-lo do gelo da indiferença, podendo ele senão de outra forma, associar-se com o pensamento, aos divinos mistérios, que se celebram em outros lugares e nutrir a mente, com leituras morais. Mas o pobre filho da gleba, como poderia ascender a pensamentos assim elevados? Para ele, mais que para os outros, o conceito da religião é inseparavelmente unido ao do Templo e do Padre. Onde todo o aparato religioso sensível se cala, ele pouco a pouco se esquece dos seus deveres para com Deus, e a vida cristã no seu espírito enfraquece e morre. Mas não morre nele a sede da verdade, o desejo do infinito. “O homem, diz um moderno filósofo incrédulo, tem naturalmente necessidade de Religião e de Culto. Ele é religioso por natureza, como por natureza é racional, ou melhor ainda ele é religioso porque é racional”. Esta necessidade é tanto mais sentida quanto menos é possível satisfazê-la. Isto se toca com a mão, em meio aos nossos migrantes, também lá onde, por falta de padre, reina soberano o materialismo mais desprezível. Imaginai quanto esta necessidade deva ser viva naqueles — e são a maioria que ainda experimentam a dignidade do próprio ser, ouvem ainda os apelos de sua consciência.¹¹

“Abandonados, longe, sem sombra de assistência religiosa”.

Os pobres camponeses que migram, quando não morrem pelo caminho, ou não sucumbem pelas privações ou pelo desgosto de se verem enganados, pode-se dizer que são abandonados, lá longe, sem sombra de assistência religiosa. É mais fácil imaginar que descrever o seu estado.

Os padres na América não são muito numerosos, e os poucos que existem, quase sempre desconhecendo a nossa língua, não poderiam, nem mesmo cumprir, como desejariam, os seus deveres pela simples razão que não seriam compreendidos pelos migrantes. Penso que, pelos migrantes estarem dispersos nas intermináveis superfícies, o sacerdote não poderia visitá-los, senão algumas vezes, rapidamente. Por isso o italiano que vive na América, é, geralmente falando, quase constrangido a levar uma vida pior que pagã, sem missa, sem sacramentos, sem orações públicas, sem culto, sem palavra de Deus, o que é já muito se batizarem seus filhos. Ora,

¹⁰ A migração dos trabalhadores italianos, Ferrara, 1899: é o título convencional da Relação que Scalabrini leu no Congresso Católico Nacional de Ferrara em abril de 1899 e publicada nos Atos e documentos do Congresso Católico, Veneza, 1899.

¹¹ Id.

é claro que semelhante estado de coisas deve conduzir insensivelmente aqueles infelizes a uma terrível indiferença em matéria de religião e a um materialismo embrutecedor (...).

Devemos lembrar-nos de que, na América faltam muitas vezes templos e sacerdotes católicos, a propaganda protestante ou massônica, conforme os lugares, nada deixa a desejar. Lá onde a voz do ministros de Deus não chega, chegam os folhetos descrentes, os romances imorais, os opúsculos e os livros das seitas. Portanto, se de um lado falta toda ajuda religiosa, do outro são abundantes as insídias contra a fé de nossos pobres compatriotas que, ou por interesse ou por ignorância de levianos, deixam-se levar pelos apóstolos do erro.¹²

“A maior parte dos males poderia ser evitada”.

O que mais entristece em tudo isto, é o pensamento de que a maior parte dos males religiosos, morais, econômicos, aos quais a nossa migração se expõe, poderiam ser evitados ou muito diminuídos, se as classes dirigentes, na Itália, fossem conscientes dos deveres que as ligam aos irmãos expatriados, porque as imensas terras da América não são tão nocivas de não poderem oferecer à nossa migração um canto tranqüilo. Nem todas as terras são assim tomadas pela especulação, são férteis e pode-se fazer contrato que assegure um justo salário aos trabalhadores. Tudo depende de saber orientar a nossa migração. Mas quando se faz isto na Itália?

Quando se falou ao migrante: Ide, este ou aquele contrato que vos é oferecido, estas e aquelas regiões que vos indicam, ocultam tais emboscadas. São sem garantia, insalubres, estéreis; ou também sendo férteis, são totalmente fora de qualquer meio de comunicação possível, tão segregada de todo convívio humano, que o fruto de vossas fadigas não poderá ser vendido, ricos e ao mesmo tempo pobres? Quando, se faz isto na Itália? Ao contrário, grita-se um pouco e se geme sob o açoite de algum acontecimento que naqueles nossos irmãos ofende o nosso amor próprio nacional, grita-se tem compaixão e também se reclama, alguma medida ao Governo. E depois? Tudo silencia, tudo se cobre com o esquecimento, tudo volta à calma. A interminável calma da onda que oculta a vítima e prepara as novas!¹³

d) O DESÍGNIO DE DEUS

“A migração é um bem e um mal”.

É indubitavelmente um bem, fonte de bem estar para quem vai e para quem fica, verdadeira válvula de segurança social, aliviando o solo do excesso da população, abrindo novos caminhos ao comércio e às indústrias, fundindo e aperfeiçoando as civilizações, alargando o conceito de pátria, além dos limites materiais, fazendo do mundo a pátria do homem; mas é sempre um gravíssimo mal, individual e patriótico, quando se deixa caminhar assim sem lei, sem freio, sem direção, sem tutela eficaz: não forças vivas e inteligentes ordenadas à conquista do bem-estar individual e social, mas forças que se chocam e freqüentemente se destroem reciprocamente, atividade desfrutada, em prejuízo e vergonha do país de origem. Não águas capazes de fecundar, mas torrentes sem leito, que perdem o tesouro de suas águas por entre as pedras e os abrolhos, quando não arrastam os campos já fecundados.¹⁴

“É instrumento da Providência também através de catástrofes”.

A migração é lei da natureza. O mundo físico, como o mundo humano estão submetidos a esta força que move e mistura, sem destruir, os elementos da vida, que transporta organismos

¹² A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 45-46.

¹³ A migração dos operários italianos, Ferrara, 1899.

¹⁴ I Conferência sobre a Migração (AGS 5/3).

nascidos em um determinado lugar e os semeia no espaço, transformando-os e aperfeiçoando-os de modo a renovar em cada instante o milagre da criação.

Migram as sementes nas asas dos ventos, migram as plantas de continente a continente, levadas pelas correntes das águas, migram os pássaros e os animais e, mais que todos, migra o homem ora em forma coletiva, ora em forma isolada, mas sempre Instrumento daquela Providência que preside e guia os destinos humanos, também através de catástrofes, para a meta, que é o aperfeiçoamento do homem, sobre a terra e a glória de Deus nos céus.

Isto nos diz a Revelação divina, isto nos ensinam a história e a biologia moderna, e é só alcançando esta tríplice fonte da verdade, que poderemos deduzir as leis reguladoras do fenômeno migratório e estabelecer os preceitos de sabedoria prática, que deve discipliná-los, em toda sua rica variedade de formas.¹⁵

“A grandeza religiosa e moral da causa dos migrantes”.

A grandeza religiosa e moral da causa dos nossos migrantes italianos, e a grandeza política e material desse hospitaleiro país que (como me dizia há poucos dias o insígne Presidente da República) abre-lhes a dois batentes, as portas da hospitalidade. São duas grandezas feitas para se confundirem em uma só e para manifestar ao século vinte, os segredos de uma nova era, onde não poderá faltar nem as bênçãos de Deus, nem as conquistas da civilização (...).

Percorri uma parte considerável da vossa gloriosa pátria e admirei com alegria misteriosa, que me entusiasmava, os grandes desígnios de Deus sobre a América. Celebrando o quarto centenário de Cristóvão Colombo, fui convidado a fazer conferências sobre isto, na Itália, pela simples razão de que a família de Colombo pertencia à minha querida Diocese de Placência, embora ele tivesse nascido em Gênova.

Uma destas conferências se intitulava: “Os desígnios de Deus sobre a América”. Pois bem, aquilo que eu pensava então, vi confirmado, durante a minha feliz estada entre vós, na minha longa viagem, pelos vários Estados da União.¹⁶

“Matura-se a união de todos os homens de boa vontade, com Deus, por Jesus Cristo”.

Aqui portanto, um dia, se a inércia, se a ignorância dos caminhos de Deus, se o repouso sobre os triunfos conquistados, se a opressão de santas aspirações, não desviarem os povos do plano divino, todas as nações terão gerações numerosas, ricas, felizes, morais, religiosas, as quais, cada uma conservando embora as características próprias de sua nacionalidade, serão estreitamente unidas.

Desta terra de bênçãos elevar-se-ão inspirações, desenvolver-se-ão princípios, desdobrar-se-ão novas forças misteriosas, que virão regenerar, reavivar o velho mundo, ensinando-lhe a verdadeira economia da liberdade, da fraternidade, da igualdade, ensinando-lhe que povos diferentes, pela origem podem muito bem, conservar sua língua, sua existência nacional própria, embora sendo política e religiosamente unidos, sem barreiras para ciúmes e divisões, sem exércitos, para se empobrecerem e se destruírem uns aos outros (...).

Eu espero, sim, á senhores, eu o espero. Porque, enquanto o mundo se agita deslumbrado, pelo seu progresso, enquanto o homem se exalta com suas conquistas sobre a matéria e manda como senhor na natureza, desentranhando o solo, subjugando o raio, confundindo as águas dos oceanos com os cortes dos ístimos, suprimindo as distâncias; enquanto os povos caem, ressurgem, e se repovoam; enquanto as raças se misturam, se estendem e se confundem, através dos rumores das nossas máquinas, para além deste trabalho febril de todas estas obras gigantescas e não sem elas,

¹⁵ A Itália no exterior, Turim, 1899, pp. 7-8.

¹⁶ Discurso no Clube Católico de Nova Iorque, 15-10-1901. “O arauto italiano — The italian herald”, Nova Iorque, 24-10-1901, p. 1.

amadurece na terra uma obra bem mais ampla, bem mais nobre, bem mais sublime: a união com Deus, por Jesus Cristo de todos os homens de boa vontade.¹⁷

“A Igreja Católica vitoriosa e pacificadora”.

Os servidores de Deus que trabalham inconscientemente para cumprir os seus desígnios são numerosos, em todos os tempos, mas nas grandes épocas históricas de renovação social são muito mais do que se conhece, mais do que se pensa: eles são inumeráveis. O fim supremo da humanidade pré-fixado pela providência não é a conquista da matéria, por meio da ciência mais ou menos avançada, e nem mesmo a formação dos grandes povos nos quais se encarna hora por hora o gênio da força, do saber, da riqueza, não; mas a união das almas, em Deus, por meio de Jesus Cristo e do seu representante visível, o Romano Pontífice. Os obstáculos que ainda se opõem ao altíssimo desígnio, desaparecerão pouco a pouco, e virá o dia, e virá antes de tudo neste vosso grande e glorioso país, no qual as nações conhecerão onde está a verdadeira grandeza, sentirão necessidade de retornar ao Pai e retornarão.

Que dia será aquele, senhores! Dia feliz, no qual todas as inflexões, todas as vozes, em diferentes línguas, elevarão ao Onipotente o cântico de louvor e de ação de graças. O sol da verdade resplandecerá mais luminoso e o arco-íris da paz se curvará sobre a terra, em todas as suas admiráveis cores. Será como um arco de triunfo sob o qual a Igreja Católica passará vitoriosa e pacificadora, atraindo a si o mundo moderno; e a sociedade, voltando a ser cristã, continuará na ordem e na justiça, a trilhar o caminho da verdadeira liberdade, da verdadeira civilização, do verdadeiro progresso.

Apressemos, com votos, com orações, com obras, aquele dia abençoado!¹⁸

“A antiga piedade está se despertando”.

Estou comovido sobretudo por quanto vi na minha longa peregrinação. Vi conservada a fé católica, em meio a dificuldades, sem número, nas fazendas, do grande Estado de São Paulo; vi a fé das colônias do Paraná e faço votos que também nas cidades da América Latina, se imite as cidades da América do Norte. Lá, surgem igrejas italianas em todas as cidades. Os nossos Missionários as assistem com outros religiosos. A piedade antiga está se despertando; a credibilidade e a consideração junto às autoridades aumenta cada dia, verificando-se, uma vez mais que, onde um apóstolo ergue a cruz, a civilização surge espontânea e o bem-estar material aumenta.¹⁹

¹⁷ Id.

¹⁸ Id.

¹⁹ Discurso em Curitiba, no Brasil, 28(?) - 8-1904 (AGS 3018/3).

2. A IGREJA E AS MIGRAÇÕES

“Onde estiver o povo que trabalha, e sofre aí está a Igreja” que tem a missão de “evangelizar os filhos da miséria e do trabalho”. A atividade da Igreja não se volta só para os infiéis, mas também, para os católicos expostos ao perigo de se tornarem infiéis causa da migração.

É necessário intervir ativa e imediatamente, porque “o futuro religioso e moral das populações migrantes depende daquela porção de religião e de moralidade” que deve ser logo preservada, como a herança mais preciosa de seu patrimônio cultural e espiritual. São necessários “heróis que vão evangelizar”, em condições perigosas mas não menos difíceis dos missionários, para os infiéis.

A preservação e a valorização do patrimônio espiritual exigem a conservação da cultura étnica: “religião e pátria se completam, obra de amor e de redenção”.

A pastoral dos migrantes deve ter presente este princípio. Tanto os missionários, quanto as Igrejas de acolhida devem respeitar a identidade cultural e a religiosidade própria do migrante. Portanto, deve ser concedida ao missionário a liberdade de ministério, sob a orientação do bispo, que sabiamente dirige a inserção dos migrantes, na Igreja local, respeitando os ritmos normais e não forçando, antes do tempo, uma assimilação que destruiria valores milenares de religião e de tradição.

A migração não é problema só da Igreja de partida, nem só da Igreja de destino; antes, sendo fenômeno e problema universal, é problema da Igreja universal. Portanto delinea-se a necessidade uma coordenação entre as Igrejas particulares, que só pode partir do centro. O problema é semelhante ao da atividade missionária “ad gentes”: como para esta, existe a Congregação de Propagação da Fé, assim para os migrantes católicos de todas as nações, constata-se a necessidade de instituir uma Comissão própria, ou menos uma comissão central, na Cúria Romana.

a) A PRESENÇA DA IGREJA

“Onde está o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja”.

A igreja de Jesus Cristo, que impeliu os operários evangélicos entre os povos mais bárbaros e nos lugares mais inabitáveis não esqueceu e não esquecerá nunca a missão que lhe foi confiada por Deus, de evangelizar os filhos da miséria e do trabalho. Ela, com coração inquieto, olhará sempre para tantas pobres almas que, em um isolamento forçado, vão perdendo a fé de seus pais e, com ela, todo sentimento de educação cristã e civil. Onde está o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja, porque a Igreja é a mãe, a amiga, a protetora do povo e terá para ele uma palavra de conforto, um sorriso, uma bênção.¹

“A Igreja está suscitando um novo e consolador despertar”.

É um novo, maravilhoso, consolador despertar que a Igreja está suscitando, em favor dos pobres e dos deserdados e mil vezes bendito quem souber colaborar, nesta obra de regeneração religiosa e social. Como grita o Apóstolo: quando goza um membro, todos os membros gozem; e se um membro sofre, todos os membros ajudem a aliviá-lo.

Se o passado foi triste, se ate ontem os nossos irmãos foram deixados entregues a si mesmos, lá nas infundáveis planícies da América, entre os Andes, nas Cordilheiras Rochosas, à margem dos

¹ A migração italiana na América, Placência, 1887, p. 50.

vastos lagos do Norte, ao longo dos rios da Prata, do Amazonas, do Orenoco e do Mississipi, nas costas dos mares e até nos bosques, a caridade cristã e a hodierna civilização nos impõem a colocar fim, a um estado de coisas tão deplorável e indigno de uni povo grande e generoso.

A luta que eu proponho ao pensamento e à ação do clero e do laicato italiano é grande, nobre, intencional, gloriosa, e nela poderão encontrar um digno lugar tanto o óbulo da viúva, quanto a oferta do rico, a humilde atividade das almas mais tranqüilas, como o ímpeto generoso dos espíritos mais ardentes.²

“Os infelizes, verdadeiramente infelizes”.

Ecoa dentro de mim dolorosamente, até agora, a voz de um pobre camponês lombardo, vindo a Placência há dois anos, do extremo vale do Tibagy no Brasil, para me pedir, em nome da numerosa colônia, um Missionário. “Ah, Padre, dizia-me, com voz comovida, se soubesse quanto temos sofrido! quanto temos chorado, junto ao leito de nossos caros moribundos, que nos pediam consternados um padre..., e não poder tê-lo. Oh Deus, nós não, não podemos mais viver, não podemos mais viver assim”. E o pobrezinho continuava, com rude, mas eloqüente linguagem, a narrar-me cenas verdadeiramente dolorosas. Eu confesso: nunca, como naquele momento desejei o vigor dos meus vinte anos, nunca lamentei, como então, a impossibilidade de trocar a cruz de ouro do Bispo por aquela de madeira do missionário para voar em auxílio daqueles infelizes, verdadeiramente infelizes, porque aos outros perigos para eles, se acrescenta o de cair no abismo do desespero.³

“Estamos aqui como animais”.

Na sessão da Câmara dos Deputados, de 12 de fevereiro de 1879, o deputado Antonibon, entre outras desoladoras notícias sobre as condições dos nossos migrantes na América, lia uma carta de um colono vêneta, que, como conclusão de uma íliade de sofrimentos, dizia: estamos aqui como animais; vive-se e morre-se, sem padre, sem professores e sem médicos.

Ora, cartas iguais a esta, neste ano recebi quase uma centena de pais de famílias, suplicando a obra protetora do meu Instituto. E não somente cartas me foram enviadas, mas mensageiros vindos especialmente de várias partes do Brasil, a fim de advogar mais calorosamente, com a palavra, a causa deles. daquelas pobres cartas não gramaticais e rabiscadas com assinaturas ilegíveis, e da palavra vibrante daqueles mensageiros transpareciam a necessidade do padre e do professor. Necessidade, que se fazia perceber, tanto mais fortemente, quanto maior a prosperidade material das colônias. Todas terminavam com as desoladoras palavras do pobre migrante vêneta; estamos aqui, como animais; vive-se e morre-se, sem padre, sem professores e sem médicos, as três formas sob as quais se apresenta ao raciocínio do pobre, a sociedade civil. Com meu Instituto de padroado, procuro exatamente satisfazer a estas três grandes necessidades humanas.

Manter viva nos corações, a fé de nossos pais, reavivar as imortais esperanças que vão além do túmulo, educar e elevar seu sentimento moral, pois que, o único tratado de ética do nosso povo é ainda, felizmente, o Decálogo.

Com os primeiros rudimentos de cálculos, ensinar na escola a língua materna e um pouco de história nacional e deste modo conservar acesa nos irmãos distantes, a face do amor pátrio e ardente, o desejo de revê-la.

Enfim, um pouco de conhecimento sobre a conservação da saúde, dando aos missionários, nos meses de noviciado, alguma instrução sobre o uso dos remédios mais eficazes e mais comuns, sobre o modo de prepará-los e administrá-los, e instituindo junto a cada casa dos mesmos missionários, pequenas farmácias. Considerada em si é bem pouca coisa, mas torna-se muito, quando se pensa na impossibilidade de ter médicos e medicamentos, lá nas imensas planícies

² Id., p. 53.

³ A migração dos operários italianos, Ferrara, 1899.

americanas, onde freqüentemente, tendo-se a possibilidade material, não se têm os meios econômicos.⁴

“O futuro religioso e moral dependerá da religião e da moral que conservarão”.

Portanto, a urgência de providenciar é evidente e aparecerá ainda mais, nas observações seguintes:

Os pequenos grupos de casebres, senieados agora, em uma espécie de deserto, estão destinados a se tornarem florescentes povoados e cidades, seja pelo natural aumento da população, seja por este fluxo da migração, que cresce, cada dia. Portanto, que acontecerá? Como é fácil prever, em poucos anos, teremos lá nas imensas planícies das Américas, uma nova Itália, talvez rica de bens materiais, mas pobre de bens do espírito, ou mais precisamente, teremos uma sociedade conforme a orientação que soubermos dar, desde o início.

As primeiras impressões são as mais fortes e duradouras, e as primeiras tradições garantem a uma família, a uma cidade, a uma colônia, a sua fisionomia própria. A história nos fornece inumeráveis exemplos.

Além disto, deve-se refletir que a índole dos nossos compatriotas é por sua própria natureza eminentemente flexível, de tal modo que facilmente se acomodam às condições dos lugares e dos povos, em meio aos quais a Providência os guia.

Portanto, o futuro religioso e moral das nossas colônias, na América, dependerá daquele tanto de religião e de moralidade, que estes primeiros núcleos de população conservarem. Eles serão formados por sentimentos civis e cristãos? Serão civis e cristãos os seus descendentes, e os que a eles se unirão, vindos da Itália, deverão mais ou menos espontaneamente se adaptarem as tradições de fé e de piedade que ali encontrarão já radicadas.

Serão deixadas no abandono? Vê-las-eis crescer à maneira de selvagens e também aqueles que virão depois tornar-se-ão, eles mesmos, selvagens.

Além disso, a tendência dos nossos migrantes de se estabelecerem em colônias, é um fato que não pode ser descuidado e que tornará menos difícil a tarefa de quem deverá orientá-los. Transcurá-la agora, que se trata de escolher bem a situação das futuras cidades e de lhes imprimir as características de religiosidade e de italianidade, do que depende sua prosperidade e sua importância futura, seria erro imperdoável. Aquelas características devem ser impressas imediatamente. Toda demora será fatal. Aquelas características serão como o vínculo que as unirá à pátria distante, pois muito mais que os interesses materiais, é a comunhão dos sentimentos religiosos e patrióticos que solidificam, de modo inquebrantável a unidade de um povo.⁵

“Heróis que vão evangelizar”.

Entre nós, nestes dez ou doze anos, em que se fala, com tanta freqüência de migração e de migrantes, que é que se fez? Não seria conforme a verdade dizer que foi feito, quanto se podia e se devia.

Graças a Deus, não faltam sociedades de proteção religiosa e civil que surgiram e dividiram entre si, por seleção espontânea, este novo campo de atividade.

Calo sobre a minha obra, porque vos é bastante conhecida e porque não quero abusar ainda mais de vossa paciente bondade. Direi apenas que, confiando em Deus e na sua Providência, se me dispus à árdua empresa, foi precisamente para estimular os de boa vontade a tentar também, na Itália alguma coisa, especialmente no campo religioso. Eu pensava: se o clero fornece heróis que vão evangelizar povos bárbaros, como não dará os generosos, que com menor perigo, e com menor dificuldade, se disponham a assistir os nossos compatriotas, principalmente nas Américas, entre os quais talvez terão parentes e amigos, certamente, conterrâneos? Se para enxugar as lágrimas passageiras, os ricos e os pobres da Itália, em várias ocasiões competiram, em obras de

⁴ O desígnio de lei sobre a migração italiana, Placência, 1888, pp. 47-48.

⁵ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 47-48.

caridade, dando, uns largamente o supérfluo, outros, tirando o pão da boca, o que não farão, quando souberem ser necessário enxugar o pranto que dura anos e continuará, de geração em geração se não forem tomadas providências? Quando refletirem que existe uma vergonha ser eliminada, que nos mostra incapazes aos olhos dos estrangeiros e nos torna desprezíveis diante deles?

Logo conscientizei-me que havia providenciado bem, pois que não apenas encontrei mãos que aplaudiam e palavras de louvor, mas, aquilo que mais importa, corações abertos, almas generosas vontades enérgicas, prontas para a ação até o sacrifício.⁶

“A benéfica ação da Cruz de Cristo”.

Por todos os lugares surgem igrejas, conventos, escolas cristãs, orfanatos, hospitais. A benéfica ação da Cruz de Cristo consola os migrantes e os encoraja, mantendo os princípios religiosos e preservando-os da corrupção e da apostasia, que pouco a pouco os conduziria a renegar não só o cristianismo, mas os seus deveres para com a pátria.⁷

“Para a Igreja, fonte incalculável de bens”.

O formidável problema da migração acerca do qual trabalham e o fazem quase sempre em vão os Governos, é, ao que me parece, destinado pela Providência, para conquistar um imenso prestígio social, para a S. Sé e vir a ser, para a Igreja, uma fonte de infinitas consolações e bens incalculáveis. Quem conhece as tendências dos nossos tempos não pode duvidar disto. Digo isto, porque, convençamo-nos bem, para resolvê-lo como convém, deve ser-nos leve todo sacrifício.⁸

b) RELIGIÃO E PÁTRIA

“Obra verdadeiramente cristã e altamente patriótica”.

Isto não tira dos italianos o dever de pensar que há lá irmãos que lhes pertencem de modo especial e que, de modo especial, precisam de sua ajuda. Abandoná-los a si mesmos equivaleria destruir neles toda ligação com a pátria e colocaria em dura provas a sua fé e a sua moral.

E não poderá ser chamada obra verdadeiramente cristã e altamente patriótica aquela que, quebrando a triste tradição de descuido que o passado nos deixou, procurar tornar melhor a sua sorte?⁹

“A nossa igreja, a nossa escola, a nossa língua”.

Religião e Pátria! São estes os dois grandes amores inseridos pela mão de Deus no coração da humanidade, palavra escrita, com letras luminosas nas bandeiras das nações cristãs. É à sombra desta bandeira imortal que os nossos pais lutaram e venceram. À sombra desta bandeira, as fronteiras se erguem serenas, as iras se calam, desaparecem as divisões das partes, as mãos fraternalmente se apertam repousam as famílias, dominam os homens.

Religião e Pátria! Unamo-nos todos ao redor deste sublime ideal, que na obra tutora da nossa migração, toma forma e figura e poderemos esperar para a nossa Itália dias melhores, poderemos esperar que se cumpram sobre ela, em tempo não distante os desígnios de Deus.

⁶ A migração dos trabalhadores italianos, Ferrara, 1899.

⁷ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 21-22.

⁸ Carta ao Card. G. Simeoni, 4-4-1889 (AGS 3/4).

⁹ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 28-29.

Ainda uma palavra e termino. Não faz anos, nos Estados Unidos os foram feitos enormes esforços para americanizar, se assim posso me expressar, os migrantes das várias nações européias.

A Religião e a Pátria choraram os milhões de filhos perdidos. Só um povo soube resistir àquela violenta tentativa de assimilação e foi aquele que havia escrito sobre sua bandeira: nossa igreja, a nossa escola, a nossa língua.

O senhores, não esqueçamos deste fato. Esforcemo-nos também nós, cada um na medida das próprias forças, para que muitos italianos, no exterior, tenham a mesma divisa, a mesma firmeza, a mesma coragem: pela religião e pela pátria.¹⁰

“Duas supremas aspirações de todo coração bem formado”.

Religião e Pátria: duas supremas aspirações de toda alma gentil se entrelaçam e se completam nesta obra de amor e de redenção que é a proteção ao fraco e se fundem em admirável acordo. As miseráveis barreiras erguidas pelo ódio e pela ira desaparecem, todos braços se abrem para um amplexo fraterno, as mãos se apertam calorosas de afeto, os lábios se abrem ao sorriso e ao beijo e eliminada toda distinção de classe ou de partido, aperece nela, embelezada pelo esplendor cristão, a sentença: Homem, irmão do homem.

Possam essas minhas pobres palavras serem a semente de excelentes obras que redundem para a glória de Deus e de sua Igreja, para o bem das almas, para a dignidade da pátria, para alívio dos infelizes e dos deserdados. A Itália, sinceramente reconciliada com a Sé Apostólica, possa emular suas glórias antigas, e alcançar uma outra imperecível, aviando sobre os luminosos caminhos da civilização e do progresso, também os seus filho distantes.¹¹

“Uma idéia tão simples, tão bela”.

Não sonhemos. Eis a minha idéia cândida e nua, como a verdade. É tão simples, tão bela, que não tem necessidade dos adornos de retórica, para ser apresentada às pessoas de bem.

Os jovens seminaristas que cada ano cumprem o serviço militar, na Itália, serão uma centena. Ora, o que haveria de mal para o nosso exército, se se ausentassem do serviço militar os jovens clérigos, que quisessem se inscrever, entre os missionários para os italianos, na América? Que exceção seria equiparada à igualdade de todos os cidadãos frente ao tributo militar, se os jovens italianos, que aspiram ao sacerdócio, em vez de três aborrecidos anos de quartel, fizessem cinco nas Américas a serviço dos nossos compatriotas, cooperando com a sua redenção religiosa e moral, ao mesmo tempo soldados da Igreja e do Estado? Com o ardente entusiasmo de sua jovem idade, com o zelo que não conhece obstáculos, com a galhardia dos vinte anos que não sente cansaço, que heróicos apóstolos teríamos! que professores infatigáveis! que harmonia de afetos religiosos e civis, nas jovens consciências, que ao primeiro encontro com a vida pública, experimentam sob a forma de um benefício, a mão da pátria! quanto reconhecimento por não terem sido afastados dos seus estudos e não condenados, por três longos anos, aos rudes quanto inevitáveis contatos do quartel, que os perturba e os humilha!¹²

c) PASTORAL DOS MIGRANTES

“Para o bem-estar religioso, moral e civil dos nossos migrantes”.

Irmãos e filhos caríssimos, continuai a empregar toda a vossa capacidade e força, para o bem-estar religioso, moral e civil dos nossos compatriotas, procurando manter vivo neles o amor à

¹⁰ A Itália no exterior, Turim, 1899, p. 23.

¹¹ A migração italiana na América, Placência, 1887, pp. 53-54.

¹² O desígnio de lei sobre a migração italiana, Placência, 1888, pp. 51-53.

mãe pátria. Guardai-vos de fomentar entre eles, o que possa separá-los de seus novos concidadãos, e destacá-los de qualquer modo, dos outros fiéis. Cabe a vós fazer com que os italianos não se distingam, senão por maior respeito à autoridade, por uma conduta mais exemplar, por uma operosidade maior, por uma observância mais exata dos seus deveres, por um apego mais vivo à fé de seus pais. Bons como são e católicos, naturalmente, eles facilmente responderão como fizeram até agora, aos vossos cuidados, contanto que vos vejam laboriosos e desinteressados.

Sede para eles modelos em todas as coisas, em fazer o bem, nas palavras, na pureza dos costumes, na gravidade, de tal modo que, como escreve o Apóstolo, quem vos é contrário conserve o respeito, não tendo nada de que falar de vós. A exemplo dele, vos repetirei com S. Bernardo: honrai vosso ministério. Vede que digo ministério e não senhorio, ministério e não vós mesmos. Honrai ainda o vosso ministério, não com vã ostentação, mas com costumes íntegros, com solitudes espirituais e com obras santas.¹³

“Obra de evangelização confiada ao zelo e à sabedoria do episcopado americano”.

Agora posso assegurar que hoje a Sagrada Congregação romana leu com viva satisfação, aquelas belas páginas, nas quais Vossa Excelência tão bem demonstra a importância da obra que empreendi e nas quais faz, justamente, notar que do seu sucesso, não depende somente o futuro de tantos católicos italianos, lançados para além dos mares, pela migração, mas também o sucesso das grandes obras de evangelização confiadas ao zelo e à sabedoria do episcopado americano. De fato, os homens estão muito habituados a deduzir as conclusões lógicas e rigorosas dos fatos que acontecem ao seu redor. Hoje, mais que nunca, o sistema experimental tende a prevalecer. Portanto, é natural que os seus compatriotas protestantes, vendo a ignorância e a indiferença religiosa de um grande número, para não dizer da maioria dos italianos migrantes, concluam que a vida cristã deve ser bem pouco intensa em nosso país, se tantos filhos seus perdem tão facilmente a fé e abandonam a prática dos deveres do cristianismo. Ora, assim como a Itália não é somente um país exclusivamente católico, mas é o centro da nossa Santa Igreja e a residência do seu Chefe Supremo, segue-se, como V. Excelência bem ressalta, que os protestantes são levados a crer que o catolicismo está em decadência e que a causa desta decadência é, sem dúvida, a ausência de fé e de virtude, causada pela incompetência dos padres, ou por sua negligência culpável. Estes erros, sem dúvida, precisam ser combatidos, mas é necessário, sobretudo eliminar as principais causas, que os geram. Ora, da prosperidade e do sucesso da obra que empreendi, depende a cura destes males, que nós deploramos e que é igualmente nocivo, para a propagação da fé, na América, se não se conservarem as tradições cristãs e os princípios do catolicismo, nos milhões de migrantes italianos, que habitam o continente americano.

Por estas razões a Propaganda acolheu a minha obra, com a maior benevolência e vê com satisfação, que ela é apreciada pelo episcopado americano e em particular por V. Excia, que é um dos bispos mais famosos e mais cultos do Novo Mundo.¹⁴

“Exercer livremente o ministério sob a dependência de Vossa Excelência”.

Recebi sua cordialíssima carta de 10 de fevereiro, acompanhada da generosa oferta de mil libras para o nosso instituto. Sinto-me incapaz de agradecer-lhe quanto desejaria, mas o afeto e a gratidão é também boa moeda, e eu entendo pagá-lo com esta, Excelência.

Espero que a esta hora o Pe. Marcelino tenha exposto as minhas idéias acerca dos Missionários a serem enviados a Nova Iorque. Espero mandar-lhe três e mais um irmão catequista, dentro de alguns meses mas seria necessário que houvesse ali, uma casa para hospedá-los, devendo, possivelmente levar vida comum, e uma Igreja, que poderia ser o subterrâneo, onde pudessem

¹³ Aos missionários para os italianos nas Américas, Placência, 1892, 11-12.

¹⁴ Carta a D. J. Treland, 12-3-1889 (AGS 3/1). D. Ireland, arcebispo de S. Paulo, Minnesota, foi o principal interlocutor estadunidense da S. Sé, sobre problemas da migração.

exercer, livremente, sempre sob a absoluta dependência de Vossa Excelência Reverendíssima, o sagrado ministério. Caso seja possível, conveniente e prudente, subtrair os italianos da jurisdição paroquial e colocá-los aos cuidados espirituais dos nossos Missionários, cada coisa conseguiria sua realização. Mas tudo isto, a critério de V. Excia., que fará o que julgar oportuno, no Senhor. Quanto a mim, desejaria mesmo que o senhor, que merecidamente goza de tanta estima junto à Santa Sé, fosse o primeiro dos Bispos Americanos a abrir uma casa dos nossos padres. É uma obra que quase realizamos juntos, enquanto o senhor se dignou encorajar-me, desde o início e prometer-me seu alto patrocínio.

Da casa de Nova Iorque, crescendo os Missionários em numero, poderiam a seguir, se difundir, como de uma central, nas outras dioceses, que lhes pedissem. Depois, em Nova Iorque poder-se-ia também, ao que me parece, abrir alguma escola para os filhos dos italianos, algum jardim de infância, dirigido por Religiosas; constituir os comitês de padroado para os nossos migrantes, a exemplo das Associações de S. Rafael, para os alemães, e como se faz para os irlandeses.¹⁵

“Sem liberdade de ministério consegue-se pouco, ou nada”.

Ao Senhor Arcebispo do Rio de Janeiro pedireis humildemente, se permite aos nossos Missionários retornar à missão de Nova Mântova e às colônias italianas circunvizinhas. Além disso, dar-lhes-ei a conhecer o que o Santo Padre quer a este respeito. Por isso vos transcrevo a seguinte deliberação como se lê na disposição 2978, da Propaganda Fides: “Quanto aos Bispos do Brasil o Santo Padre quer que concedam aos missionários as faculdades necessárias, - diretamente e sem dependência dos Párocos e de Vigários autóctones, autorizando-os, quando necessário, a separar da circunscrição paroquial, os territórios habitados pelos italianos, constituindo novas paróquias, a serem confiadas à direção dos referidos missionários”.

A experiência destes anos demonstrou que sem liberdade de ministério, embora com qualquer dependência dos párocos autóctones, consegue-se, nada, ou bem pouco.

O mesmo levareis ao conhecimento ao senhor Bispo de São Paulo, assegurando-lhe ainda que, se aceitar a proposta, lhe serão enviados Missionários verdadeiramente sábios e piedosos. Observar-lhe-ei também que se algum missionário não foi bem sucedido, como deveria, encontra uma atenuante na falta de apoio da parte de quem deveria favorecer-lhe. Talvez o seu antecessor, como o falecido Bispo do Rio, não puderam fazer o que teriam desejado fazê-lo.

Se puder estender-se até Curitiba, pedireis também àquele Bispo se permite reocupar a Missão já ocupada por Pe. Colbachini, missão com casa, igreja e vários oratórios. Manifestareis também a Ele o desejo do Santo Padre.

Em todo caso, seria bom que os bispos acima mencionados colocassem por escrito as condições com que os missionários seriam aceitos e todas as disposições que quisessem tomar para este fim.¹⁶

“Sejam concedidas aos missionários, as faculdades paroquiais”.

Acontece freqüentemente, aos nossos missionários encontrarem muitos italianos em seu caminho. A chegada do homem de Deus passa de boca em boca, como a boa nova, para aqueles míseros que, chorosos e festivos acorrem aos seus passos, porque no padre italiano, não somente vêem reviver as imagens da religião e da pátria, mas sabem colocar em seu seio, aquilo que onera suas consciências, sem dizimar o escasso pão de seus filhinhos. São concubinatos forçados, são filhos ainda não regenerados pelas águas batismais, são os mil casos de consciência de uma vida

¹⁵ Carta a Dom M. A. Corrigan, 27-2-1888. (Arquivos diocesanos de Nova Iorque). O Arcebispo de Nova Iorque foi o primeiro a solicitar o envio de missionários Scalabrinianos para a América. Pe. Marcelino Moroni foi enviado, por Scalabrini a Nova Iorque, para preparar a chegada dos primeiros missionários.

¹⁶ Carta a Pe. Marchetti, 26-12-1884 (AGS 3023/2). “A missão de Nova Mântova etc”., foi aberta em 1888 pelos scalabrinianos no Estado do Espírito Santo. Pe. Pedro Colbachini teve de abandonar as “colônias de Curitiba em 1894 por razões políticas. Pe. José fundou o Orfanato Cristóvão Colombo, de São Paulo.

quase desligada de todo vínculo civil... Mas ai de mim, o pobre Missionário não tem as faculdades, para aquela paróquia, o pároco ou não pode ser interpelado, ou não quer concedê-las (...).

Temo ultrajar a perspicácia e o zelo de Vossa Eminência, se eu empregasse palavras para relevar tamanha desordem. Porém, é necessário reparar e logo, porque semelhante vergonha não só torna odiosa a religião e fornece um pretexto aos espíritos desabusados ou maldosos, para combatê-la e esclarecê-la e colocam a dúvida e a descrença naquelas pobres almas simples dos colonos, os quais se habitam a viver sem o padre (não podendo pagar fartamente aquilo que deveria ser gratuito) e que julgando as instituições pelos efeitos práticos, devem tirar bem tristes conseqüências para a sua fé, da evidente impotência do bem e do espírito de desinteresse e de sacrifício, contra os males, o egoísmo e a simonia.

Termino, pedindo novamente à Vossa Eminência, para que consiga obter quanto já foi decidido a respeito, por esta Sagrada Congregação, isto é, que os bispos do Brasil separem as colônias italianas das paróquias brasileiras, deixando aquelas inteiramente sob a dependência dos Missionários para os italianos migrantes. Compreendo que se trata de coisa muito difícil, mas é preciso tentar conseguir.

Proponho e peço, como provisão completamente indispensável, que sejam concedidas aos referidos missionários todas as faculdades paroquiais, no que diz respeito aos colonos italianos, ainda que seja com a obrigação dos mesmos missionários referirem aos respectivos párocos, cópia exata dos batismos conferidos e dos matrimônios celebrados.

Se não se obtiver do Episcopado de nenhum modo para os nossos missionários, plena liberdade de ação, nem o exercício absoluto das faculdades paroquiais, acredito que seria melhor retirá-los do Brasil e dar-lhes nova desatinação, pois considere um grande prejuízo e uma grande responsabilidade de consciência, desperdiçar forças preciosíssimas, em trabalho santo, mas esterilizado pela má vontade dos homens.¹⁷

“A idéia da nacionalidade”.

A idéia da nacionalidade não é uma idéia convencional, mas real. Vários elementos concorrem para concretizá-la: tradições históricas, comunhão de raças, afeto ao lugar de origem, tradições locais ou de família, glórias e dores comuns etc....

A idéia da nacionalidade é conforme às necessidades do homem e não, sem forte razão, Deus dividiu os homens em nações diferentes, e estabeleceu confins entre os povos e nações.

Esta divisão é necessária para o progresso moral e material da humanidade. A diferença de talento das várias linhagens, a admirável variedade de tendências, de aspirações, de afetos, que distinguem um povo de outro, contribuem para criar aquele grande movimento intelectual que faz a humanidade progredir e satisfaz às novas necessidades dos tempos e dos lugares.

A divisão dos homens nas várias origens, nas várias nações, gera a emulação, fonte primeira da atividade moral, intelectual e material do gênero humano.

Sem dúvida, as lutas e os ciúmes entre nação e nação produzem erros e muitas vezes também injustiças; mas estas lutas mesquinhas, estas condenáveis cobiças não excluem que a grande emulação, entre o povo e povo, a corrida trabalhosa, para o melhor, onde cada um procura preceder o vizinho e o adversário, não sejam fadoras do progresso real e verdadeiro, e portanto do bem.¹⁸

“O ambiente, a educação, as tradições, a religião e a cultura criam o sentimento da nacionalidade”.

¹⁷ Carta ao Card. G. Simeoni, 4-9-1889 (AGS 3/1).

¹⁸ Memorial sobre a necessidade de proteger a nacionalidade dos migrantes — A Leão XIII. Esboço de 1891 (AGS 3014/1). Em março de 1891 Scalabrini foi encarregado por Leão XIII de elaborar um memorial “sobre a necessidade de proteger as várias nacionalidades” dos migrantes. O memorial foi escrito pelo marquês G. B. Volpelandi, sob inspiração, senão ditado, por Scalabrini.

O ambiente e a educação, geralmente criam o sentimento de nacionalidade, sentimento providencial que torna cada um feliz por seu próprio país, e que por consequência, impede que os cidadãos de uma pátria menos dotada que muitas outras, aspirem a abandonar a pátria para, por capricho, escolher uma outra, em país mais rico, de clima melhor, de comércio mais fácil.

Sobre esta consequência providencial do amor à pátria, foi-me dado refletir muitas vezes, ao atravessar países infelizes, seja pela esterilidade do terreno, como pela escassa beleza de lugares, ou também por um número de circunstâncias que os tornam feios e desanimados. Por todas as partes encontrei os autóctones animados de afeto, pelo solo nativo e disse a mim mesmo: — Que felicidade! Que providencial disposição de Deus! Se aqueles vissem a sua pátria com os olhos com que eu a vejo, abandoná-la-iam imediatamente, e então teremos lugares inabitados e outros, onde os homens se degolariam para ocupar um lugar: em um mesmo país, teremos regiões desertas e outras super povoadas.

Ao contrário, as tradições familiares, de juventude, o ambiente moral e material, a parentela, os costumes fazem esquecer os mais graves inconvenientes, os quais não conseguem matar, nem mesmo enfraquecer o amor à pátria, que é o fundamento da teoria da nacionalidade.

Considerando bem as coisas, a Religião tem muito, ou melhor, talvez, a parte principal, no sentimento de nacionalidade, mas não é a única a constituir a idéia nacional. É o complexo moral, religioso e material do ambiente pátrio que constitui esta idéia, da qual vimos antes o benefício e providencial efeito, para a paz do mundo e a felicidade dos homens.

A cultura de um povo aumenta nele o sentimento de nacionalidade, porque o determina, da melhor forma em sua mente. Aí nós vemos, que, com o progredir dos tempos, a aversão a toda dominação estrangeira tomou-se irresistível e aqueles mesmos povos como o italiano e o eslavo do sul, que no passado tanto suportaram, hoje se opõem vigorosamente àquilo que mais ou menos toleravam, ontem.¹⁹

“A influência que o sentimento nacionalista pode exercer sobre a idéia religiosa”.

Muito se poderia dizer sobre a influência que o sentimento nacionalista pode exercer sobre a idéia religiosa, ou melhor sobre a Religião de um povo e dos cidadãos que o compõem. É suficiente, porém, repetir quanto foi dito acima, ou seja, já que o ambiente, a educação e as tradições históricas e de família são poderosas, antes, fatores exclusivos da idéia nacionalista, a Religião tem a principal parte entre as causas que dão origem ao amor pátrio e a idéia nacional.

O homem tem dois grandes afetos que o acompanham, em toda parte, o amor de Deus, dos pais e da família. Ambos formam junto a algum elemento, a idéia da nacionalidade. Por isso, até que o homem permaneça, embora passivamente, fiel à religião de seus pais, experimenta o amor da família e com ele o amor da pátria. O homem que abandona a religião, o apóstata, abandona também o sentimento nacional. Daí deve-se concluir que a fidelidade à religião traz consigo a fidelidade à pátria, a menos que um conflito fatal, colocando em choque os dois grandes afetos de religião e pátria, não impulsione os iludidos a sacrificarem o primeiro ao segundo, coisa que invariavelmente aconteceu no passado, onde o conflito foi contínuo.

As grandes agitações religiosas tiveram esta origem. O cisma da Igreja Oriental foi provocado, em grande parte, pela intolerância dos Orientais em obedecer Roma (...). Assim uma após outra, perderam-se as Igrejas Orientais e tanto este fato é verdadeiro que Leão XIII o reconheceu, quando, para reconduzir estas Igrejas à suspirada unidade, ordenou que fossem respeitados os ritos e as tradições antigas, não diferentes da doutrina católica e proibiu formalmente, que se latinizassem os orientais convertidos a fim de lhes fazer compreender que no catolicismo todos os povos têm direito de cidadania e que, como religião universal, ela respeita todas as nações e seus direitos, as suas legítimas aspirações, o seu patriotismo.

¹⁹ Id.

Também a heresia protestante foi sustentada pelo sentimento nacionalista mal interpretado. As tradições de Armínio, o desejo de esmagar o Papado, considerado como instituição latina, e portanto aquilo que muitos alemães chamam ainda “a maldade latina”, foi suficiente para expandir o protestantismo não só na Alemanha, mas nos países escandinavos e na Inglaterra. O Papa apresentado como soberano estrangeiro, embora espiritual, foi o suficiente para instigá-los contra o sentimento nacionalista e isto foi suficiente, para fortificar por muito tempo a heresia (...). Assim, igualmente, se o catolicismo se mantém seguro na Irlanda e na Polônia, é porque o anglicanismo e o cisma são religiões dos conquistadores estrangeiros e porque o povo vê, na Religião Católica a salvação da Pátria. E por isto em tempos idos, antes da emancipação dos católicos (1827) os ingleses quiseram protestantizar a Irlanda a ferro e fogo, certos de que abandonando a religião de seus pais, os irlandeses teriam também perdido o sentimento nacional. O mesmo fizeram os russos sem maior sucesso, na Polônia. Aqueles não se acreditaram seguros, porque viam no catolicismo o fundamento do sentimento pátrio na Polônia, e pensavam que esmagado aquele, este diminuiria, se produziria a completa assimilação, entre conquistadores e conquistados.²⁰

“A idéia nacional influi sobre a conservação ou a perda da fé”.

Não existe dúvida de que a idéia de nacionalidade seja um dos sentimentos chamados a exercer grande e às vezes, decisiva influência sobre a conservação ou perda da fé de um povo.

Do mesmo modo que as idéias filosóficas têm a sua repercussão na vida social de um povo, como comprova a história antiga e moderna, a idéia nacionalista sempre influiu sobre o sentimento religioso e tanto mais influiu, quanto mais vivo o sentimento patriótico.

O que consolidou o cisma e deu tanta força ao protestantismo foi o conceito de que as duas formas de cristianismo foram garantia de independência nacional.

Os grandes fundadores de religiões, quase sempre procuram colocar juntos os conceitos de pátria e de religião, a fim de que o sentimento nacionalista sustente a fé do povo e seja a alavanca, com a qual se possa levantar do antigo estado, para arrastá-lo no novo caminho e atá-lo ao seu carro (...).

Infelizmente, toda vez que o sentimento religioso apareceu em conflito com a idéia nacionalista, esta se rebelou, e como os homens são mais sensíveis às coisas concretas que às abstratas improu a apostasia das nações e o indiferentismo mais ou menos hostil (...).

A idéia nacional influi sobre a conservação ou a perda da fé de um povo, ou melhor, é elemento fundamental da fidelidade deste povo, à Igreja, ou de sua apostasia.

Isto vale tanto para as nações, tomadas no aspecto geral, como para os indivíduos. Mais particularmente nestes é certo que se evidenciam os mesmos sintomas, que no inteiro corpo social e nacional.

Enquanto o homem vive no próprio país, mais ou menos conserva os sentimentos comuns à maioria de seus compatriotas. Existem exceções, mas elas não mudam a regra.

Para o migrante a coisa muda.

Ele vive atirado, em terra estrangeira e como que afogado no grande mar de um outro povo, ou nos países mistos, de mais povos que tem costumes, tradições e hábitos totalmente diferentes dos seus²¹

“O que mantém a vida católica é o ambiente religioso”.

Talvez a fé seja a coisa que um católico perde, mais facilmente, em terra estrangeira, quando o país em que habita seja cristão, mas heterodoxo.

O que mantém a vida católica é o ambiente religioso. As idéias são patrimônio de poucos. Um pensador pode ser católico em Roma, em Nova Iorque, entre os lapões, os esquimós, os chineses

²⁰ Id.

²¹ Id.

e os turcos. Um operário que não pensa, e que é dominado pelas idéias materiais, não se mantém, na religião de seus pais, quando se encontra lançado, em terra estrangeira, senão com a condição de encontrar ali, alguma coisa que lhe recorde o ambiente que deixou, abandonando a pátria, e conservando um afeto intenso e inalterável mal, por suas tradições nacionais. Por isso, também nos países católicos, como a América do Sul, o sentimento nacionalista vem sustentar o sentimento religioso e o pobre migrante tem necessidade, não só da assistência de um sacerdote católico, mas do afetuoso cuidado de um apóstolo, que cultive nele as antigas tradições da pátria e da família, que são o fundamento de sua fé.²²

“Se o migrante conserva as tradições, permanecerá católico”.

Se ele conserva as tradições pátrias, permanecerá católico, se as perde tornar-se-á protestante, insensivelmente, nos países protestantes; maçom ou indiferente nos países católicos, ainda mais, porque não faltarão incentivos, também da parte de compatriotas transviados, para arrastá-lo à apostasia.

Mas a tradição é o maior obstáculo para esta apostasia, o povo que não pensa, portanto, está sujeito à menor variedade de sentimentos, é mais firme nas tradições que a pessoa culta, mas, vice-versa, quando neles estes sentimentos tradicionais se enfraquecem esta memória perene do solo nativo, que se sintetiza, na casa paterna, na Igreja, nas sagradas funções, no pároco, ele se transforma, radicalmente e assimila-se ao novo ambiente, ou perde todo princípio, torna-se um isolado, um homem para si mesmo, todo voltado à materialidade, sem ideais e sem princípios sobrenaturais.²³

“O homem não pode viver abandonado e isolado”.

O operário que perde as tradições nacionais, perde em grande parte a razão de ser de sua fé e ao contrário, quando mantém intacta a fé, conserva também intacta as tradições nacionais.

Os milhões de católicos italianos, espanhóis, alemães etc. que se perderam no grande mar do protestantismo ou do indiferentismo da América do Norte, se perderam, porque desde que desembarcaram naquela terra longínqua e estrangeira, sentiram-se abandonados e isolados.

Ora, o homem não pode viver por muito tempo abandonado e isolado. O homem é essencialmente um ser social. Pode resistir por um pouco, o isolamento, mas quando, em terra estrangeira, não experimenta saudades, acaba por se adaptar ao ambiente e quando, como a maioria dos nossos migrantes, é ignorante com os novos hábitos nacionais, toma também os hábitos religiosos da nova pátria, apostatando dos dois grandes sentimentos do coração humano: o nacional e o religioso.²⁴

“Considero necessárias as escolas”.

Considero necessárias as escolas italianas aqui, porque só a língua nacional poderá dar aquela unidade e aquela força que atualmente faltam a numerosíssimas populações de migrantes. Todas as crianças devem saber falar a língua italiana e, por meio dela, todos devem aprender a história pátria e devem saber nutrir no coração, o ideal que nos une a ela.

Atravessando o Oceano no “Liguria”, não fiz senão confessar, um por um, os mais de mil migrantes que viajavam comigo. Quanta emoção, quantas lágrimas vi correr dos olhos daquela pobre gente, quase toda siciliana! Eles escutavam minhas palavras que recordavam a pátria que eles abandonaram. A bordo do “Liguria”, em alto mar, sob o toldo onde tinham preparado um altar, com a mitra e com o báculo, rezei solene missa e distribuí a primeira comunhão aos

²² Id.

²³ “O Progresso Ítalo-Americano”, 7-8-1901, p. 1.

²⁴ Carta aos italianos de Boston, 28-10-1891, citado por V. Gregori, vinte e cinco anos de missão entre os imigrantes italianos de Boston, Mass. 1888-1913. Milão, 1913, p. 246.

pequenos migrantes e conferi o crisma. Depois fiz a pregação. Não desaparecerá mais do meu coração e da mente a lembrança daqueles momentos: falei àqueles italianos da Pátria e da Religião: vi-os todos chorarem!

Oh! por que estes mesmos sentimentos não permanecem íntegros naqueles corações, no futuro? Por que descuidar de conservar viva neles a língua italiana?

Eu vim aqui “para fazer” e todos os meus esforços estão voltados para que nesta ordem de idéias entre também o clero americano. Falei sobre isto também a Dom Corrigan: reputo necessário que os italianos, antes de tudo, para que a mesma fé religiosa seja difundida e reforçada entre eles, se conservem unidos, conservando a língua pátria. Penso ser necessário que também entre americanos ninguém contradiga este propósito.²⁵

“Escola e Irmãs”.

Eu rezarei por todos vós, porque desejo que esta colônia de Boston se torne a mais florescente e a mais religiosa dos Estados Unidos. Mas, para que possais obter esta graça, deveis manter viva a idéia da Escola Italiana e das Irmãs.²⁶

“Catecismo único”.

Os próprios missionários encontram grande dificuldade na instrução catequética, dada a multiplicidade de textos usados nas várias dioceses. Portanto seria necessário adotar um único e poderia muito bem ser aquele de Placência, adotado por grande parte das dioceses da Alta Itália e também do Piemonte. Que diz Vossa Eminência? Mas penso que o Santo Padre satisfará o mais breve possível, o desejo universal de um catecismo único, e então toda questão estará resolvida.²⁷

“Acompanhar os migrantes tanto quando vão, quanto no seu retorno”.

Eminência, existe quem diz que acompanhar os migrantes, tanto quando vão, como quando retornam, é obra de grande importância e caridade, sobretudo agora que os episcopais estafele. Cercam suas missões, nos navios italianos, como ficou decidido no sínodo realizado em S. Francisco, em setembro passado.

A fim de paralisar, tanto quanto possível, sua nefasta obra, informei sobre isto as várias direções, as quais darão ordens oportunas a este respeito, porém mais que tudo, haverá assistência do padre católico.²⁸

“A necessidade de um orfanato italiano”.

Parto de São Paulo, muito contente por ter combinado com este excelente Bispo várias coisas, que serão de grande proveito, para as almas de nossos compatriotas aqui, mais que na Itália, sedentos da palavra de Deus e de Sacramentos. Estão nesta Diocese mais de duas mil fazendas que os Missionários de São Carlos como verdadeiros apóstolos, percorrem incansáveis, com a maior freqüência possível, mas não certamente mais de uma vez por ano, apesar de serem doze. É necessário aumentar o número também, para providenciar melhor assistência destas importantes obras de caridade, criadas por eles há dez anos. Os órfãos italianos acabavam todos de maneira ignominiosa. Os primeiros missionários enviados para cá perceberam logo a

²⁵ Carta ao Card. A. Agliardi, 1898 (AOS 3020/2).

²⁶ Carta a E. Schiaparelli, 30-1-1888 (AOS 2/1). O egiptólogo Ernesto Schiaparelli era secretário da Associação Nacional, para socorrer os missionários católicos italianos de Florença e foi o primeiro secretário da Obra Bonomelli.

²⁷ Carta ao Card. G. Simeoni, 12-10-1890 (AGS 4/1). O Cardeal respondeu afirmativamente.

²⁸ Carta ao Card. M. Ledóchowski, 17-2-1902 (AGS 9/2). O Card. Miecislao Ledóchowski sucedeu ao Card. João Simeoni, como Prefeito de Propaganda Fide.

necessidade de um orfanato italiano: corajosamente colocaram mãos à obra e Deus lhes veio em auxílio. São 802 os jovens já recolhidos, instruídos e com o aprendizado de um ofício: e são 242 jovens que estão aqui, divididos em dois estabelecimentos, grandes e bem situados fora da cidade, onde eles estudam, rezam, aprendem um ofício, aqui em casa e se preparam para serem bons cristãos. Vivem de esmola que os missionários recolhem, nas suas contínuas peregrinações apostólicas. Aquilo que mais me surpreende é que não têm dívida de nenhuma espécie. É Deus que vê e provê.²⁹

“Um hospital, símbolo de união e de paz”.

O vosso desejo de ver concretizada a ereção de um hospital, para os italianos não poderia ser mais legítimo, mais santo, mais oportuno, e eu não posso senão abençoá-lo. Certamente nada agrada tanto a Deus, quanto o cuidado dos enfermos. É uma das formas mais belas da vida cristã e civil (...).

Mas o cuidado dos enfermos, útil e louvável, em todo lugar e sob todas as formas, torna-se uma necessidade absoluta entre os que estão fora da pátria. Um dever essencial entre aqueles, para os quais a nacionalidade deve ser um vínculo fortíssimo e deve ocupar o lugar da família, na pátria. Vós tendes muito bem acenado, honrados senhores, na Vossa caríssima carta. Em uma sociedade como a desta considerável metrópole, onde cada nacionalidade tem os seus templos e os seus hospitais, seria para a colônia uma desonra, não tê-lo.

Suna portanto, e suna logo, fruto da inteligência e da eficaz cooperação de todos, o pio edifício idealizado, e seja em vosso meio um perene símbolo de união e de paz. Convém que no terreno da caridade, toda divisão seja extirpada, toda iniciativa tenha passagem livre, sem exclusão ou preferência, sem consideração de partidos, sem nenhuma distinção.³⁰

“Meios de difusão”.

Interessa, em grande parte, tornar conhecido ao público, e especialmente aos homens da Igreja, a grandeza da necessidade espiritual em que se encontram os migrantes italianos, na América, e a urgência de providenciar.

Isto favoreceria imensamente a partida dos sacerdotes, a instituição dos comitês, dos quais se falou antes, e os outros meios de difusão que se costuma utilizar, para coisas semelhantes, sem esquecer os periódicos religiosos, e qualquer opúsculo especial, fartamente distribuído a fim de colocar a par dos fatos, o público católico italiano.

O Sr. Gladstone, para trazer um exemplo de outro campo, não tendo conseguido como ministro, e com os fortes meios com que dispunha, a libertação da Irlanda, tenta obtê-la agora esclacendo o povo inglês com o opúsculo: A história de uma idéia. Se outros pensam em facilitar e facilitarão a consecução do seu fim, isto é, a libertação de um povo do jugo político, por meio da imprensa, porque esta não deverá servir para facilitar a libertação de nossos co-nacionais de uma escravidão, muito mais prejudicial?³¹

d) A MIGRAÇÃO, PROBLEMA DE TODA A IGREJA

“Uma Congregação, que em nome do Santo Padre, ordenasse as providências para o caso”.

²⁹ Carta a Pio X, 22-7-1904 (AGS 3019/3).

³⁰ Carta a um comitê italiano de Nova Iorque, 10-12-1890 (AGS 3/2). O Hospital Cristóvão Colombo foi aberto por Pe. Felice Morelli boteriormente adquirido por Sta. Francisca Xavier Cabrini.

³¹ Carta ao Card. G. Simeoni, 16-2-1887 (AGS 1/1).

E agora me permito, Santo Padre, expor-lhe minha idéia. Vossa Santidade se propôs o sublime e fecundo programa: Instaurar tudo em Cristo. Agora a Igreja, que com a admirável Instituição de Propaganda Fidei gasta tanto dinheiro e emprega tantos padres na difusão da fé, entre os infiéis, não fará algo semelhante, para a conservação da fé entre os migrantes de todas as nações e de todas as regiões católicas: italianos, alemães, espanhóis, portugueses, canadenses etc.? Uma Congregação especial que se dedique a este problema, o maior do nosso século, obteria honra para a Santa Sé Apostólica, aproximando os povos, como terna mãe e produziria um bem imenso. Nos Estados Unidos da América do Norte atingem milhões as perdas do catolicismo, certamente mais numerosas que as conversões dos infiéis, realizadas pelas nossas missões, em três séculos, e apesar das aparências, continuam ainda. O protestantismo trabalha lá e trabalha também aqui, para perverter as almas. Ora, uma Congregação que se colocasse em relação com os Bispos, dos quais partem e com aqueles junto aos quais chegam os migrantes católicos, e caso isto não seja suficiente, com os respectivos governos. Que ela estudasse em cada uma de suas partes, o árduo e complexo problema da migração, aproveitando-se, para isto, dos estudos antigos e modernos e em nome do Santo Padre tomasse as providências para o caso, seria uma bênção para o mundo e bastaria para tornar glorioso o vosso Pontificado.

Perdoai, Santo Padre, a minha audácia de filho devoto e reconhecido, que daria por vós e por Vossa causa o sangue e a vida, e dignai-vos continuar com vossa santa bênção, que cada dia recebo ajoelhado, com profunda emoção, para que possa cumprir, com o auxílio divino, as obras, para as quais vim e assim na solenidade dos Santos possa encontrar-me em meio ao meu caríssimo povo.³²

“Memorial sobre a Congregação ou Comissão ‘Para os Migrantes Católicos’”.

I PARTE

(Apresentação do problema)

Exmo. Príncipe,

Tenho a honra de apresentar ao alto julgamento de V. Emcia. algumas considerações e propostas a respeito das atuais e futuras condições do Catolicismo, nas duas Américas.

Observações e propostas que são o fruto de longos estudos realizados nos lugares e mais a experiência de beneméritos missionários e ilustres bispos que consagraram toda sua vida à difusão da Religião naquelas terras.

Nunca como agora, ao escrever sobre este assunto, senti-me tomado por grande emoção e invocado com maior intensidade de afeto, as luzes do céu e a graça daquela eloquência, que vem da palavra misturada pelas cifras e fatos, para poder infundir nos outros, minhas íntimas convicções, sobre este importantíssimo assunto.

O que vi em minhas viagens pelos Estados Unidos da América do Norte e pelo Brasil, está diante de mim como se estivesse presente, e as emoções que experimentei, não se apagarão nunca, do meu coração.

Visitei cidades populosas e coletividades nascentes, campos fecundados pelo trabalho e imensas planícies, não tocadas pelas mãos do homem; conheci migrantes que tinham tocado o ápice da riqueza, outros que viviam no bem-estar e obscura imensa falange dos miseráveis, que lutam pela vida, contra os perigos do deserto, as insídias de climas nocivos, contra a avidez humana, sozinhos, em supremo abandono, na indigência de todos os confortos religiosos e civis; e de tudo senti corações palpitem, em unísono com o meu, quando lhes falava com a língua pátria, em nome da religião.

Vi, espetáculo doloroso! a fé apagar-se em milhões de almas por falta de alimento espiritual, e também, infelizmente, pela indignidade de seus ministros.

³² Carta a Pio X, 22-7-1904 (AGS 3019/3).

Vi reflorescer em populações inteiras, como primavera das almas, sob o sopro de um apóstolado santo, as práticas da vida cristã e as inefáveis esperanças da Religião.

Vi, em uma palavra, que se a Igreja de Deus não tem naquelas regiões maior importância atualmente, seja na direção da vida coletiva, seja na individual, se as almas se perdem aos milhões, isto se deve, em grande parte,

mais que às atividades, embora grandes, dos inimigos da fé, à falta de um trabalho religioso bem organizado e adaptado a cada ambiente e à deficiência do clero. Tenho firme convicção de que é urgente prover e é grave erro, para não dizer culpa, de todos nós, colocados no governo da Igreja, deixar que se prolongue um estado de coisas, causa de tanta infelicidade, para as almas e que diminui diante dos inimigos de Deus, a importância social da Igreja Católica (...)

As formas da migração européia na América, depois do período breve e belicoso da conquista, são totalmente diferentes de todas as outras migrações registradas na história.

Não são hordas de povos bárbaros, que semeiam massacres e ruínas, mas falange de trabalhadores pacíficos, que procuram, em outro país, pão, fortuna, esquecimento. Não mais o ímpeto de uma avalanche, que tudo arrasta, mas o estender-se plácido das águas que fecundam; não mais supressão de povos, mas fusão, adaptação, nos quais as várias nacionalidades se encontram, se cruzam, se fortalecem e dão origem a outros povos; nos quais, embora na diferença, como indivíduos de uma mesma raça, predominam características determinadas e determinadas tendências religiosas e civis (...).

A Igreja Católica é chamada pelo seu apóstolado divino e pela sua tradição secular a imprimir a sua imagem, neste grande movimento social, que tem por fim a restauração econômica e a fusão dos povos cristãos.

Como sempre e em toda parte, ela, também neste grande conflito de interesses, tem uma bela e nobre missão a cumprir, providenciando a conservação da fé, a sua propagação e a salvação das almas, para depois assentar-se, como Mãe comum e rainha, entre os diversos grupos, cortando os ângulos de cada nacionalidade, moderando as lutas de interesses das diversas pátrias, em uma palavra, harmonizando a variedade das origens, na pacificadora unidade da fé (...).

Que deve a Igreja fazer para manter vivo e ativo o sentimento religioso e segura a fé católica nos povos, aos quais se abre, rico de tantas promessas, o futuro e para os quais anualmente, os povos católicos da Europa enviam tão grande contingente de migrantes de diversas nacionalidades?

A pergunta é simples, mas não a resposta, que para ser adequada, deve ser variada e compreensiva ao mesmo tempo, geral e particular. Geral pela autoridade da qual emana; particular e variada conforme os ambientes em que deve ser aplicada e às diferentes necessidades, às quais deve prover, as leis, aos costumes de cada país, para cada coletividade cristã, que se vai formando.

Procurarei ser breve, expondo tudo em forma sintética.

II PARTE

(Gravidade e urgência do problema)

A Igreja, desde os primeiros tempos do descobrimento, exerceu o seu Apóstolado na América, freando a cobiça e crueldade dos conquistadores e civilizando os índios. Válida por tudo, a luta sustentada pelo clero, em defesa dos mesmos e das coletividades cristãs entre os Guaranis, nas Missões do Paraguai, vasto império político, religioso, admirado também por escritores pouco dados ao catolicismo e não sem razão chamada a República dos Santos.

Mas em seguida, por causa dos tempos, a ação do clero se confundiu muito, com a ação política, e o poder político colonial na América Latina era tudo o que se pode imaginar de desgoverno, estupidamente tirano e ladrão, não só para com os índios, mas também, para com as ramificações européias americanizadas. O dito de que um sapateiro europeu tinha direito de governar uma colônia, mais que qualquer crioulo ilustre, tornou-se axioma daqueles governos coloniais, os quais pareciam constituídos especialmente, para alienar da mãe pátria as nascentes populações e avivar

um senso de hostilidade por tudo aquilo que fosse Europeu. E divórcio moral foi se acentuando, até que degenerou em rebelião aberta. E este estado de animosidade e de rebelião se refletia sobre a religião, pois na mente da maioria, o clero estava confuso, e muitas vezes estava de fato, com o poder político. Acrescenta-se a esta causa a escassez de Igrejas e de clero, e dever-se-á necessariamente concluir que o catolicismo, naquelas regiões era mais de nome que de fato, com pouco proveito moral e religioso, seja dos governos, que dos povos.

Depois, com a migração, atravessaram o oceano, também muitos sacerdotes, mas, infelizmente, salvo raras exceções, eram tudo aquilo que o clero oferecia de corrompido, em questão de costumes e lá, quase sem freio, com a vida escandalosa e com o tráfico de coisas santas, lançaram o descrédito sobre a religião e arruinaram populações inteiras.

Agora, trata-se de restaurar também lá, cada coisa, em Cristo.

Muito foi feito para isto; mas é também pouca coisa, diante das muitíssimas que estão por fazer. As migrações das várias nacionalidades, todas têm necessidade, por causa dos perigos religiosos, de cuidados vigilantes e maternos da Igreja. A migração italiana, porém, merece cuidado especial, porque entre todos aqueles povos, pode-se dizer, que o italiano é completamente estrangeiro. Os espanhóis e os portugueses encontraram nos Estados Unidos um grande território onde se fala sua língua, os ingleses e os irlandeses têm lá e nos territórios britânicos uma segunda pátria ao menos no tocante à assistência religiosa. Só os italianos vivem lá abandonados. Os mesmos, e existiu um tempo não distante em que por intolerância eram mal assistidos, também nas igrejas! O mesmo diga-se dos poloneses, dos rutenos e dos alemães.

Nas minhas recentes viagens por aquelas regiões, assisti a espetáculos de fé, que fazem chorar de emoção e recolhi fatos e relatos que me fazem corar, na qualidade de Bispo, ao pensar que tenha sido possível o abandono a que foram deixados tantos anos e que perdure até hoje para muitos! São centenas de milhares os irmãos expatriados que pedem, em vão, um sacerdote que lhes fale de Deus, na linguagem da pátria distante!

Tal é também a condição dos poloneses atormentados pelo eisma, dos canadenses, dos alemães onde não existe bons padres Jesuítas, como no Estado do Rio Grande do Sul, dos rutenos com ardentes questões do celibato para seus padres, dos italo-gregos e de outras novas migrações católicas espalhadas um pouco, por toda parte (...).

III PARTE

(Remédios propostos e tarefa da Congregação)

O primeiro remédio consiste em uma sábia organização do trabalho de apostolado, precisamente lá nas Américas, e esta organização deveria emanar da Santa Sé, autoridade não só indiscutível, junto a todo o clero católico, mas por própria natureza universal, e que por consequência, abraça todas as nacionalidades.

É necessário fazer de modo que cada colônia ou comunidade, onde é densa a nossa migração, tenha um sacerdote próprio, que vivendo no centro urbano da colônia, possa oportuna e periodicamente fazer uma passagem de conjunto, no território a ele designado, território que muitas vezes se estende quanto uma das nossas províncias mais vastas.

Este trabalho religioso deve ser completado, com o da escola, onde os filhos dos migrantes possam aprender junto com os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo, a língua do país, que deve ser a sua nova pátria e a língua de origem, pois um elemento muito apto, para a conservação da religião é exatamente o sentimento das origens, oportunamente cultivado, nas gerações americanizadas.

A língua é um misterioso meio, para conservar a fé. Não é fácil explicá-lo, mas é um fato, que perdendo a língua, facilmente se perde também a fé que se possuía. A razão secreta é difícil determinar, mas a experiência nos diz que até que uma família, no exterior, conserva a própria língua, dificilmente muda a própria fé.

Para as Escolas podem ser destinadas as Irmãs e eu experimentei, com sucesso, neste trabalho, as Irmãs do Sagrado Coração, seja em algumas colônias do Brasil, que em centros urbanos.

E como naquelas jovens coletividades o bem não deve nunca ser desacompanhado do útil, será coisa boa, em muitos pontos, de supremo abandono estabelecer junto à igreja e à Escola, um dispensário farmacêutico, sob os cuidados das mesmas Irmãs, ou do sacerdote, o qual pelo preço de custo, fornece os preparados farmacêuticos, de uso comum, aos doentes.

Assim se concentraria ao redor do clero a multiforme ação da assistência religiosa, civil e material, e a Igreja de Deus seria abençoada por aquelas populações, e uma vez mais aconteceria que, à semelhança do seu Divino Fundador, ela passaria fazendo o bem e curando a todos.

Até aqui para a América do Sul.

Para a América do Norte, os perigos de perder a fé são ainda maiores, pois aos enumerados pela falta de assistência, junta-se o proselitismo das seitas protestantes, lá, mais que em qualquer outra parte, ativas e numerosas.

As perdas ocorridas nos Estados Unidos, por falta de assistência religiosa são imensas. Segundo cálculos estatísticos, dois terços da população atual daqueles Estados Unidos, isto é, cerca de quarenta e oito milhões, são provenientes da migração, das diversas nações da Europa. E, coisa dolorosa, embora boa parte de tais migrações provenham de países católicos, atualmente o catolicismo não é representado senão por cerca de dez milhões! Ora, não há dúvida que os católicos dos Estados Unidos poderiam ser mais do dobro dos que existem atualmente, se tivessem conservado católicos aqueles que ali migraram, estes se conservariam tais, se à sua chegada tivessem encontrado logo os necessários socorros espirituais, pois os migrantes conservam firmemente, tudo aquilo que lhes recorda a pátria de origem e a fé que tinham. Mas, infelizmente, o clero norte-americano, como o do sul, é insuficiente, em número, e acrescente-se a dificuldade da língua; dupla dificuldade: da parte dos migrantes sobretudo de origem latina, para aprender o inglês e dificuldade do clero anglo-saxão para aprender as línguas neolatinas.

Os remédios, além daquele já acenado com o envio de padres nacionais numerosos e bem preparados, seriam:

- 1) Instituição de paróquias conforme a nacionalidade toda vez que a coletividade católica esteja em condições de sustentar as despesas inerentes a uma tal instituição, seja para o sustento do clero, como para o exercício do culto. A lei dos Estados Unidos é altamente liberal e concede direitos civis a qualquer associação paroquial, sem distinção de culto e de nacionalidade. Depois, a experiência feita em algumas cidades pela instituição de paróquias italianas, seria suficiente, para demonstrar quanto vale este meio simplicíssimo, para reavivar a fé e o desejo das práticas religiosas, também em indivíduos que pareciam mais alienados.
- 2) Nos centros onde existem várias nacionalidades, sem que nenhuma esteja em condições de formar uma paróquia, dever-se-ia usar um clero misto, com a estreita obrigação de dispensar a instrução aos adultos e o ensino catequético às crianças na língua própria de cada um.
- 3) Que o clero seja, possivelmente, da nacionalidade dos paroquianos, ou ao menos fale a língua deles.
- 4) Que exista, em cada paróquia, também uma escola, onde junto à língua inglesa e aos elementos da instrução, seja ensinada a língua nacional dos paroquianos. A instituição de escolas paroquiais, onde se ensine com o inglês, a língua nacional é de grande importância, não só para valer-se dos sentimentos patrióticos, vivíssimos nos expatriados, a bem do religioso; mas também para afastar os jovens da influência das escolas americanas que, por seu espírito de perfeita indiferença a respeito da religião, assume características de escolas atéias...

E assim eu já tracei grande parte daquilo que deveria formar o estudo e o trabalho da proposta Congregação (Comissão) Central para os Migrantes Católicos.

A necessidade de uma tal Congregação (Comissão) e os benefícios que poderá trazer são evidentes. Há fenômenos novos, organismos novos, adequados à necessidade. As instruções e disposições isoladas, por mais que sejam sábias, não são suficientes, pois é humano que umas e

outras, sem organismo que as faça executar e as mantenha ativas, pouco realizam. De fato, instruções e disposições neste sentido foram já emanadas pela Santa Sé, e particularmente pelo Sumo Pontífice Leão XIII, mas a sua eficácia, por certas causas, que é supérfluo enumerar aqui, infelizmente, não foi a que deveria ter sido.

O fenômeno migratório é universal, e universal pela autoridade e central pela posição deve ser a Congregação (Comissão) em questão.

A ação de cada Bispo, uns desconhecendo aquilo que outros fazem, pode acabar em um desperdício de forças.

Todos os governos europeus sentiram a necessidade de criar novos organismos administrativos, para disciplinar a migração na pátria, para acompanhá-la no exterior, nas suas várias direções e para protegê-la das emboscadas, sem número, que a luta pelos lucros, trama contra os míseros expatriados. Com mais forte razão, a Igreja deve pensar, em dirigir e em tutelar os seus filhos, que, migrando, em países protestantes ou em países novos, onde falta assistência religiosa adequada, perdem a fé.

Só uma tal Congregação emanada da Santa Sé, sem ciúmes dos governos e do Episcopado americano poderá instituir as paróquias, por nacionalidade, as únicas a meu juízo que podem contrastar eficazmente com a obra deletéria das seitas protestantes, sobretudo nos países onde estas predominam, reconduzir com sábias providências, os poloneses cismáticos ao seio da Igreja e preservar as outras nacionalidades.

Como deveria ser constituída esta Congregação?

Deveria ser constituída pelos representantes das diversas nacionalidades que dão maior contingente à migração, isto é, por dois italianos, por um polonês, por um alemão, por um canadense etc....

A escolha destes representantes deveria recair sobre pessoas competentes, cientes das condições e das necessidades dos respectivos compatriotas, e que conheçam a língua italiana, para facilitar a comunicação de cada membro com quem fosse chamado a presidir a mesma Congregação e as relações com as outras congregações afins. Isto se poderia facilmente obter, dirigindo-se de preferência às congregações religiosas que se dedicam a serviço de seus compatriotas migrantes.

Qual deveria ser a finalidade e a tarefa da referida congregação?

Prover à assistência espiritual dos migrantes, especialmente nas Américas, e manter viva em seus corações a fé católica e o sentimento cristão.

Sua tarefa:

- 1) Estudar o complexo e gravíssimo problema da migração, preparando antes de tudo um questionário sobre o mesmo e mantendo-se bem informado sobre o movimento católico migrante.
- 2) Embora respeitando as louváveis iniciativas particulares que surgiram neste campo, favorecer a instituição de Comitês católicos nas paróquias mais importantes.
- 3) Incentivar, por meio dos Bispos, em favor dos mesmos, o zelo dos párocos e sugerir-lhes os meios práticos para ajudá-los, especialmente no momento da partida e da chegada.
- 4) Responder às questões que lhe forem feitas a respeito das providências tomadas ou a serem tomadas e remover as dificuldades que possam surgir da migração, tanto na pátria, quanto nos países distantes.
- 5) Ocupar-se em vigiar sobretudo, para que os migrantes tenham sacerdotes que os acompanhem durante a viagem de ida e volta, e também para que bons e zelosos missionários sejam providenciados para as várias colônias.

IV PARTE

(Comentários sobre alguns pontos)

Creio seja útil comentar sobre os três últimos pontos.

Nem todos os sacerdotes, que se dedicam aos cuidados espirituais dos migrantes, têm as qualidades necessárias de zelo, de piedade e abnegação, como convém a um bom missionário.

Antes, muitos prostituem o seu ministério, comercializando, sobre as coisas sagradas, tornando-se verdadeiros açambarcadores de ouro, antes que de almas. E talvez seja esta uma das razões pelas quais muitos bispos experimentam uma espécie de antipatia pelo clero estrangeiro, que procura introduzir-se em suas Dioceses, para assumir os cuidados dos próprios co-nacionais e da determinação que tomaram alguns bispos, de fazer os sacerdotes autóctones estudarem as línguas, para depois conferir-lhes colônias estrangeiras que estão em suas Dioceses. Determinação que praticamente não pode dar bons resultados; seja porque o conhecimento das línguas, em muitos casos, é insuficiente, quando não se conhece também os dialetos falados nas diversas províncias, seja porque com o conhecimento da língua, não se adquire as características do povo que as possuem. Daqui se deduz quanto é importante a escolha do clero, a quem se deve confiar o cuidado espiritual das colônias.

A Congregação poderia facilmente prover a esta necessidade, se a ela recorressem todos os sacerdotes desejosos de ir para as missões junto às colônias, e os Bispos que tivessem necessidade de missionários, para os estrangeiros estabelecidos em suas Dioceses.

Não seria difícil, para a Congregação, conseguir informações seguras a respeito dos que aspiram a Missão e formular um justo conceito de suas atitudes, enquanto os Bispos solicitantes deveriam considerar-se felizes em poder admitir em suas Dioceses, sacerdotes recomendados e aprovados pela Congregação (...)

É um fato consolador constatar como de alguns anos para cá os Bispos têm se aplicado em providenciar sacerdotes para os migrantes.

Mas é também doloroso pensar, como muitos Bispos por muito tempo transcuraram completamente os interesses religiosos de tantas centenas de milhares de pobres migrantes.

Isto sabem os valorosos missionários que foram no princípio prestar seus serviços nas colônias. Quantas desconfianças tiveram que vencer, com quanta frieza foram acolhidos, quantas dificuldades tiveram que enfrentar, quantas vezes o seu trabalho foi rejeitado com desdenhosa recusa!

E ainda hoje, não obstante este santo despertar, por parte dos Bispos, quando se pensa quanto ainda há por fazer, bem se vê que pouco se fez até agora.

Caberia à Congregação acompanhar as grandes correntes migratórias, classificar as colônias, das maiores que contam com centenas de milhares de membros, às menores. Enumerar as Igrejas, os sacerdotes encarregados de seus cuidados, e exigir que se providencie, onde não se providenciou ainda. Ir ao encontro dos Bispos com conselhos, com exortações, enviando-lhes bons sacerdotes, solicitando às Congregações religiosas de levar seus valiosos contributos, com todos aqueles meios que a Congregação poderia encontrar, com um estudo amoroso.

A Congregação poderá mandar seus membros nos locais, para certificarem-se do modo com que se está provendo as necessidades espirituais dos migrantes. Não se satisfaça com as relações enviadas pelos Bispos, que na maioria das vezes não revelam as condições reais das colônias, mas somente as boas intenções de quem redigiu.

Quanto às dificuldades que surgem muito freqüentemente e toda por parte, deve-se considerar que elas derivam, quase sempre as diversidade das línguas, da diferença de caráter, dos diferentes usos e costumes e de inúmeras outras dificuldades.

Dificuldades que, se não resolvidas em tempo, tornam-se causa de atritos, abusos, despeitos, discórdias; tudo em prejuízo do bem das colônias e das Igrejas, e em vantagem das seitas dissidentes, que usam disto, como uma arma para difamar a Igreja e o clero.

Também nestes casos os membros da Congregação, dirigindo-se aos locais, poderiam, com facilidade e segurança, constatar a causa das desordens, referi-las à Congregação e tomar providências imediatas.

É verdade que existem Congregações encarregadas de decidir as questões que possam surgir em semelhantes casos. Mas a lentidão habitual com que costuma proceder na solução destes casos, devida em grande parte às enormes distâncias, a solenidade que assumem estas questões, quando são colocadas diante das Congregações, a dificuldade em conseguir prontas e seguras informações, a falta de conhecimento do ambiente onde as questões se desenvolvem, são todos

obstáculos que servem muitas vezes, para conservar por muito tempo um estado de coisas que prejudica os interesses das partes adversárias.

A Congregação deveria também estudar com grande cuidado os meios para contrapor um dique à propaganda ativa e insistente que os protestantes fazem, de modo especial entre os italianos, nos Estados Unidos, e não sem sucesso. Oh! quantas coisas dolorosas poder-se-iam colocar às claras, a este respeito!

Outro fato doloroso que deveria chamar atenção da Congregação, é o multiplicar-se das Igrejas, chamadas independentes, nas colônias polonesas.

Do que foi exposto aqui sumariamente, e do muito que ainda se poderia escrever, quando se quisesse estudar a coisa, em maior profundidade, é fácil compreender quão vasto e prático campo de ação está reservado à Congregação que se está projetando.

E ninguém pode duvidar da felicíssima impressão que a constituição de semelhante Congregação produzirá no espírito de milhões de migrantes, em quem já penetrou a desencorajadora persuasão, embora falsa, de que o seu Pai, o Sumo Pontífice, não se interessa pela sorte deles.

V PARTE

(Sugestões de atuação prática)

A eficácia resultaria da autoridade de que viria da Santa Sé e aumentaria depois, com a oportunidade e solícitude de suas providências, com a insistência junto aos bispos, para que façam executar (sendo necessário, com alguma sanção penal) quanto sera determinado pela Congregação, com o pedido, cada ano, da prestação de contas a respeito da finalidade proposta, com o envio aos locais, de quando em quando, de algum encarregado especial, concedendo aos mais ativos e beneméritos, alguma distinção etc....

Poder-se-ia também ordenar uma coleta anual, em todas as igrejas das várias nacionalidades para constituir um fundo, retirando uma parte para o justo funcionamento da mesma Comissão e des tinando o restante para a assistência aos migrantes. Leão XIII a ordenou para o tráfico dos negros, e não poderia o Pontífice reinante ordená-la para o tráfico dos brancos? Para este certamente, todos colaborariam, e colaborariam de boa vontade, porque a necessidade é mais facilmente compreendida e mais sentida.

Também seria um bem destinar para esta obra de interesse geral, ao menos uma parte dos proventos auferidos com as novas edições reservadas, dos livros litúrgicos, do catecismo etc. Ninguém seria capaz de racionalmente contradizer.

Tratando-se de uma obra entendida unicamente para a maior glória de Deus e para a salvação de tantas almas, poderia Deus não ajudá-la?

Concluirei com as seguintes importantíssimas palavras de Teodoro Roosevelt, tiradas do último fascículo da Revista de Paris:

“O migrante chega quase sem proteção: ele geralmente ignora a nossa língua, não está habituado com as nossas instituições, costumes de vida, e com nosso modo de pensar. Existe, dói-me dizê-lo, um grande número de trapaceiros que esperam sustentar a vida, depredando o migrante, a menos que alguém esteja no local para ajudá-lo; caso contrário ele está literalmente perdido. Nenhuma obra, maior pode ser feita por uma sociedade filantrópica ou religiosa, do que oferecer ajuda amigável ao homem e à mulher que vêm entre nós para se tornarem cidadãos, ou pais de cidadãos. Se nós não cuidarmos deles, se descuidarmos de melhorá-los, então os nossos filhos, sem erro, pagarão a pena. Ou eles ressurgirão ou nós caíremos.”³³

“Seria aquele grão de mostarda”.

³³ Carta ao Card. R. Merry del Val, 5-5-1905 (AGS 3020/1). O texto integral do memorial foi publicado por M. Francesconi. Um projeto de D. Scalabrini para a assistência religiosa aos migrantes de todas as nacionalidades, “Studi Emigrazione”, n. 25-26, março-junho de 1972, pp. 185-203.

Perdoe se venho importuná-lo novamente, sobre o nosso projeto para os migrantes católicos. Parece-me ser da mais alta importância. No memorial a este respeito expedido, há pouco, eu escrevia: “A Congregação, deveria ser constituída pelos representantes das diversas nacionalidades que oferece maior contingente à migração etc ... A escolha destes representantes deveria recair sobre pessoas competentes, cientes das condições e das necessidades dos respectivos compatriotas, e que saibam ainda a língua italiana, para facilitar a comunicação de cada membro, com quem fosse chamado a presidir a mesma Congregação e as relações com as outras Congregações afins. Isto poder-se-ia obter facilmente, dirigindo-se de preferência às Congregações religiosas que se dedicam ao serviço de seus compatriotas migrantes”.

Ora, para ir à prática e facilitar ainda mais a coisa, proporei que fossem chamados a Roma três missionários da Congregação de São Carlos (dois do Norte e um do Sul) que se dedicassem ao necessário trabalho de preparação, servindo-se, para este fim da experiência e dos estudos já feitos, como também das luzes de outros missionários residentes em Roma.

Se na atual reorganização das paróquias, se pudesse ter aqui uma igreja com local anexo, a coisa poderia ser logo atuada, sem muito barulho, com pouquíssimos gastos, e seria precisamente o grão de mostarda que em seguida, como me escrevia ultimamente Vossa Eminência, com a bênção do Senhor poderia, sempre mais se estender.³⁴

³⁴ Carta ao Card. R. Merry del Val, 17-5-1905 (AGS 3020/1).

3. OS MISSIONÁRIOS E AS MISSIONÁRIAS DE SÃO CARLOS PARA OS MIGRANTES

D. Scalabrini, em janeiro de 1887, se oferece à Santa Sé, para iniciar imediatamente uma associação de padres, para a assistência aos migrantes. Em fevereiro, apresenta o primeiro projeto; nos meses seguintes aperfeiçoa-o. Em 15 de novembro, Leão XIII aprova a fundação da Congregação dos Missionários para os migrantes, que se realiza em 28 de novembro de 1887.

Percebe-se logo a necessidade de completar a iniciativa, com uma congregação feminina que nasce, de fato, a 25 de outubro de 1895, com a participação do Padre José e Madre Assunta Marchetti.

As duas Congregações estão inseridas na atividade missionária da Igreja. A “Missão” é conferida pelo Papa e se realiza sob a orientação dos bispos. Na união com os bispos e com o papa, é assegurada a união com a Igreja universal e com Cristo. A Igreja particular garante uma metodologia pastoral adequada às exigências particulares dos migrantes.

Os Missionários e as Missionárias, obedecendo ao mandamento missionário do Redentor, continuam a missão de Cristo, enviado a evangelizar os pobres, do mesmo modo que o Senhor a realizou. Participam do seu “êxodo” pascal através da cruz e de sua encarnação, no ambiente social e cultural, em que viveu, pobre, casto e obediente, em uma comunidade apostólica.

a) A FUNDAÇÃO

“Uma associação de padres para a assistência aos migrantes”.

Há alguns meses, várias vezes estive aqui, um antigo discípulo meu, do seminário de Como, atualmente sacerdote e professor, o qual tendo empreendido viagem à América, para rever seu pai e sua família, ficou profundamente comovido e aflito ao presenciar o abandono religioso, em que se encontram centenas de milhares de italianos, que imigraram para lá. Existem grupos que formariam paróquias de várias centenas de almas, que vivem e morrem, sem ver o rosto de um padre, sem ouvir uma palavra da religião, sem receber sacramento; que vivem e morrem como animais. Só ao pensar, o espírito se aflige. O referido sacerdote visitou algumas pequenas colônias e falou-me sobre a festiva acolhida e sobre a necessidade de os pobrezinhos terem ao menos de vez em quando, a visita de algum ministro do Senhor.

Oh! Eminentíssimo! não haveria uma maneira de prover a tantas pobres almas? Faz-se tantos e generosos esforços, pela conversão dos infieis e deixaremos perecer os nossos compatriotas católicos? Não seria o caso de pensar-se em uma associação de padres italianos, que tivessem como finalidade a assistência espiritual dos italianos migrantes, nas Américas, que vigiassem a partida e a chegada, e providenciassem quanto possível pelo seu futuro cristão?

Sei que há anos, tratou-se de qualquer coisa deste gênero, com os Arcebispos de Gênova e de Nápoles, mas creio que nada ou bem pouco, tenha sido feito a favor deles. De minha parte estou disposto a ocupar-me desta obra e a iniciá-la logo, em mínimas proporções, mas iniciá-la, realmente.¹

“Projeto de uma associação, com o fim de prover às necessidades espirituais dos italianos migrantes, nas Américas”.

¹ Carta ao Card. G. Simeoni, 11-1-1887 (AGS 1/1). O sacerdote ex-discípulo de Scalabrini, era Pe. Francisco Zaboglio, primeiro vigário geral dos missionários scalabrinianos.

Eis o projeto, ou melhor, o esboço de um projeto, para ajudar os migrantes italianos, nas Américas, por mim elaborado, segundo o desejo expresso pelo Santo Padre, por meio de V. Emcia. Revma. (...).

Desejando V. Emcia. valer-se da minha pequeníssima obra, seja para preparar o convite aos bispos italianos e a circular para os da América, seja para outras coisas, sentir-me-ei sempre honrado, em poder servi-lo. Porém, a iniciativa desta nobilíssima obra deveria sempre partir da Santa Sé, e todos os documentos relativos a ela, deveriam ter a assinatura de V. Emcia.

O clero italiano responderia então com segurança e com entusiasmo, ao convite. Falei reservadamente, como de uma distante possibilidade, a vários Sacerdotes, e eles estão prontos a partir, quando necessário (...).

Necessidade de providenciar.

Sobre a necessidade de oferecer ajuda e assistência espiritual aos italianos, que migraram, para a América, não julgo necessário fazer longo discurso, porque a S. Congregação de Propaganda tem pleno conhecimento, através dos relatórios enviados pelos arcebispos de Nova Iorque, Nova Orleans e pelos padres do terceiro Concílio de Baltimore.

Outros relatórios, e talvez ainda mais desconfortadores, sem dúvida, serão apresentados pelos bispos da América do Sul e da Austrália (...).

Silenciados sobre os anos precedentes, a migração italiana, que em 1881 era representada pela cifra de 28.217 e que pareceu então uma espantosa enormidade, em 1882 subiu para 58.290 e em 1883 para 62.704. Em 1884 fez uma breve parada, limitando-se a 60.489. Em 1885 subiu para 83.786. Ao menos aqueles infelizes fossem todos adultos! Mas o que amargura mais o espírito é que, para atingir a cifra de 83.786, concorrem, nada menos de 15.642 crianças (...). Não estão compreendidos os que partem de portos estrangeiros com de Marselha, de Toulon e de Havre.

Portanto, encontrando-se centenas de milhares de italianos na América, espalhados pelas cidades e campos e perdidos nas matas, desprovidos de toda assistência religiosa, além daqueles que ainda irão... é claro que é necessário tomar providências para os migrantes e seus filhos.

Urgência de prover.

É necessário prover às necessidades espirituais de tantas centenas de milhares de nossos compatriotas e é urgente essa providência.

Se ainda for adiada mais, os danos seriam irreparáveis.

A incredulidade, a heresia e sobretudo a franco-maçonaria, que é fortíssima na América, age ativamente, para dominar a mente e o coração dos migrantes. Portanto, se agora não se tratar de reconduzir, para o reto caminho, os católicos abandonados, dentro em pouco serão incrédulos, heréticos, franco-maçons, ateus, que se deverá procurar converter.

E aqueles infelizes, que pela miséria e outras dolorosas razões, tiveram que abandonar o país de origem, pedem e suplicam que se vá, em seu socorro.

Um cavalheiro italiano, ao regressar de uma longa viagem de exploração na América, dizia-me ter encontrado grupos de famílias das montanhas placentinas, que chorando lhe perguntavam pelo seu Bispo e recordavam-se de sua caridade e recomendavam-lhe, que não os esquecesse, que enviasse, ao menos por alguns meses, um sacerdote. Era uma cena comovente, narrava o cavalheiro, Ouvir aqueles pobrezinhos chorarem a felicidade perdida, recordar suas festas, sua igreja, suas funções; que o bispo pensasse de alguma maneira também no futuro eterno deles, quanto a eles estariam prontos a qualquer sacrifício, a gastar dinheiro, para a viagem do padre etc. “Se ele não tiver piedade de nós, diziam-lhe, tornar-nos-emos piores que os pagãos e muitíssimos, o que é pior, morrem sem poder se reconciliar com Deus”.

Estas simples palavras, brotadas de corações ainda repletos de fé, exprimem vivamente as tristíssimas condições em que se encontram, quase todos os migrantes. A urgência de prover é evidente. Oh, faça-se, faça-se!

Como prover.

Antes de tudo, parece-me necessário que às regiões onde se encontram os nossos compatriotas, sejam enviados sacerdotes, sem sede fixa e de acordo com os Ordinários locais, puguem missões de quinze ou vinte dias, de acordo com as necessidades. Exortem os imigrantes a erigirem uma capela e arranjam os meios para manter o padre. Conhecer os lugares, as condições dos mesmos, o número de habitantes etc. e enviar tudo a quem será constituído chefe da Pia Associação, pela Santa Sé (...).

A Santa Sé deveria ordenar, ou ao menos recomendar, aos Bispos deixarem livres estas vocações e nem mesmo se oporem. Os Bispos italianos não deveriam e não se poderiam queixar de se verem privado de algum membro idóneo, enquanto se trata de prover ao bem espiritual de seus diocesanos distantes, e sem confronto mais necessitados que os outros, os quais também, nas dioceses onde é grande a escassez de clero, encontram sempre, onde quiserem, os meios de salvação (...).

Será admitido a fazer parte desta Pia Associação qualquer sacerdote de qualquer diocese italiana, contanto que seja aprovado para ouvir confissões e tenha alcançado a idade de 30 anos ou ao menos tenha exercido o sagrado ministério por três anos (...). É absolutamente necessário que os aspirantes se distingam pela piedade, sejam de índole dulcíssima, de conduta Íntegra, de zelo apostólico para a salvação das almas (...).

Os Missionários não se obrigam a permanecer nas colônias italianas na América, além do espaço de um ano, mas fica a seu arbítrio, permanecer por mais tempo, e também por toda a vida, quando se sentissem inspirados pelo Senhor e consagrarem-se sem reserva, à nobre missão empreendida.

Antes da partida, os novos Missionários se reunirão por um mês, em lugar de sagrado retiro (...), para ali fortalecer o espírito no exercício da meditação e da oração, como fizeram os Apóstolos no Cenáculo, antes de sair e evangelizar o mundo (...).

Os missionários, antes da partida, obrigam-se a emitir o juramento de não reter, como coisas próprias, nem dinheiro, nem objetos, que lhes forem oferecidos, e de entregar tudo ao Superior da Pia Associação, retornando às respectivas dioceses, nas mesmas condições em que estavam, ao partir.

Os missionários não poderão ocupar-se senão em catequizar, pregar, instruir, administrar Sacramentos etc., e serão imediatamente chamados à Itália, quando se permitissem voltar a mente e ação, para outras coisas, que não tenham relação com a finalidade proposta pela Santa Sé. (...). Cada três meses, sendo possível, reunir-se-ão em grupos de cinco ou seis, conforme as distâncias ou dificuldades dos lugares e em dia que não seja festivo, para prover as próprias necessidades espirituais e ao mesmo tempo, para partilha de conselhos, ajuda conforto.

Como iniciar a obra?

Dirigir um apelo aos Bispos italianos e por meio deles, ao clero convidando-o a colaborar, com a obra santa empreendida e tornando conhecidas as intenções da Santa Sé e as condições acima descritas (...).

Instituir-se-ão Comitês, especialmente nos portos de mar, para ajudar Missionários encaminharem para eles os migrantes recolherem meios materiais etc....

Para a América

1) Convém expedir, para os Bispos da América, uma circular latina, pedindo-lhes manifestar o mais depressa possível as necessidades dos migrantes italianos e como poderiam prover aos sacerdotes que estivessem disponíveis e lhes fossem enviados.

2) Estimulá-los a cooperar com a obra, recolhendo ofertas para este fim e principalmente, para a fundação de um seminário italiano, em qualquer cidade da América, para a formação de um clero italiano e indígena, que se ocupe somente dos italianos.

Parece não ser difícil ter vocações, quando se pensa que em 1885 a migração teve, como já foi referido, 15.642 crianças italianas.

Meios para prevenir a corrupção dos migrantes

Além da guerra de reconquista, das almas perdidas nas intermináveis regiões do Novo Mundo, conviria pensar no modo de prevenir a ruína de tantos pobres católicos italianos, que estão exilados além do oceano, freqüentemente com seus filhos.

O primeiro meio para impedir a corrupção dos migrantes deveria ser o zelo dos párocos em combater a migração, e em buscar todos os meios para convencer seus paroquianos a não expatriar. Mas infelizmente, na maioria dos casos não se consegue, e é necessário sofrer a migração, como dolorosa necessidade. Ou roubar ou migrar, foi o terrível dilema que ouvi, mais de uma vez, da boca dos pobres operários e camponeses.

O pároco, nestas necessidades, não deve deixar partir ninguém para o exterior, sem muni-lo de carta de recomendação para o Clero do lugar para onde se dirige. Nos anos em que exerci o ministério paroquial, utilizei constantemente este método com bons resultados. Quando Bispo conheci, durante as visitas Pastorais, ainda mais, os gravíssimos males da migração (...).

Seriam de grande proveito as colônias católicas, semelhantes às já instituídas, nos Estados Unidos, para os irlandeses e para os ingleses, as quais, são uma espécie de Paróquia católica, com sacerdotes e escolas católicas, e às quais se enviam os seus compatriotas, em vez de deixá-los partir, como ovelhas desgarradas. Assim os migrantes sentir-se-iam como em sua pátria, em meio aos católicos ao menos com os subsídios religiosos essenciais.

Para conservar o fruto das Missões, dever-se-ia, em cada grupo de italianos, que não têm padre, recomendar que não só se atenham, em casa, cada dia, às práticas de bons cristãos, mas que se reunam, nos dias festivos, na Igreja, ou capela, para rezar em comum, para cantar os louvores do Senhor, para dar Catecismo às crianças, para ler o Evangelho dos domingos; para cumprir os exercícios religiosos que, como leigos podem realizar. É deste modo que em Madagascar, durante a ausência dos missionários, por muitos anos, conservou-se não só a fé, mas também o fervor religioso.

A leitura de livros oportunos e de periódicos religiosos, adaptados às especiais necessidades daqueles fiéis, servirá também, para fazer as vezes dos Sacerdotes.²

“A idéia de ir em auxílio dos migrantes está madura”.

A idéia de ir em auxílio dos migrantes está madura. A imprensa está continuamente estimulando ora uns, ora outros homens que governam o país, a levantar a voz, para que se proveja. Seria um gravíssimo prejuízo se a maçonaria precedesse a Igreja neste campo e chegasse a apossar-se dele. E é exatamente para impedir que isto aconteça, que eu, embora o último dos Bispos, acreditei por bem, editar poucas páginas sobre o importante assunto, também para melhor dispor os ânimos, em favor do projeto de evangelização apresentado, por expresso desejo de Vossa Santidade à Sagrada Congregação de Propaganda, caso seja aprovado.³

“Um Instituto de sacerdotes para os jovens das colônias italianas”.

Continuam a pedir-me de diversas partes, solicitando a atuação do conhecido projeto relativo aos migrantes italianos. Eu deixei suspensa, até agora, toda negociação a este respeito, na espera de uma resposta que o ótimo D. Jacobini me prometera, para o início de agosto próximo passado. Não tendo recebido nada até agora, gostaria de saber se posso, por enquanto, como seria minha intenção abrir aqui um Instituto, que recebesse os sacerdotes que quisessem se dedicar à

² Carta ao Card. G. Simeoni, 16-2-1887 (AGS 1/1).

³ Carta a Leão XIII, 13-6-1887 (AOS 1/1). Scalabrini apresenta ao seu primeiro opúsculo sobre a migração: A migração italiana na América impresso em Placência, em junho de 1887.

evangelização dos migrantes na América, como também, os jovens das colônias italianas, que demonstrassem inclinação para o estado eclesiástico.⁴

“Origem da Obra”.

Uma das chagas que eu deplorei, visitando, pela primeira vez, as 366 paróquias de minha diocese, foi a da migração.

Das anotações tomadas resultou, que cerca de 28.000 diocesanos estavam no exterior, naquele tempo! Alguns deles me escreviam, muitas vezes, cartas comovedoras nas quais, dando-me relações de seu deplorável estado, sobretudo no campo religioso, me suplicavam, calorosamente ir em auxílio deles. Eu mesmo, mais de uma vez, assisti à partida de migrantes, na estação de Placência e confesso que, ao ver sua miséria e dor, pensando nos Gravíssimos males, sem número, em que iam ao encontro, na idéia do abandono de toda ajuda espiritual, em que iriam permanecer, senti apertar o coração, e chorei sua sorte, e me propus tentar alguma coisa.

Foi então que acreditei ser meu dever, dirigir-me, como o fiz, ao Eminentíssimo cardeal Simeoni, então Prefeito de Propaganda, para saber como poderia prover a esta grave necessidade de modo estável e eficaz (...). Esta S. Congregação ocupou-se do importantíssimo negócio, e o S. Padre, na sua audiência de 26 de junho de 1887, aprovou as decisões. Uma delas, a quarta, dizia: Instituir na Itália um ou mais institutos de sacerdotes, que fossem à América, fazer missão entre os migrantes, para conservar-lhes a fé, colocando-se, para tal fim, de acordo com os Bispos locais. Tal instituto será colocado sob a dependência do Ordinário, mas o regulamento será aprovado pela S. C. de Propaganda.

Depois desta deliberação, fui chamado a Roma, então fui autorizado a abrir, em Placência o Instituto dos Missionários e a prover quanto fosse possível a todas as outras necessidades dos migrantes.⁵

“Finalidade da Congregação e meios para alcançá-la”.

1. Constitui-se na Itália, sob a alta dependência de Propaganda Fide, e sob a imediata direção de um Superior Geral, nomeado pela mesma Propaganda, uma Congregação de Missionários para as Colônias Italianas, especialmente na América.
2. O fim desta Congregação é o de manter viva, no coração dos nossos compatriotas migrantes, a fé católica, e de prover, quanto possível, seu bem estar moral, civil e econômico.
3. A congregação alcança esta finalidade:

1 — Enviando Missionários e Professores, onde a necessidade dos migrantes o requeira.

2 — Erigindo, nos vários centros das Colônias italianas, Igrejas e Oratórios e fundando Casas de Missionários, de onde possa se difundir sua ação civilizadora, através de excursões temporárias;

3 — Estabelecendo escolas, onde, com os primeiros rudimentos da fé sejam dados, aos filhos dos colonos, os elementos da nossa língua, do cálculo e da história pátria.

4 — Encaminhando aos estudos preparatórios, ao sacerdócio, os jovens, filhos dos colonos, que apresentarem indícios de chamado ao estado eclesiástico.

5 — Organizando comitês, nos portos de embarque e desembarque para socorrer, dirigir e aconselhar os migrantes.

⁴ Carta ao Card. G. Simeoni, 21-9-1887 (AGS 1/3). D. Domênico Jacobini, depois cardeal, era Secretário de Propaganda Fide.

⁵ Relatório da Obra dos Missionários de S. Carlos para os migrantes italianos, 10-8-1900 (AGS 7/5).

6 — Acompanhando-os durante a viagem por mar, para exercer, em benefício deles, o sagrado ministério e para assisti-los, especialmente, em caso de doença.

7 — Favorecendo e promovendo as associações e as obras consideradas mais aptas, para conservar, nas mesmas colônias, a Religião e a cultura italiana.⁶

“Pode-se dizer, felizmente, iniciada a Congregação”.

A Congregação que o Senhor se dignou inspirar-nos, em favor de nossos pobres compatriotas migrantes, na América, com a ajuda de Deus, pode-se dizer felizmente iniciada. Ao retornar de Roma, coloquei-me à obra.

Aluguei, provisoriamente uma casa bastante cômoda por enquanto e quase terminei de providenciar o necessário, isto é, camas, roupas, utensílios etc. Doze pessoas poderiam ser alojadas imediatamente.

Atualmente são cinco: o superior e o ecônomo, que ficarão aqui, e três alunos, admitidos, nestes dias. Padres que pedem para entrar não faltam, sobretudo, depois da publicação do Breve que o S. Padre me dirigiu. Porém, eu vou muito devagar, em aceitá-los, para proceder, com segurança, sobretudo no início (...).

Julgar só pelos encômios de onde a coisa é acolhida universalmente e das aprovações que me chegam também, da parte de ilustres Bispos, é verdadeiramente para agradecer o Senhor. Certamente, será necessária uma boa dose de paciência, de coragem e de espírito de sacrifício, para que a obra possa atingir plenamente, sua finalidade De minha parte, ao menos a vontade não falta; Deus fará o resto.⁷

“Fundei, na minha Placência, o Instituto dos Missionários”.

Fundei na minha Placência, o Instituto dos Missionários, destinado à assistência religiosa dos nossos migrantes sob o nome glorioso do grande italiano descobridor do novo continente, Cristóvão Colombo (...).

No Instituto Cristóvão Colombo, cuja manutenção é providenciada pela caridade pública, encontram-se atualmente, entre padres, clérigos, e leigos, 42 indivíduos. Entre estes, alguns jovens de famílias italianas, estabelecidas na América, que se preparam a se tornar também eles, missionários, para seus compatriotas migrantes.

Desde 28 de novembro de 1887, data da sua fundação, este viu partir, para a América 48 missionários sacerdotes, espalhados, atualmente, em dezesseis missões, onze ao Norte e cinco ao Sul ...

Em Nova Iorque, os missionários fundaram escolas paroquiais, um orfanato, um hospital e o Barge office (...), como também a Sociedade São Rafael, para assistência e proteção dos migrantes; em Boston uma escola industrial; em todas as partes, igrejas e capelas.

Para a direção do orfanato e do hospital e para a fundação de escolas femininas e de creches, foram enviados ao Novo Mundo numerosos grupos de ótimas religiosas, que são as Irmãs salesianas missionárias do Sagrado Coração.

A seguir será providenciada a instituição de missões especiais, também nos principais portos do Brasil e do Prata. Enquanto isso, estão se constituindo comitês da Sociedade de S. Rafael, em todas as cidades dos Estados Unidos, onde se estabeleceram os nossos missionários. Foram iniciadas igualmente, negociações e com esperança de boa realização, para a instituição de outras missões (...).

⁶ Regulamento da Congregação dos Missionários para os migrantes, 1888 (AGS 127/2).

⁷ Carta ao Card. G. Simeoni, 16-12-1887 (AOS 1/5). A primeira sede provisória dos scalabrinianos foi em local do edifício paroquial anexo à basílica de S. Antonino. Os três já admitidos que fizeram a “primeira profissão em 28 de novembro de 1887, foram Pe. José Molinari, Pe. Domingos Mantese o can. Domingos Costa, padre de S. Antonino, primeiro superior.

Os coadjutores leigos ou irmãos catequistas que acompanharam os missionários sacerdotes são atualmente trinta e oito e, graças a Deus, até aqui deram provas de serem ótimos.

Os migrantes que partem dos portos italianos, quando possível são acompanhados por um sacerdote que, embora não pertencente à referida Congregação, assiste-os durante a viagem (...).

Os missionários, no breve período de tempo em que exerceram sua obra de caridade cristã e patriótica, souberam conquistar, em toda parte, o afeto dos compatriotas migrantes e circundar-se da estima das populações, em meio às quais vivem.⁸

“Uma obra nova, ainda criança”.

Quais as condições dos italianos na América do Norte, há doze anos, pode-se deduzir da carta, do Eminentíssimo Simeoni, datada de 9 de fevereiro de 1887: “estou eu também, escrevia-me o santo homem, profundamente desolado com as tristes condições em que se encontram os migrantes italianos, na América. Os relatórios enviados a esta S. Congregação, pelos Arcebispos de Nova Iorque, Nova Orleans e pelos padres do III Conselho plenário baltimoreense, dão uma idéia muito desencorajadora de seu estado espiritual e religioso”.

É suficiente dizer que, em Nova Iorque, os italianos não podiam freqüentar senão o subsolo, ou igreja subterrânea da Ascensão. Porém, é de se notar, a bem da verdade, que apenas D. Corigan, Arcebispo de Nova Iorque, soube da nossa instituição, escreveu-me cartas calorosíssimas, pedindo-me missionários e oferecendo-se para protegê-los da melhor forma possível.

Os nossos missionários foram. Abriam as portas às missões aos italianos expatriados. Eles agora, em grande parte, se quiserem, podem satisfazer suas necessidades espirituais.

Aos missionários de S. Carlos se juntaram outras Congregações. Reavivou-se nos pastores o sentimento de providência, para os pobres migrantes; e assim, se não se fez tudo o que se deveria fazer por eles, fez-se, porém, muito.

Na ocasião da grandiosa festa da santificação de João Batista de La Sale e Rita de Cássia, tive oportunidade de ver vários bispos da América do Norte: todos se mostraram felizes, contentíssimos, pelo bem que realizam lá, os Missionários de S. Carlos. Tenho a respeito, uma carta muito lisonjeira do Emo. card. Satolli, então Delegado Apostólico, na América e que foi expectador, do zelo dos mesmos Missionários. Ainda, o Arcebispo de Nova Iorque, conduzido aqui, e respondendo à orientação do clero da cidade, que veio cumprimentá-lo. Fez um discurso tão glorioso, sobre a nossa obra, que eu, embora, agradecendo-o comovido, acreditei, em consideração à verdade, dever atenuá-lo. Observei que se tratava de uma obra nova, ainda criança, que dificilmente pode caminhar totalmente livre de defeitos, por falta de experiência. Acrescentei que estes defeitos existiram e que estas faltas, varias foram feitas também entre nós; mas esperava, com a ajuda divina, que o nosso instituto iria se aperfeiçoando, sempre mais.⁹

“O bem imenso que estão fazendo no Brasil”.

Apenas os Missionários colocaram os pés em solo brasileiro, longe de encontrar ajuda, encontraram mil obstáculos, mil oposições, mas de alguns anos para cá, graças ao zelo daqueles santos bispos, as coisas mudaram de aspecto. Creio seja útil transcrever aqui um trecho de uma carta datada de Petrópolis, 14 de maio de 1900, escrita pelo Mons. Internunzio, ao superior de nossos missionários, em S. Paulo:

⁸ Da assistência à migração nacional e dos Institutos que a provêm, Placência, 1891, pp. 4-10. As irmãs salesianas do Sagrado Coração foram fundadas pela Madre Cabrini.

⁹ Relatório da Obra dos Missionários de São Carlos, para os migrantes italianos, 10-8-1900 (AGS 7/5). A Igreja da Ascensão, mais precisamente “da ressurreição”, a primeira capela onde celebravam os Scalabrinianos em Nova Iorque.

“Recebi, com verdadeira satisfação, o grande desenvolvimento que está tomando a obra dos Missionários de São Carlos, nestas regiões; e o bem imenso que estão fazendo, em meio a tantos colonos abandonados, em lugares completamente afastados e desprovidos de socorros religiosos. Estou verdadeiramente edificado e efusivamente agradeço a Deus e aos bons religiosos, principalmente a Sua Venerável Revma. que está a frente e os sustenta, com palavras e com o exemplo ...

Enquanto no Norte, os nossos Migrantes são recolhidos, em grandes massas nas cidades, no sul, especialmente no Brasil, estão dispersos em pequenos grupos, em imensos territórios. Os nossos missionários, portanto têm procurado construir entre todos aqueles grupos, pequenas igrejas, oratórios, capelas, onde vão periodicamente, para o exercício do sagrado ministério.¹⁰

“Necessidade de ter Irmãs nossas”.

Submeto ao vosso parecer uma coisa importante e sobre ela peço dedicar vossa mais séria atenção.

Muitas vezes se falou da necessidade de ter Irmãs nossas, dependentes dos nossos padres; alguns deles me escreveram, convencidos de que elas fariam um grande bem. Não se trata de fundar conventos; mas como se usa, com grande vantagem, em todas as Dioceses da França, as Irmãs deveriam viver em casa própria, três ou quatro juntas e lecionar na escola, cuidar de nossa Igreja, conservar em ordem, as coisas dos Missionários, catequizar as meninas, cuidar dos enfermos, também a domicílio, onde isso possa ser feito sem perigo etc.

Um certo número de almas boas se ofereceram para isto e esperam ansiosas, para entrar no noviciado, que deveria ser regularíssimo. Mas eu estou titubeante, embora em algumas circunstâncias providenciais, parece-me que Deus queira impor-me também esta cruz, mais pesada que todas as outras.

Reze, reflita e manifeste depois o seu parecer e respeito.¹¹

“Uma das circunstâncias providenciais”.

A bordo do navio, em que viajava um meu missionário, o Pe. José Marchetti (então professor do Seminário de Luca), morria uma jovem esposa, deixando órfão, um menino de peito e o marido sozinho, desesperado. O missionário, para acalmar o desolado esposo e pai, que ameaçava jogar-se ao mar, prometeu-lhe tomar conta do menino, e assim o fez. Chegando ao Rio de Janeiro, trazendo nos braços a inocente criaturinha, apresentou-se ao exímio conde Pio de Savóia, então Consul Geral naquela cidade. Ele não pode dar ao jovem Missionário senão palavras de encorajamento, mas foi suficiente para que Pe. Marchetti, batendo de porta em porta, chegasse

¹⁰ Idem.

¹¹ Carta a Pe. Colbachini, 15-2-1899 (AGS 3023/22). A história da fundação das Irmãs Missionárias de S. Carlos Borromeo (Scalabrinianos) parece complicada, porque a documentação apresenta alguns vazios. Aqui e em outros lugares Scalabrini fala de “algumas circunstâncias providenciais” que o levaram à fundação das Irmãs. Uma lhe foi oferecida pelas Apóstolas do S. Coração de Jesus, prestes à falência, às quais poucos dias antes de escrever a Pe. Colbachini o Bispo propôs salvá-las, contanto que se dedicassem aos migrantes. A “circunstância” mais importante, porém, foi a iniciativa de Pe. José Marchetti, que apresentou a D. Scalabrini sua irmã, Madre Assunta Marchetti, a mãe Carolina e outras duas jovens. As quatro, destinadas ao orfanato Cristóvão Colombo de S. Paulo, no Brasil, emitiram Primeiros votos privados, nas mãos de D. Scalabrini que as “enviou” ao Brasil, consignou o véu e deu indicações para as primeiras constituições, em 25 de outubro de 1895. Esta é a data da “fundação moral” das Irmãs Scalabrinianas. A “fundação jurídica” foi feita pelo bispo de Placência em 10 de junho de 1900, com o título de Apóstolas Missionárias do S. Coração: o novo Instituto compreendia seja as Irmãs recolhidas por Pe. Marchetti, seja as Apóstolas fundadas pela Madre Clélia Merloni. A fusão dois grupos, porém, não se efetuou, e os dois Institutos se separaram em 1907 (cf. Biografia, pp. 1067-1107). Tenha-se presente, nas seguintes citações, que por “Apóstolas do S. Coração” Scalabrini entende a Congregação composta pelos dois grupos.

enfim a colocar o pobre órfão sob os cuidados do porteiro de uma casa Religiosa. Desde aquele momento a idéia de fundar em São Paulo (para onde se dirigia) um orfanato, para os filhos dos italianos, passava pela sua cabeça, e com enormes sacrifícios onseguiu fundá-lo de fato. Conta atualmente quatro anos de existência, com 160 órfãos e um mártir que reza por eles no céu, pois as grandes fadigas sustentadas, custaram a vida ao piedoso e zeloso Missionário.¹²

“Ide confiantes, filhas”.

Ide confiantes, filhas, vos mandarei depois outras coirmãs e vós retomareis para vos formar e consolidar-vos no espírito religioso.¹³

“Um regulamento ad experimentam”.

Quanto às Irmãs, existia um regulamento aprovado “ad Experimentum”. Se não o encontrades, escrevei-me imediatamente. Desejou-se iniciar com os votos temporários; veremos o que Deus quer. Por enquanto, recebei também as jovens, sobre as quais me escrevestes, mas estai atentos, que sejam quais devem ser.¹⁴

“Outra circunstância providencial”.

Das circunstâncias verdadeiramente providenciais, parece-me e aos padres aqui residentes, que Deus queira a coisa. Ela certamente tera êxito se com a oração fervorosa e com o sincero desejo de nos consagrarmos inteiramente à glória de Deus, nos tornamos merecedores e dignos (...). É necessário começar do princípio e instituir um Noviciado regular, que todas, sem exceção, devem fazer, formando-se assim no verdadeiro espírito de Jesus Cristo. Na espera da hora de Deus, vivi com as irmãs, toda n’Ele, com Ele e por Ele e Ele, por sua misericórdia, nos assistirá, na grande obra que queremos empreender.¹⁵

“As novas irmãs e as antigas”.

As irmãs, eis um assunto a ser considerado com toda seriedade. As novas Apóstolas do S. Coração são formadas seriamente para a vida religiosa. É necessário formar também as boas filhas que há tempo trabalham com empenho, para os nossos órfãos. De quanto me escreveste e de quanto me disse o Pe. Marcos, conheço o espírito delas e seu vivo desejo de servir do melhor modo a Jesus Cristo, seu esposo, motivadas unicamente do desejo de seu maior bem.

Depois de alguns dias da chegada, as novas irmãs assumirão a direção da casa e as antigas se recolherão por alguns meses, para fazer uma espécie de Noviciado. Neste tempo, sem deixar o trabalho necessário para a casa, a vosso critério e da Superiora, dedicar-se-ão com particular atenção, às obras de piedade e de perfeição religiosa que lhe serão sugeridas, procurando crescer no conhecimento e no amor de Nosso Senhor, cultivando as virtudes da humildade, da obediência e no espírito de sacrifício, seguras de êsstm se tornarem instrumentos dignos de suas graças mais escolhidas. Eu as abençôo a todas e cada uma e peço a Deus que is cumule, com suas mais escolhidas graças. Também a mãe do Pe. Marchetti, que do céu intercede por nós, se deseja,

¹² A Itália no exterior, Turim, 1899, p. 22. A fundação do orfanato Cristóvão Colombo, está na origem da fundação das Irmãs Scalabrinianas.

¹³ E. Martini, Memórias sobre a fundação da Congregação das Irmãs Missionárias de S. Carlos (AGS 103/8). Estas palavras foram dirigidas às quatro primeiras Irmãs Scalabrinianas em 25 de outubro de 1895.

¹⁴ Carta a Pe. E. Consoni, 12-3-1897 (AGS 103/2). Pe. Faustino Consoni sucedeu a Pe. Jose Marchetti na direção do Orfanato Cristóvão Colombo.

¹⁵ Carta a Madre C. Merloni, 22-2-1899 (Arquivo geral das Apóstolas do S. Coração de Jesus, Roma).

poderá ber aceita e entrar com as outras, no noviciado. Terminado este, as consideradas dignas, e espero que sejam todas, renovarão os votos.¹⁶

“A obra dos missionários seria incompleta sem a ajuda das Irmãs”.

A obra dos Missionários seria incompleta, especialmente na América do Sul, sem a ajuda das Irmãs. Por isso, pedi a várias Congregações já existentes, mas não consegui nada. As boas Irmãs missionárias de Codogno, é verdade, se me ofereceram, e eu lhes abri as portas da América, onde fazem muitíssimo bem, mas não é o bem que a nossa Congregação tem em vista.

Temos necessidade de Irmãs como aquelas dispersas nas dioceses da França, que se adaptam a viver também em quatro apenas, e sem pretensões, lecionam na escola primária, ensinam o catecismo e onde for possível, assistem os doentes, com todos os cuidados que a prudência, e a experiência sugerem. Por mais que os missionários insistissem e fizessem violência ao meu coração, para ter semelhantes irmãs, eu sempre me opus, sentindo uma extrema regnância de colocar mãos a esta nova obra.

Mas há alguns anos, uma série de circunstâncias providenciais e me fizeram conhecer ser este o querer de Deus, e agora temos as Apóstolas do Sagrado Coração, destinadas à assistência dos migrantes, especialmente, na América. Dentro em pouco, depois de dois anos de de prova, partirão doze: seis, antes de meados deste mês, para São Paulo; as outras seis, em fins de setembro, para Curitiba Sucessivamente, partirão outras, pois em pouco tempo, tivemos mais de cem pedidos.

Tudo isto se faz atualmente, como experiência. Se Deus abençoar como espero, também esta empresa, no tempo devido, serão mandadas as regras a esta S. Congregação.¹⁷

“Obra de regeneração”.

Referi-me em outra carta que estava combinando coisas utilíssimas com este pio e bom bispo. Eis agora o que decidimos:

a) recolher os surdos-mudos, meninos e meninas, e iniciar esta missão.

- Após a leitura desta, ireis ter com a Superiora Geral das Apóstolas, Irmã Marcelina e lhe direis em meu nome, que tenha prontas duas Irmãs, instruídas por Ir. Cândida, para vir aqui ao primeiro aceno (...). Esta é uma instituição muito importante, completamente nova, para estes Estados tão vastos (...). O Bispo aceitou a proposta, com verdadeiro entusiasmo e compreendeu logo o valor moral. Amanhã falarei com o Governador do Estado e espero alguma ajuda. Por enquanto iniciaremos no local deixado pelas érfãs e Irmãs, que irão para Vila Prudente. O senhor Bispo prometeu-me apoio moral e também material, quanto lhe seja possível. Se conseguir apenas esta obra de regeneração, estarei satisfeito de minha longa viagem.
- Conceder aos Missionários a paróquia de S. Bernardo, onde surgem nossos estabelecimentos. Ela conta cerca de quarenta mil fiéis e se estende quase de S. Paulo a Santos, isto é, até o mar, oitenta milhas de extensão. Foi um gesto amável do Bispo, com a finalidade de oferecer aos nossos missionários, para quem alimenta grande estima e afeto, cinco ou seis mil libras de renda por ano e assim facilitar os seus gravíssimos compromissos. A paróquia é quase toda formada por italianos.
- Abrir, assim que for possível, duas residências no interior do Estado, para assistência dos italianos que trabalham nas fazendas. Estes são mais de dois mil e até o presente foram atendidos com imenso sacrifício, pelos nossos padres, aqui do orfanato.

¹⁶ Carta a Pe. F. Consoni, 8-8-1900 (AGS 103/2).

¹⁷ Relatório da obra dos Missionários de S. Carlos para os migrantes 10-8-1900 (AGS 7/5). As “irmãs missionárias de Codogno” são as Missionárias do S. Coração fundadas por S. Francisca X. Cabrini.

Neste Estado e Diocese existe um milhão e duzentos mil italianos. Estabelecer bem as coisas aqui é muito importante, porque abrange o maior núcleo italiano da América do Sul.¹⁸

“Se pudermos, com o tempo formar sacerdotes entre os filhos dos nossos migrantes”.

Vós, Missionários, sois interessantes! Considerais o Instituto como se contasse vinte anos de vida, e não tem senão um! É necessário, provar os elementos um pouco, antes de enviá-los (...). As vocações não são muitas, mas os padres que estão, parecem seguros. Pedidos não nos faltam, mas é necessário cautela na aceitação. Se com o tempo pudermos formar sacerdotes entre os filhos dos nossos migrantes, teremos operários para a abundantíssima messe.¹⁹

“Um colégio ítalo-americano para os filhos dos colonos”.

Pergunta-me se D. Felice fez bem em adquirir a propriedade na ilha de (long) Island? Respondo: Sem dúvida, fez muito bem eis o motivo:

— Nos primeiros dias deste mês pensava muito como realizar o desejo do Papa de fundar um colégio Italo-Americano, para os filhos dos colonos, que demonstrassem vocação ao estado eclesiástico. Seria para nós uma verdadeira providência. No colégio, os clérigos a para nós uma verdadeira providência. No colégio, os clérigos fariam os cursos de latim e de filosofia, e aqui na casa mãe, a teologia.

Parece-me que o Senhor quer mesmo esta obra, porque nestes dias, enquanto estava pensando nisto, apareceram dois ótimos sacerdotes, que já foram professores por vários anos nas respectivas dioceses e que estariam ávidos de se dedicarem de novo ao ensino. Um terceiro sacerdote, também professor, eu o espero. Fizeram pedido, para entrar, dois jovens estudantes, um dos quais já fez a quinta e outro, filosofia. Eis o pessoal já pronto e suficiente para o início (...). Se o local existe e tu podes abastecê-lo do necessário, mando-te logo estes novos apóstolos e com eles os quatro ou cinco juvenzinhos leigos da América, para iniciar a obra, com certo número de alunos.²⁰

“Os filhos dos colonos italianos instruídos na América”.

Quanto aos jovens dos quais me falas, advirto-te que é coisa muito séria ter no Instituto padres, clérigos, teólogos e jovens. É um negócio que, bem considerados todos os aspectos, não convém mesmo. A experiência demonstrou que a arca de Noé, que realizou sua finalidade, teve que ser una. É necessário ainda avaliar também o aspecto econômico e considerar a grande despesa de que comporta a obrigação de prover os professores. E finalmente de não perder de vista o mais importante, que é a dignidade e o êxito.

Minha idéia e a do S. Padre, é que os jovens, filhos de colonos italianos, que demonstram vocação ao sacerdócio, sejam instruídos na língua italiana e latina, aí na América, e mandados para a Itália, quando devessem iniciar o curso teológico ou ao menos de filosofia. Deste modo poderemos assegurar-nos de sua vocação, não fazê-los perder tempo precioso e não nos causar grandes sacrifícios, sem colher depois nada. Que quereis dizer sobre um menino de dez ou doze

¹⁸ Carta a C. Mangot, 14-7-1904 (AGS 3022/22). O “Bispo” de Paulo era D. José de Camargo Barros. Irmã Marcelina Viganó foi a segunda superiora geral das Apóstolas do S. Coração de Jesus. Irmã Cândida Quadrini, filha de Sant’Ana, era a diretora do Instituto Surdas-Mudas fundado por Scalabrini.

¹⁹ Carta a Pe. F. Zaboglio, 9-1 1-1888 (Arquivo do Seminário de Como).

²⁰ Carta a Pe. F. Zaboglio, 20-1-1891 (id.). Pe. Felice Morelli tinha comprado um terreno em Long Island, Nova Iorque, em vista de um seminário scalabriniano, mas teve que revende-lo logo, para pagar as dívidas da paróquia S. Joaquim.

anos? Aqueles que vieram aqui há alguns anos, são todos filhos bons, mas conseguirão? Só Deus o sabe.

Por enquanto coloque-os no Seminário, para que possam fazer regularmente seus estudos e se não sentirem chamados ao sacerdócio abracem outras carreiras.²¹

b) NA IGREJA E PARA A IGREJA

“A vossa solícitude de Pastor Universal”.

Vossa carta sobre Cristóvão Colombo (...) chamou mais uma vez nossa atenção sobre o mísera sorte dos que, cada ano, migram da Itália em grupos, para as Américas, a fim de lá buscarem o sustento para a vida.

Sim, Santo Padre! Aquela fé, que ao espírito de Colombo, representava populações intermináveis, envolvidas, em trevas deploráveis, perdidas atrás de cerimônias loucas e superstições idolátricas, aquela mesma fé representa para nós um espetáculo não menos triste, isto é, milhares e milhares de pobres expatriados, como ovelhas, sem pastor, errantes por caminhos ásperos e escarpados, ignorantes sobre as verdades eternas e os preceitos da vida cristã, expostos às ciladas dos maldosos e dos prepotentes, aos quais se sujeitam, vítimas infelizes das seitas, lá mais que em qualquer outro lugar, ativas e numerosas.

Sabemos que vós, na vossa solícitude de Pastor universal, vos apressastes em ir ao seu encontro, seja estimulando em seu favor o zelo dos Bispos americanos, seja promovendo na sede episcopal de Placência a fundação do Instituto Cristóvão Colombo, precisamente destinado a receber os sacerdotes que quisessem ser seus guias, assistindo-os amorosamente, com todas as solícitudes do sagrado ministério e com todos os cuidados da caridade cristã.

A proteção que deste modo vós, Santo Padre, Vos dignastes conceder à migração italiana, certamente não será uma das últimas glórias de vosso fecundo e sublime Pontificado, como não serão leves, nem poucas as vantagens, que trarão à Igreja e à S. Sé Apostólica.

Ela, para silenciar as mil outras que podem escapar à alta percepção de Vossa Santidade, possui agora, para a proteção dos migrantes das diversas nacionalidades da Europa, o meio mais fácil e mais seguro para receber o reconhecimento e o afeto não só dos expatriados, mas também das mesmas nações às quais eles pertencem.²²

“Dai novo impulso à obra para os italianos que residem nas Américas”.

Nós, abaixo-assinados, Metropolitanas das várias regiões da Itália, interpretando os sentimentos de Vosso paterno coração e dos nossos Venerandíssimos co-irmãos sufragâneos, ousamos pedir-vos para dar novo impulso à Obra já tão benemérita das Missões para os italianos residentes nas Américas, aproveitando exatamente a ocasião do IV Centenário da descoberta do novo mundo.

E como as necessidades morais e materiais, que é preciso prover e este respeito, são, como é de vosso conhecimento, imensas, contínuas, crescentes, ousamos suplicar-vos, Santo Padre, para estabelecer que no terceiro domingo de outubro próximo, em consequência de Vossa Venerável carta e depois cada ano, no terceiro domingo da Quaresma, seja feita, em todas as Igrejas da Itália uma coleta, em favor da referida Obra, a qual visa a abolição do tráfico dos brancos, como já achastes oportuno estabelecer para a obra que visa a abolição do tráfico dos negros. As ofertas recolhidas deste modo poderão, se Vos agrada, serem enviadas ao card. Protetor da Congregação dos Missionários, para os italianos migrantes, que têm sua principal sede, em Placência, e por ele ser administrada e distribuída conforme as necessidades da mesma Congregação.

²¹ Carta a Pe. F. Zaboglio, 4-3-1892. (Id.).

²² Carta a Leão XIII, julho de 1892 (AGS 6/3). A carta, redigida Scalabrini, foi assinada por seis cardeais, sete arcebispos e trinta e bispos.

Já, Santo Padre, as Dioceses, antes, poderão dizer, todas as paróquias da Itália dão, filhos, mais ou menos numerosos, para a migração. Por isso é muito justo que todas contribuem para uma Obra que redunde em benefício de todos (...).

Deste modo, Santo Padre, o Instituto Cristóvão Colombo, que viria ser um monumento vivo, levantado nesta solene ocasião, pelos católicos italianos, ao grande descobridor da América, teria que estável e segura assistência, daria frutos sempre mais abundantes de e nós dormiremos mais tranqüilos sobre a sorte de nossos filhos distantes. Muitíssimas outras obras de suprema necessidade teriam vida e incremento, como igrejas, escolas, oficinas, orfanatos, hospitais etc.... Não poucos sacerdotes e leigos se sentiriam inspirados a ir em seu socorro. A mesma S. Congregação de Propaganda Fide experimentaria benefícios morais e econômicos, não indiferentes e o futuro do catolicismo entre as jovens nações americanas seria também assegurado por esta parte.²³

“Sob os altos auspícios do Sumo Pontífice e do Episcopado”.

A instituição dos Missionários para os Migrantes italianos, iniciada, há cinco anos na minha Placência, sob os altos auspícios do Sumo Pontífice e do Episcopado, graças a Deus, deu frutos consoladores.

Vossa Excelência não ignora os perigos espirituais, morais e materiais da nossa migração (...). Todas as Dioceses da Itália um contingente mais ou menos elevado a este doloroso êxodo e por isso todas, é me caro dizê-lo, têm contribuído à obra de Redenção, fornecendo meios materiais e sacerdotes animados do mais alto espírito de sacrifício. Com tal ajuda pode-se abrir, na Itália, e precisamente nesta cidade, um Instituto de Missionários e realizar outras obras de religião, em diversos países da América, principalmente do Norte, em todos os lugares onde é mais densa a colônia italiana.

Mas o fato até aqui, se é muito, tendo presente a exigüidade do tempo e dos meios, é pouquíssimo em confronto com o que está por fazer. Faltam consideráveis meios materiais e numerosos operários, para substituir os debilitados e os mortos, se não queremos definir as obras empreendidas. Outras deveriam ser assumidas, urgentemente, entre as quais, a implantação de agência de vigilância e de orientação, ao menos nos principais portos de embarque e de desembarque, tanto na América quanto na Itália. Frequentemente chegam pedidos de ajuda, para as novas missões e não sei, como prover.

Excelência, se quiser me ajudar em um empreendimento tão superior às minhas fracas forças, recomendando-a às orações e à caridade dos fiéis na pregação quaresmal, ou em qualquer outro modo que lhe pareça mais oportuno. É um pedido que faço, em nome de tantos filhos nossos distantes, os quais, por falta de assistência religiosa, estão em contínuo perigo de perder a alma.

²⁴

“Confio na ajuda dos meus co-irmãos no Episcopado”.

Alegro-me em ver, como também preocupa V. Excia. Revma., a obra, para os nossos pobres migrantes. O favor que me vem de um bispo, tão distinto, em sabedoria e virtude, é-me de grande conforto, em um empreendimento, muito superior às minhas forças. Para mim, depois de Deus, confio exatamente na ajuda dos meus veneráveis co-irmãos no Episcopado. Enfim trata-se de uma obra deve se tomar de grande benefício, para a parte mais abandonada do seu rebanho (...).

Excelência, atingem milhões os nossos pobres compatriotas, semeados lá, nas vastas planícies da América e todos são, como ovelhas, sem pastor. Quase todos os dias, recebo relatórios como-vedores deles. Todos acabam pedindo, de mãos juntas, a ajuda de algum sacerdote.

²³ Id. O primeiro cardeal protetor” dos missionários scalabrinianos foi Agostinho Bausa, arcebispo de Florença.

²⁴ Circular aos bispos da Itália, 14-1-1893 (AGS 7/1).

Já enviei alguns, e outros lhes enviarei, dentro de alguns meses. Não esquecerei, ótimo senhor Bispo, sua recomendação, mas preciso de ajuda, sobretudo de pessoal. Oh, se também V. Excia., com a grande influência que exerce, fizesse escutar, a propósito, uma sua palavra aos sicilianos, tão ardentes na fé! Estou convencido de que qualquer vocação para a assistência dos nossos pobres migrantes seriam encontradas também, naquelas partes.²⁵

“Trata-se de uma causa de interesse comum”.

As urgentes e gravíssimas necessidades da nossa migração, à qual cada Diocese da Itália leva mais ou menos largamente o seu contributo, movem-me a enviar a presente.

Como se verá na carta do Exmo. card. Secretário de Estado de Sua Santidade, anexa, eu desejo confiar a um dos meus missionários, e precisamente ao Pe. Beccherini, o encargo de fazer conferências nos principais seminários, com a finalidade de tornar conhecida a obra de assistência aos migrantes, na América e de suscitar, alguma vocação, para este fim.

Gostaria Vossa Excelência de permitir ao referido Missionário ir também aí? Fico-lhe muito agradecido e Deus certamente lhe recompensará, com o reflorescimento sempre maior do seu clero. Por um, que eu dou às missões, dizia um santo bispo, Deus me manda infalivelmente dois.²⁶

“Nem todos os bispos encontram-se nisto, à altura de sua missão”.

Seriam necessárias pessoas, mas infelizmente são escassas às necessidades. Atualmente tenho aqui disponíveis, sete padres e seis leigos, mais três clérigos, que fazem os estudos teológicos. Aspirantes não faltariam, mas nem todos os bispos encontram-se nisto à altura de sua missão, esquecendo tantas centenas de milhares de almas, que perecem, entre as quais, cada um, conta com um bom número, opondo-se a que qualquer sacerdote seu vá em auxílio deles. Que é para uma Diocese, como as nossas, um padre a mais ou a menos! Oh, Eminentíssimo, quanta mesquinhez também, para com Nosso Senhor! Seria mesmo necessário que se pensasse em eliminar também este obstáculo. Vossa Eminência prestaria à religião um ilustre serviço, se enviasse aos Bispos da alta Itália e da central, uma carta circular que para poupar-lhe o tempo, permito-me enviar-lhe uma espécie de formulário. Seria a única maneira de despertar os adormecidos e faria um bem imenso.²⁷

“Nunca empreender coisa alguma, sem a aprovação dos Bispos”

Obediência, antes de tudo, aos veneráveis Pastores das dioceses americanas, dos quais, mais de uma vez exaltastes a doutrina, o zelo, o apego à Sé Apostólica, e aos quais tanto deveis.

Recordai-vos, ó meus queridos, que exercéis o sagrado ministério em campo reservado à sua imediata jurisdição, onde só eles são os juízes ordinários e legítimos das obras que se referem ao bem espiritual dos fiéis confiados aos seus cuidados, mas também do tempo e do modo mais oportuno, para iniciá-la e conduzi-la ao término.

Por isso, cuidai bem de nunca empreender nada, sem o consentimento daquele que o Espírito Santo colocou para reger a diocese em que vos encontrais. Humildes e devotos, reconheci nele o vosso pai, aquele que deve invocar sobre vossas fadigas as bênçãos de Deus e como tal circundai-o do amor mais reverente e do respeito mais afetuoso. A este respeito e a este amor dirigi vossa Atenção para informar o espírito dos nossos compatriotas. Estes vos vejam dóceis em tudo, aos ensinamentos do Bispo, observantes exatos de suas prescrições, sempre prontos às suas pretensões e também aos seus desejos, e eles estarão mais prontos à vossa pretensão e desejo.

²⁵ Circular ao arcebispo de Montreal, 17-10-1888 (AGS 3024/4).

²⁶ Circular aos bispos da Itália, 22-2-1904 (AGS 9/4).

²⁷ Carta ao Card. G. Simeoni, 7-12-1888 (AGS 2/1).

Em união com o bispo, far-se-á mais estreita e mais forte, a união que deveis ter com o Papa supremo e infalível Mestre, do qual vos vem a missão de apostolado, nessas longínquas regiões. Lembrados de que, onde está Pedro, aí está a Igreja, não deixeis escapar nenhuma ocasião, para tornar conhecida sua grandeza, recordar seus benefícios, para celebrar suas glórias, para conquistar-lhe os corações de todos; submissos, vós mesmos, de mente e de coração a quanto Ele ensina e ordena, ou aconselha.

Grande abnegação de vós mesmos, grande amor à disciplina, obediência grande, generosa, contínua aos vossos superiores e sobretudo ao Romano Pontífice, eis, em uma palavra, aquilo que faz a beleza, à honra, a força da humilde Congregação, à qual vós sois os primeiros a pertencer.²⁸

“Obediência plena aos Ordinários do lugar”.

Tenho a firme convicção de que estes Missionários não podem alcançar a sua finalidade, senão na plena submissão e obediência aos Ordinários do lugar, não somente pelo que concerne à jurisdição e à observância das leis eclesiásticas, mas também para a execução de sua missão: e minha firme vontade é que os missionários não empreendam nada sem o conselho e a permissão dos Ordinários.

É muito importante, Excia. Revma., que o senhor saiba tudo isto, para poder agir com a máxima liberdade e autoridade, com os missionários admoestando-os, corrigindo-os e se for necessário, também submetendo-os às penas eclesiásticas. E com tudo isto, por quanto for necessário, concordamos, o Superior Provincial e eu.²⁹

“É um dos pontos principais da Regra”.

Eu me convenço sempre mais da idéia de que os missionários devem, em tudo e por tudo, depender dos Bispos, que os aceitam em suas dioceses.

Este é também um dos pontos principais da Regra, e o Morelli, que não a observou, sofre e nos faz a todos sofrer a pena. Seja feita a vontade de Deus! Espero que isto sirva de lição aos outros, e que o Pe. Vicentini não faça mais nada, sem a sua aprovação. De resto, se os missionários não puderem ter o subsolo, será suficiente um quarto, uma capela de madeira, se também

V. Excia. permitir que continuem naquela parte da missão. Porquanto façam o bem e salvem muitas almas, qualquer coisa deve ser suficiente.³⁰

“As diversas nacionalidades tenham um representante no Episcopado americano”.

O bom marquês Volpelandi deu-me para ler a cópia da carta escrita por V. Excia. ao deputado Cahensly.

Estes dois senhores ficaram, para dizer a verdade, muito magoados, ao ver-lhes atribuídas idéias que nunca tiveram, e me pediram para responder em seu lugar, convictos de que a minha palavra fosse obter êxito muito mais eficaz, junto a V. Excia.

Caro senhor bispo, permita-me que lhe diga: neste assunto suscitou-se uma verdadeira tempestade em uma colher de água. Não era, e nem podia ser intenção destes distintos senhores, fazer a menor ofensa aos direitos do Episcopado americano; eles, posso assegurar, nunca sonharam de pedir à Santa Sé a dupla jurisdição. O projeto deles era simplicíssimo: conseguir que as diversas nacionalidades européias tivessem um representante no Episcopado americano e este não já estrangeiro, mas cidadão da América.

²⁸ Aos missionários para os italianos nas Américas, Placência, 1892, pp. 7-8. A “carta aberta” traz a data de 15-3-1892.

²⁹ Carta a D. W. H. Elder, 21-6-1893 (Arquivo Diocesano de Cincinnati, Ohio).

³⁰ Carta a D. M. A. Corrigan, 9-9-1893 (Arquivo Diocesano de Nova Iorque). Pe. Felice Morelli foi o primeiro Superior Provincial dos Scalabrinianos nos Estados Unidos. Seu sucessor foi Pe. Domingos Vicentini.

Não foi talvez isto já sugerido pelo mesmo Episcopado Americano daquele alto bom senso e conhecimento prático das coisas que tanto o distingue? Não é exatamente este, o método que já se usa? Não existem nos Estados Unidos, bispos alemães? Não existe, na qualidade de bispo também D. Pérsico, que nasceu na Itália?

Reduzida a questão nestes termos, como o é de fato, V. Excia. bem vê que não poderia suscitar inconvenientes de espécie alguma. Antes considero que isto seria muito vantajoso ao Corpo Episcopal. De fato, devendo os bispos prover indistintamente, a todos os católicos sujeitos à sua jurisdição, teriam tido, dos referidos representantes, noções exatas e seguras, sobre os costumes, as aspirações, as necessidades das respectivas nacionalidades, a providência teria sido muito mais satisfatória e a Religião teria tido maior proveito.³¹

“Liberdade de ministério, de acordo com o Arcebispo”.

O sacerdote Pe. Francisco Zaboglio está autorizado a tratar com o senhor arcebispo de Nova Iorque, o estabelecimento dos nossos missionários, na referida cidade sobre as seguintes bases:

1) Os missionários devem ter liberdade de ministério, enquanto na Igreja, oratório ou construção designados por eles, possam realizar, para os italianos, todas as funções do sagrado ministério, permanecendo porém as condições que o senhor Arcebispo creia oportuno estabelecer a respeito de matrimônios e batismos;

- Os missionários devem ter alojamento livre e independente, também em casa alugada, com o fim de levar vida comum;
- Os missionários devem ter liberdade de fazer coletas sempre de acordo com o senhor Arcebispo, com o fim de erigir uma nova igreja, para os italianos.³²

“Plena e inteira liberdade no ministério”.

O cardeal Rampola, a quem V. Excia. se dirigiu, e a sagrada Congregação de Propaganda Fidei me encarregou de satisfazer os desejos, que o senhor lhes havia expresso, a fim de ter à sua disposição missionários para a assistência religiosa aos migrantes italianos.

Tenho em grande consideração o desejo expresso por V. Excia. e tomarei as devidas providências, para satisfazer a este pedido, inspirado pelo seu zelo pastoral e pelo amor pelas almas. Espero estar em condições de enviar os missionários dentro de alguns meses. Mas antes tenho necessidade de saber: 1º) se os padres poderão ter uma residência à parte, por quanto modesta que seja, de modo que possam viver de acordo com as regras aprovadas pela Santa Sé; 2º) se terão plena e inteira liberdade no seu ministério, para os italianos e se por isso, serão destinados a estar sob a inteira e imediata dependência de V. Excia., de quem eles deverão respeitar, plenamente as ordens e os planos. Este princípio foi adotado nas dioceses da América do Norte, para onde eu enviei missionários. Os bispos dispensaram os italianos das jurisdições paroquiais, submetendo-os inteiramente aos missionários enviados da Itália, para cuidarem de suas necessidades espirituais.³³

c) ESPÍRITO MISSIONÁRIO

“Ide, ó novos apóstolos de Jesus Cristo!”

³¹ Carta a D. M. A. Corrigan, 10-8-1891 (Arquivo Diocesano de Nova Iorque). Para o “Memorial de Lucerna”, que pedia representantes da Migração no episcopado americano, e para o “cahenslysmo”, (cf. Biografia, pp. 969-974).

³² Instruções para o Pe. F. Zaboglio, 4-6-1888 (AGS 3023/1).

³³ Carta a D. Thiel, Bispo de Costa Rica, 20-3-1889 (AGS 3021/9).

Em meio às gravíssimas provações, a que hoje está submetida a Igreja, entre as tempestades ainda mais graves que a ameaçam, é belo contemplar a calma, a inquebrantável calma, em meio à qual ela continua sua obra civilizadora no mundo!...

Segura de si e com o auxílio que vem do alto, ela, do pacífico exército dos seus soldados, quase cada dia destaca alguns batalhões, escolhidos entre os mais corajosos, e os envia aos quatro cantos da terra. Lança-os nas praias mais remotas, além dos mares, além de imensos desertos, mais espantosos que os mares, para infundir nos novos a fé, para conservá-la e aumentá-la naqueles que já a possuem, para salvar as almas.

Este é um fato único no mundo, um fato que já dura vinte séculos, e do qual nós mesmos temos hoje, aqui debaixo dos olhos, prova eloqüente.

São almas generosas que, abraçando a pobreza de Cristo, abandonando comodidades, honrarias, pátria, afetos domésticos e quanto existe, no mundo, de ternamente querido, vão desejosos de socorrer os nossos compatriotas migrantes, para além do oceano. Ouviram o grito de dor daqueles nossos irmãos distantes e vão!... Ide novos Apóstolos de Jesus Cristo: ide, mensageiros velozes... ao povo que vos espera... e que é pisado.

Ide por toda parte do novo mundo, porque lá não existe povo mais humilhado que o nosso, porque lá vos esperam almas que têm necessidade de vós. Os povos, os mesmos povos pedem o pão do espírito e não existe quem lhes dê! (...).

Ide: que o Anjo dos Estados Unidos vos chama, mostrando-vos mais de quinhentos mil italianos abandonados. Ide, que os Anjos do Paraná, do Peru, da Argentina, da Colômbia e de outras províncias vos chamam, mostrando-vos um milhão e trezentos mil italianos sedentos de verdade e em contínuo perigo de cair nos laços da heresia (...).

Vasto, sem fim, é o campo aberto ao vosso zelo. Lá, templos para erguer, escolas para abrir, hospitais para construir, asilos para fundar. Há o culto do Senhor para prover, existem crianças, viúvas, orfãos, pobres doentes, velhos decrepitos e todos para falar brevemente sobre as misérias da vida, sobre elas invocar os influxos benéficos da caridade cristã. Como prover a tantas e tão graves necessidades?... Ide! Ide! A Providência, que vigia, com ternura de mãe sobre as obras que ela iniciou, resolverá, e lá mesma o árduo problema. Procurai somente seguir seus amorosos conselhos.

Fazei com que todos experimentem como o Senhor é suave (...).

Aguardam-vos, eu sei, imensas fadigas, não poucos perigos, muitas contradições, lutas e sacrifícios contínuos, mas, é isto que vos deve fortalecer o trabalho que abraçais. Isto que deve acrescentar energia ao vosso espírito. O vosso conforto, a vossa guia, a vossa mais certa defesa esteja na Cruz, que vos entreguei: a Cruz, que no dizer de Crisóstomo é a luz dos humildes, o sustento dos fracos, a árvore da vida, a chave do céu, o sinal da vitória, o terror de satanás, a força de Deus. Com esta espada em punho, vencereis. Vencereis, parece-me que isto repete, daquela urna, o mártir patrono deste templo, o glorioso Antonino. Ele que viu despontar os primeiros germens de vosso instituto aqui, junto às suas sagradas cinzas, ele vos acompanhará, sem dúvida, com a ajuda do seu patrocínio.³⁴

“A cruz de missionário”.

Existem momentos tão solenes, na vida do homem, tão repletos de suave e profunda emoção, que é impossível imaginar se não se experimenta e se experimentados não se esquece mais. E um destes foi o que, deste mesmo templo, há poucos meses abençoava o primeiro grupo dos generosos, que abraçando a pobreza de Cristo, abandonado tudo o que tinham de mais querido no mundo, voavam ansiosos em socorro de nossos compatriotas migrantes, para além do Oceano. Hoje se renova aquele comovente espetáculo. O palpar do coração, confesso-vos, parece-me que se tornou, pela fé, mais vigoroso e forte. A infinita caridade de Deus me abre o peito, sublima minha mente, à vista e no desejo do apostolado e apertando ao peito a cruz de ouro do Bispo, docemente quase me queixo com Jesus, que me tenha negado um dia, a Cruz de madeira

³⁴ Discurso aos Missionários que partiam, 12-7-1888 (AGS 3018/2).

do missionário e não posso deixar de vos expressar, ó jovens Apóstolos de Cristo, a mais alta veneração, de sentir uma santa inveja de vós, que com espírito forte vos consagrastes à santa obra das missões. E a quem serão comuns tais sentimentos, quando se reflete um pouco, sobre a grandeza e sublimidade do apostolado católico, do qual hoje temos aqui uma prova eloqüente? (...).

“Eu, diz o Senhor, por boca do seu profeta, erguerei em meio aos povos, um sinal de resgate universal, e escolhendo entre os viventes, os pregadores da minha palavra, mandá-los-ei aos povos abandonados, para além dos mares. Eles anunciarão a minha glória e reunindo todos os irmãos, os apresentarão em oblação ao Altíssimo”.

O sinal do resgate universal, levantado em meio aos povos é a Cruz. A sociedade dos remidos é a Igreja. A palavra que voa de lugar em lugar, de povo em povo, anunciadora de salvação, é o apostolado católico (...).

Nenhum obstáculo, nenhuma força conseguiu deter os ministros desta palavra (...). E vós hoje, ó queridos filhos, podeis vos gloriar de estar no número deles, dando nome à humilde Congregação, que foi aclamada há alguns dias pelo grande Arcebispo de S. Paulo de Minesota, a forma mais bela dos nossos dias, mais útil, mais fecunda do apostolado católico (...).

Oh! abençoados os passos dos Missionários que levam a boa nova aos irmãos abandonados! Quanto é preciosa a sua obra diante do céu. Quanto é bela e comovente perante a terra! Como nos atrai à vista destes catequistas que legitimamente enviados, impunham a cruz e partem a fim de plantá-la, símbolo de salvação e de civilização, em meio a nossos irmãos obrigados até agora a viver e a morrer desprovidos de todo conforto da religião (...).

Ide e não temais: sede fiéis, suplico-vos, a estes santos altares, à vossa vocação: pacientes, prudentes, modestos, repletos de caridade. A isto se orientaram as minhas pobres orações, as orações de tantas boas almas, dos vossos coirmãos, dos vossos parentes, e especialmente das vossas boas mães, que se agora choram pela vossa partida, conhecerão um dia, a glória de ter dado um Apóstolo a mãe comum, à Igreja.

Ah! a oração, não a esqueçais nunca. É a eficácia e a fecundidade da pregação evangélica. É a parte mais viva, mais forte, mais poderosa do Apostolado como ensina Jesus Cristo, soberano modelo da vida apostólica.³⁵

“Ide, pregai o evangelho a toda criatura”.

Desde o dia em que Jesus, voltando-se aos seus discípulos disse: ide, pregai o Evangelho a toda a criatura, o apostolado católico não deixou de existir na Igreja de Deus (...). Hoje, como ontem, como nos séculos passados, como no primeiro dia do resgate humano, soa doce e insistente aos ministros do santuário a palavra de Cristo: ide. E para onde? a todo o mundo. E para que? para difundir a verdade: ensinai a todos os povos (...).

Assim que, também em nossos dias, vemos partir de todas as praias da Europa católica, os propagadores da boa nova, os pioneiros da civilização, os mensageiros do perdão e da paz. São jovens levitas que no entusiasmo de sua fé, no ardor de sua caridade; Senhores, exclamam, estou atrasado em ir ensinar o teu nome aos meus irmãos, e arrancamse dos braços de uma terna mãe, que chora. Dão um generoso adeus aos parentes e amigos, renunciam as doçuras da pátria, a todos os encantos da fortuna, a todos os prazeres da vida, e, armados unicamente com o crucifixo, atravessam os mares impetuosos, afrontam mil perigos, expõem a própria vida terrena, contanto que levem outros à pátria celeste (...).

Oh, generosos, salve! Experimento a dor de vos ver partir, agora que aprendi a conhecer-vos, amar-vos, mas experimento também grandeza e a sublimidade do sacrifício que estais oferecendo. Deus o registra neste momento, no grande livro da vida. Ele promete estar sempre convosco: “eis que estou convosco todos os dias”. Ide, portanto, felizes e confiantes.

Guardai-vos de confiar em outros, senão n’Ele e na ajuda de sua graça. Não vos preocupeis pelo vosso futuro e por aqueles que deixais. Aquele que alimenta os pássaros do céu, que revestiu a

³⁵ Id., 24-1-1889. O Arcebispo de S. Paulo, Minesota era D. J. Ireland.

terra de ervas a de flores, saberá também alimentar e vestir a vós e convosco os vossos caros, até o dia em que, vestirá a todos, de eterno esplendor.

Tende unicamente e sempre, em vista a glória de Deus e o bem das almas.

Tomai-vos dignos do amor dos bons, do ódio e da perseguição dos maus. Mostrai sempre mais, que ao vosso zelo, se iguala somente o vosso desinteresse; que em Deus e só em Deus, foi colocada toda vossa esperança; que de Deus e só de Deus esperais a recompensa e que nunca abandonareis as fadigas, até que existirem infelizes a consolar, ignorantes a instruir, pobres a evangelizar almas a salvar.³⁶

“Cada envio de missionários é a continuação daquele que o divino Mestre fez”.

Cada envio de missionários é uma silenciosa, mas eloqüente apologia de divindade da Igreja Católica. Não é senão a repetição, ou melhor, a continuação do que fez o divino Mestre, quando disse aos Apóstolos: Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Cada expedição de missionários confirma ainda a admirável fecundidade e indefectibilidade da Igreja.

São mais de dezenove séculos, que semelhantes expedições se sucedem, sem interrupção e tanto mais parece multiplicarem-se quanto mais se multiplicam as perseguições e as apostasias. E a Igreja permanece sempre jovem e sempre bela, como no dia em que nasceu. Não é só. Cada envio de missionários nos mostra de modo comovente a infinita misericórdia de Deus e o valor infinito das almas. Deus, para nos salvar, desceu do céu à terra. Fez-se homem, sofreu a morte e morte de cruz, e eis o missionário católico, a exemplo de Jesus Cristo, abandonar o que tem de mais querido (...), expor-se a mil perigos, abraçar uma vida de privação e de sacrifícios, para salvar uma só alma.³⁷

“Quando os missionários chegarem aos índios”.

O cardeal Simeoni me dizia muitas vezes, que ao chegarem os missionários junto aos índios, deveriam pensar em fazer alguma coisa, também por eles.

O governador do Estado do Paraná falou-me também, garantindo-me o seu apoio. No momento, serão suficientes tres ou quatro padres. Cuidando prevalentemente das colônias italianas, estudarão a maneira de se colocarem em comunicação, com aqueles selvagens. Deus os assistindo e podendo obter a graça, mandarei as pessoas preparadas a se sacrificarem; senão, será considerado o bom desejo. Estes selvagens são os descendentes daqueles que os padres Jesuítas converteram, mas depois abandonados e perseguidos a tiro de canhão, fugiram para as florestas. Conservam ainda, pelo que dizem, alguns traços de cristianismo, em suas cerimônias. Santo Padre, uma oração e uma bênção especial, para esta nova obra de caridade.³⁸

“A catequese dos índios”.

Gostaria que dissésseis ao venerável Bispo, a quem apresento os meus respeitos, que se a S. Sé confia à nossa Congregação a catequese dos índios do Paraná, será necessário ajudar também na parte de Guarapuava e que, quando lhe aprover destinar aos nossos, uma residência naquela região, eu pensarei providenciar bons missionários, para este fim.³⁹

“Italianos na África”.

³⁶ Id., 10-12-1890.

³⁷ Id., 9-9-1891.

³⁸ Carta a Pio X, agosto de 1904 (AOS 3019/3). O “governador do estado” do Paraná, no Brasil.

³⁹ Carta a Pe. M. Simoni, 31-3-1905 (AOS 3023/2). Pe. Marcos Simoni e outros scalabrinianos cuidaram da paróquia de Tibagi, PR, onde viviam algumas tribos de índios, de 1904 a 1911.

O coronel Baratieri (que já o tristíssimo governo atual não quer saber de Missionários e de Missões) mandou-me perguntar novamente se me encarregaria de providenciar sacerdotes, para os italianos, na África.

Respondi que não podia tomar, no momento, nenhuma resolução, mas que pensaria no caso. Portanto, submeto a coisa à bem conhecida sabedoria de V. Emcia., para que decida. Não nego, Eminentíssimo, que sou favorável a atender ao pedido, já que para a África seria fácil ter meios e tudo o que fosse necessário e poder-se-ia fazer um bem imenso.

Porém, conviria, ao que me parece, que a parte italiana fosse subtraída da jurisdição do Vigário Apostólico francês e que os Missionários dependessem diretamente de V. Emcia., ou de mim, estabelecendo uma espécie de Prefeitura Apostólica.⁴⁰

“A vossa vocação às missões, vem de Deus”.

Ponderei com toda a atenção vossa carta. Parece-me não me enganar, afirmando que a vossa vocação às Missões vem de Deus.

E se assim é, Ele eliminará todos os obstáculos.

Os nossos missionários formam uma Congregação e os aspirantes permanecem aqui na casa-mãe, para alguns meses de noviciado, para os que já são sacerdotes, e depois, feitos os votos simples, partem para a sua destinação. O campo é vastíssimo: centenas de milhares de nossos pobres irmãos vivem e morrem, como animais, por falta de assistência religiosa. Feliz de quem é chamado em sua ajuda e a isto se dedica inteiramente!⁴¹

“Deus vos chama à alta honra do apostolado”.

Eu vos espero sempre e creio que não deveis mais resistir à voz de Deus, que vos chama à alta honra do apostolado. Vô-lo repito: a graça do Espírito Santo desconhece tardos esforços. Portanto, vamos, com santa coragem. Abri vosso espírito ao vosso venerando tio e vinde sem demora.

Recolhido aqui na casa-mãe, vos preparareis para os santos Votos e depois, como um gigante, percorrendo seu caminho, ireis, para onde Deus vos destinar.⁴²

“Uma casa de Missionários ambulantes seria a coisa mais útil do mundo”.

A idéia de D. Satolli é nossa antiga idéia. Quando fosse possível do ponto de vista econômico, uma casa de Missionários ambulantes seria a coisa mais bela e útil do mundo. É preciso pensar no assunto. Não seria conveniente expor o caso ao Arcebispo?⁴³

“É meu antigo desejo”.

Pe. Vicentini me escreveu que seria desejo de V. Excia. que se fundasse uma casa para missionários ambulantes, que não tivessem outro compromisso que o de ir por todos os lugares, onde existem colônias de italianos. Este é um meu antigo desejo, um desejo que foi-me expresso também pelo S. Padre, e de boa vontade realizá-lo-ei, assim que tiver os meios.

Se V. Excia., com a alta influência que merecidamente conquistou, pudesse vir-me em auxílio, a implantação da referida casa, em lugar central, poderia ser uma verdadeira bênção.⁴⁴

⁴⁰ Carta ao Card. G. Simeoni, 4-10-1890 (AGS 4/1). Cf. Biografia, pp. 1032-1033.

⁴¹ Carta a Pe. M. Rinaldi, 21-4-1900 (AOS 3023/2). Pe. Máximo Rinaldi, Missionário no Brasil de 1900 a 1910, foi depois procurador geral dos scalabrinianos até 1924 e depois bispo de Rieti. Morreu em conceito de santidade em 1941.

⁴² Id., 29-8-1900. Rinaldi era secretário do tio, Bispo de Montefiascone.

⁴³ Carta a Pe. D. Vicentini, 9-9-1893 (AOS 3023/2). D. Francisco Satolli, depois Cardeal, foi o primeiro Delegado Apostólico nos Estados Unidos.

d) VIDA RELIGIOSA

“Obrigam-se a viver como verdadeiros religiosos”.

Antes de partir para as missões, tanto os missionários, quanto os leigos fazem os seguintes votos: De permanecer na Congregação por cinco anos consecutivos, qualquer que seja a destinação ou a função que lhe for confiada pelos superiores (...).

Voto de castidade para os leigos, de obediência, conforme o direito dos religiosos, ao respectivo Superior e aos Superiores da Congregação.

De pobreza, pelo qual nada poderão possuir ou adquirir ou aceitar, como próprio (salvo aquilo que possuísse, ou pudesse possuir na pátria).

Por este voto de pobreza, os missionários e os leigos se obrigam a não considerar nenhuma quantia como própria, ou qualquer objeto, ou bens móveis e imóveis, que pudessem receber durante o ministério, seja a título de ordenado, seja como gratificação ou também como simples presente pessoal, ou por qualquer serviço prestado, mas tudo será entregue à Congregação.

Igualmente, por este voto de pobreza, os Missionários e os coadjutores se obrigam a estar satisfeitos com o estritamente necessário, ao alimento e à veste, conforme o que disse São Paulo.

Por isso quando eles, seja em viagem, seja nas missões, precisassem de qualquer coisa, obrigam-se a fazer as provisões nos limites da modéstia e parcimônia cristã, evitando o luxo e o supérfluo, e cooperando com a economia a bem da Congregação (...). Todas as provisões de qualquer espécie, serão entregues ao respectivo Superior.

Todos os que são admitidos a fazer parte do Instituto devem estar bem compenetrados da idéia de que, por cinco anos, se obrigam a viverem como verdadeiros religiosos, animados de zelo pela salvação das almas, de espírito de sacrifício e de desprendimento dos bens e da glória mundana e penetrados de sentimentos de vivo amor e de obediência ilimitada ao Romano Pontífice, aos Superiores do Instituto e aos ordinários dos lugares, onde exercerão o seu sagrado ministério.⁴⁵

“Acreditei ser necessário introduzir os votos perpétuos”.

Esteve aqui para dar os exercícios espirituais aos jovens aspirantes, às Missões da América, o bom Pe. Rondina, jesuíta, fazendo grande bem. Consultei-o sobre a reforma do Regulamento e creio necessário introduzir os votos simples, mas perpétuos. Esta, e outras importantes modificações, que eu quanto antes submeterei nas devidas formas, a vossa Eminência, por meio do mesmo bom religioso. Para minha grande consolação, já foram aceitas pelos jovens, sem dificuldade. Portanto é de máxima importância que sejam convocados aqueles que já partiram, sem terem feito os votos e que sejam substituídos por outros, que por terem feito o noviciado regular, como ficou estabelecido agora, oferecem maior garantia moral de bom êxito.⁴⁶

“Total confiança no futuro”.

Esteve aqui, para dar os Exercícios Espirituais, o Pe. Rondina, conhecido jesuíta e um dos escritores da “Civilização Católica”. Ele ficou muito contente e de acordo etc. Quis introduzir os votos simples perpétuos e um noviciado regular. Os nossos jovens, quase todos aderiram com entusiasmo.

No dia 15 de outubro começarão uma espécie de noviciado e no dia da Imaculada farão votos perpétuos. Encontrei-os todos felizes pelo fato. Os novos que entrarem começarão um verdadeiro

⁴⁴ Carta a D. F. Satolli, 14-9-1893 (ASV, Deleg. Apost. EUA, 1. Várias, Documentos, 2-159-4-1).

⁴⁵ Regulamento da Congregação dos Missionários para os migrantes, 1888 (AGS 127/2).

⁴⁶ Carta ao Card. M. Ledóchowski, 26-9-1894 (AGS 7/2).

noviciado de um ano. a primeira vez que experimento profunda consolação e inteira confiança no futuro.

Apenas impresso o Regulamento, assim definido e aprovado pela S. Sé, será comunicado aos antigos Missionários e assim quem desejar entrar, se for aceito, terá seus vínculos perpétuos. Quem não tem vocação sairá imediatamente e será substituído por estes que o Pe. Rondina julga ótimos elementos e santos jovens. Por enquanto, interessa conservar do melhor modo os lugares que temos e quando Deus quiser, serão ocupados por elementos melhores e melhor formados. Que Deus nos ajude.⁴⁷

“Vou receber os votos perpétuos dos missionários”.

8 de dezembro de 1894 — 7 horas da manhã.

Vou receber os votos perpétuos dos Missionários. Compreendo que devem ser considerados, como aqueles que fazem os capuchinhos nos primeiros quatro anos, isto é, que os indivíduos têm obrigações, para com a Congregação, mas a Congregação pode dispensá-los e com isto se anulam os votos, sem necessidade de dispensa.

Para os indivíduos deve ser suficiente uma causa grave, julgada como tal pelos Superiores, para obter a dispensa dos Santos votos. Também se não se encontrasse bem espiritualmente, grave necessidade dos pais, pouca saúde etc.

Ó Maria Virgem Imaculada, abençoa-nos todos.⁴⁸

“A consagração que Deus, pelas mãos de Maria, se digna hoje conceder-vos”.

Vossa presença, queridos filhos, me repleta o espírito de uma suavíssima emoção. Quão feliz é uma alma que tem a graça que Deus vos concede. Hoje, com a profissão dos votos, vós alegrais a Igreja, os coros dos anjos, dos Santos, dos mártires, dos confessores, dos Apóstolos, de Maria Imaculada, de Jesus Cristo, do Eterno Pai.

Um dia, o grande Papa S. Clemente recebia os votos de consagração de algumas almas fervorosas. No momento da sagrada função o S. Pontífice foi arrebatado em doce êxtase (...). Voltando a si: oh, meus filhos, exclamou, alegro-me de coração convosco, exultai, chorai de consolação; bendizei a Deus que vos chamou a tanta glória. Eu vi vossa consagração subir ao céu como uma onda luminosa, que avivou de nova alegria inefável a corte celeste; vi a Mãe de Deus, a Imaculada, apresentar os vossos votos ao trono de Jesus redentor, vi descer sobre vossas almas uma chuva de misericórdia, de perdão, de graças.

Bendizei, exultai, chorai de consolação, renovai todas as promessas feitas a Deus e prostrados pedi à Maria Santíssima e aos santos que Invocaremos, que intercedam por vós.

Quando eu, em nome de Jesus Cristo e da Igreja, impuser sobre vós as mãos e proferir as palavras sacros santas: Dignai-vos, é grande Deus, abençoar, santificar e consagrar estas almas escolhidas, vós pedireis fervorosamente, para que se cumpram em vós os desígnios de Deus, para que vos faça antes morrer que perder a bênção, a santificação, a consagração, que Deus, pelas mãos de Maria Imaculada, se digna conceder-vos, hoje.⁴⁹

“Sede fiéis aos vossos votos”.

Como representante, embora indigno, de Jesus Cristo e sucessor dos Apóstolos, recebo estes votos que pronunciastes, estas vossas generosas promessas, estes nobilíssimos vossos sentimentos. Recebo-os com a mais viva exultação do meu espírito, e pelas mãos da Virgem Imaculada, eu os deponho sobre este sagrado altar, para sua gloriosa Mãe, neste dia feliz para vós

⁴⁷ Carta a Pe. D. Vicentini, setembro de 1894 (AGS 3023/2).

⁴⁸ Folha do diário autógrafo (AOS 3027/2).

⁴⁹ Apontamentos para a primeira profissão dos votos perpétuos, 6-12-1894 (AGS 7/2).

e para ela. Peço-lhe que deponha no coração de Jesus, para que Ele, fonte de toda bênção, os confirme e vos consolide neles.

Vós, ó caros filhos, tenho plena confiança, sereis constantemente fiéis, com a ajuda de Deus e com as bênçãos de sua Mãe Imaculada, à qual quisestes, para minha inefável consolação, consagrar com divina inspiração este primeiro ato solene de vossa carreira, as primícias do vosso apostolado. Sim, sereis fiéis aos vossos votos, constantemente, fiéis em meio às fadigas, fiéis em meio às tribulações, fiéis nas viagens, fiéis em meio às angústias da vossa sublime missão, fiéis até o derramamento de sangue, fiéis até a morte. É assim que vós, ó caros filhos, buscareis a glória de Deus, a salvação das almas, a vossa santificação, a alegria da Igreja triunfante, a glória da Igreja militante. É assim que para a Igreja, nossa terna mãe, tão perseguida em nossos dias, sereis uma apologia viva, mostrando a santidade com os fatos, a divindade do magistério.

Para este fim conservai, com carinho, a cruz que vos entreguei (...). Não esqueçais, nunca a divina sentença: Vigiai sempre; Deus vos conceda isto, ó filhos queridos. Uni-vos todos a mim durante o sacrifício incruento e suplicai ao Eterno a fim de que possais sair daqui, transformados, como um dia saíram os Santos Apóstolos do Cenáculo, a fim de que vos conserve sempre sob sua santa custódia.⁵⁰

“Vida do Missionário na Missão”.

O missionário, como operário evangélico, deve recordar-se de que é obrigado a difundir com a sua vida, o bom odor de Jesus Cristo, pregar o Evangelho mais com o exemplo que com a palavra. Portanto, terá cuidado de observar a própria regra sempre e em todos os lugares. Praticar especialmente a temperança, a mansidão, a humildade, a castidade, a modéstia, a caridade, e demonstrar o máximo desinteresse. O mesmo diga-se dos Irmãos catequistas.

Colocarão, como fundamento das próprias ações, a grande máxima: nunca se aplicarem demasiadamente ao exercício do Apostólico Ministério a ponto de transcurar a vida interior, e de não se abandonarem tanto às doçuras da vida interior a ponto de descuidar do exercício do Apostólico Ministério. Recordem-se sempre: o missionário que transcurar a meditação e a oração, dificilmente poderá conservar-se na graça de Deus (...).

Os missionários terão cuidado de conservar sempre e em todos os lugares a união estreita com os companheiros de Congregação, tratando-se reciprocamente, com espírito aberto e afeto sincero.⁵¹

“Embora poucos, vós podeis muito, quando sois animados do espírito dos Apóstolos”.

Graças a Deus, a nossa humilde congregação pode se consolidar de maneira a ganhar o amor dos bons e a simpatia dos honestos de cada partido. O vosso zelo, ó meus queridos e veneráveis irmãos, tendo presente as imensas dificuldades que encontrastes no início, verdadeiramente fez prodígios. Vós, é-me doce dizê-lo, tendes bem merecido pela religião e pela pátria e Deus saberá recompensar-vos de maneira digna d’Ele.

Mas não é suficiente ter iniciado bem; é necessário perseverar até o fim. Muito niais é o que está por fazer, ó meus queridos. Sois ainda poucos, para as necessidades, eu o sei, mas embora poucos, podeis muito, quando sois todos animados pelo espírito, com que eram animados os Apóstolos; quando sois todos bem compenetrados da importância e sublimidade da vossa vocação.

É grande, inefavelmente grande, ó meus queridos, a honra que vos fez Jesus Cristo chamando-vos a participar de sua obra redentora, incluindo-vos entre os seus apóstolos. É a vós, particularmente, que Ele repete também hoje aquelas confortadoras palavras: Eu vos escolhi e vos constitui, para que vades e produzais frutos, e o vosso fruto permaneça. Notai, ó caríssimos; não disse “fostes chamados”, mas “eu mesmo vos chamei”, eu que sou o Filho do Deus vivo, eu

⁵⁰ Apontamentos do discurso da profissão dos padres Sovilla e Bertorelli, 8-12-1891 (AGS 3018/2).

⁵¹ Regra da Congregação dos Missionários de São Carlos para os italianos, Placência, 1895 pp. 73-74

Rei imortal dos séculos, eu que fundei a Igreja e a guio vitoriosa, através das batalhas e das tormentas do mundo. Eu vos escolhi e vos constituí. Que predileção!⁵²

“União com Jesus Cristo”.

Ao seu chamado, ó queridos, tendes respondido. Tendes feito muito bem, mas não basta, repito: é necessário que este bem seja duradouro, produzais frutos e que vossos frutos permaneçam.

O que se requer para que o sarmento produza fruto? Que permaneça unido à videira. Ora, a videira é Jesus e os sarmentos, ó queridos, sois vós. Eu sou a videira, vós os sarmentos. Ele mesmo o disse.

Portanto, enquanto permanecerdes n’Ele, vos sentireis repletos de energia sobre-humana e o fruto que trareis será abundante e duradouro. Tudo vos será fácil, também diante das mais graves contradições. Ao contrário, separados d’Ele, vos tomareis como corpo sem alma, estereis de toda boa obra. Sereis como ramos, aptos só para serem jogados ao fogo. Sem mim nada podeis fazer.

Portanto, união ó queridos irmãos e filhos, união com Jesus Cristo antes de tudo. E esta união vós a conseguireis, alimentando em vós a fé, com exercícios contínuos de piedade e conservando viva em vosso coração a graça.⁵³

“União entre vós mesmos”.

Fruto de tal união será a união entre vós mesmos, aquela união que Jesus Cristo invocava tão ardentemente para os seus discípulos e que é tão necessária.

Nenhuma classe de homens, por quanto rico de forças individuais, se não se submeter à grande lei da unidade, poderá fazer grandes coisas e muito menos o poderão os missionários que, atuando sobre as almas, como simples instrumentos de Jesus Cristo, haurem deste soberano princípio que os informa, toda a sua eficácia.

Por isso vos peço, ó meus queridos, vos suplico pelo amor de Jesus Cristo e pelo bem de nossos irmãos, não desagregueis as vossas forças, usando-as cada um por própria conta, e sem outro guia que a própria vontade, mas sejam unidos como uma só coisa: que sejam um.

Unidos de pensamento, de afetos, de aspirações, como sois unidos para um mesmo fim. Rogo-vos irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam unânimes no falar e não haja entre vós separação: sede perfeitos em todo sentido e em toda sentença.

E como podereis conseguir isto? Com toda humildade e mansidão e com paciência suportando-vos, uns aos outros. O segredo é do Apóstolo: com toda humildade e mansidão e com paciência, suportando-vos uns aos outros na caridade.

Portanto longe dos missionários os vãos ciúmes, as palavras injuriosas, as contendas e as competições! Cada um seja calmo e tolerante no cumprimento dos próprios deveres, cada um se compadeça dos defeitos do outro, cada um procure conservar a unidade do espírito, no vínculo da paz.⁵⁴

“Paz em casa e fora dela, paz com todos”.

Paz, ó meus queridos, não somente entre vós, mas também com os irmãos de ministério. Pelas condições de apostolado deveis estar freqüentemente, em contato com os sacerdotes e missionários de nacionalidades diferentes; deveis aproveitar de suas experiências. Usai para com eles a máxima deferência, amai-os de coração, respeitai-os sempre. Paz em casa e fora de casa, paz com todos.

Mas não é possível ter paz, sem a ordem, sem regra. E vós, meus irmãos e filhos, tendes as vossas regras, aprovadas pela Santa Sé Apostólica. Sede exatos até o escrúpulo, na observância

⁵² Aos missionários para os italianos nas Américas, Placência, 1892, pp. 3-4.

⁵³ Id., pp. 4-5.

⁵⁴ Id., pp. 5-6.

das mesmas. Não basta. Só existirá paz entre os homens, escreve santo Agostinho, quando todos e cada um se ativerem, fielmente ao lugar designado para ele, pela benevolência divina. Existe a paz, quando todos estão no seu lugar. Portanto, quem dentre vós é destinado a mandar, cumpra com firmeza e ao mesmo tempo com modéstia a própria incumbência; quem deve obedecer, obedeça como disse S. Bernardo, simples e prontamente, com alegria, sempre. A obediência aos legítimos superiores seja o vosso distintivo.⁵⁵

“São Carlos, exemplo maravilhoso”.

Honrar-vos-ei de chamar-vos de agora em diante, os missionários de São Carlos. São Carlos! Ele era, como disseram muito bem, um daqueles homens de ação que não hesita, não se divide, não volta atrás. Que, em cada ato atira-se com toda a força da própria convicção, com toda a energia da própria vontade, com a totalidade do seu caráter com todo o seu ser, e triunfam. São Carlos! Exemplo maravilhoso de impávida constância, de generosa paciência, de ardente caridade, de zelo iluminado, incansável, magnânimo, de todas as virtudes que fazem de um homem, um verdadeiro Apóstolo de Jesus Cristo. Ele tem sede de almas. Não deseja senão almas, não pede senão almas, não quer senão almas: dá-me almas, continua dizer, tira-me o restante, e precisamente para ganhar almas, para Jesus Cristo, meu Deus! o que não fez, o que não suportou, o que não disse?

São Carlos! Este é um nome que o Missionário não deveria escutar, sem se sentir inflamado, pelo mais nobre, pelo mais vivo entusiasmo sem se sentir, profundamente comovido (...).

Queridos, espelhai-vos nele, recomendai-vos a ele, colocai nele toda a vossa confiança e tereis a certeza de sua proteção.⁵⁶

“Ajudai-vos a crescer no conhecimento e no amor de Jesus Cristo”.

Alegro-me convosco e com Pe. Vitório, pelo bem que fazeis. Continua vivamente a obra de Deus. Ajudai-vos a crescer, no conhecimento e no amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sede Santos e tudo reflorescerá em vossas mãos. É o voto, a oração que faço por vós e por todos.⁵⁷

“Ocupar-se seriamente, mas sem agitação, na paz de Deus”.

Tu me perguntas quais são os teus deveres? Eu te digo: faze tudo aquilo que podes para os nossos órfãos, age sempre de pleno acordo, com o provincial, procura conservar a concórdia e a paz entre os coirmãos e terás cumprido o teu dever.

Medita freqüentemente as sábias palavras de Kempis. Se decidires, como homem forte, permanecer na batalha, verás logo sobre ti, do céu, a ajuda de Deus.

Certo que, jovem como és, não faltarão cruces, contradições e é bom que seja assim, porque elas favorecem a humildade e nos defendem da vanglória.

O campo em que deves trabalhar é belo e fecundo e terás o prêmio d’Aquele que disse: deixai os pequenos virem a mim”. Ocupar-se seriamente, mas sem agitação, na paz de Deus, tudo esperando d’Ele, eis o segredo para conseguir a vitória, nas graves dificuldades.⁵⁸

“Seja tudo conforme as nossas Regras”.

Recomendo-te introduzir as práticas de piedade, quanto for possível, em comum; a meditação, a leitura espiritual, a visita ao SS. Sacramento, o santo rosário. Começa aí em Boston, se não existe a prática. Chegando os novos, que tudo seja conforme as nossas Regras. É um ponto

⁵⁵ Id., pp. 6-7.

⁵⁶ Id., pp. 13-14.

⁵⁷ Carta a Pe. O. Alussi, 26-8-1893 (AGS 3023/2).

⁵⁸ Carta ao Pe. C. Pedrazzani, 16-5-1905 (AGS 357/2).

essencialíssimo. Os nossos que partiram, para o Brasil, escrevem cartas consoladoras, de verdadeiros missionários, cheios de fervor, de afeto pela Congregação, de desejo de se santificarem, na exata observância das regras e no constante exercício do sagrado Ministério. São cartas, que fazem bem ao coração e que mando ler em comunidade para a edificação comum. Que Deus abençoe aqueles bons filhos, que se esforçam por todos os modos, para me compensar as amarguras que outros me fazem experimentar. Rezemos e peçamos que rezem muito, para que se cumpra em nós e nos nossos, os adoráveis desígnios de Deus.⁵⁹

“Reavivar o espírito de piedade, de concórdia, de obediência”

Agora quero recomendar-te com todas as forças as práticas de piedade e especialmente a meditação em comum, segundo a Regra. É necessário insistir, oportuna e inoportunamente, fazer uso da ordem, se não for suficiente a exortação, mas fazer observar absolutamente, quanto é prescrito a respeito. A meditação e os Exercícios espirituais são essenciais para a vida sacerdotal e é necessário desejá-los a qualquer custo. Tornar-te-ás altamente benemérito da nossa obra, se com a ajuda de Deus, tiveres êxito neste santíssimo fim.

Vejo com grande consolação que Deus abençoa a tua missão e tua ação calma, decidida e prudente e alimento confiança de que saberás conduzir as coisas de maneira a reavivar nos nossos, o espírito de piedade, de concórdia, de obediência.⁶⁰

“Estabeleça-se a observância”.

Coloquem-se em prática, as regras e sobretudo as que tratam das práticas de piedade em comum, e em de maneira absoluta, a meditação (...). Quero chamar tua especial atenção sobre este gravíssimo assunto (...). Aconselha, vigia, exorta, e se for necessário, ordena. É coisa tão necessária, que qualquer sacrifício para obtê-la, seria pouco.

Como já te disse, o Senhor abençoa a tua obra e vê-se mais uma vez que o homem obediente canta vitória. Mas a maior vitória, a meu ver, será a observância introduzida nas duas casas elencadas, para depois introduzi-las nas outras, onde estão ao menos dois padres. Portanto estamos entendidos. Trabalha como bom soldado de Cristo e Deus te recompensará.⁶¹

“Colocar juntos os que têm os votos perpétuos”.

O ano que está por terminar foi para mim repleto de cruces, mas talvez, o mais fecundo, graças a Deus, de obras santas. É mesmo verdade, que na Cruz está o vigor, na Cruz está a força, com tudo o que vem depois (...).

Como vão as coisas por aí? Como vai a tua saúde? Como distribuístes os padres? Quem fica? Quem volta? Quanto à distribuição, recomendo-te ardentemente uma coisa: cuida de colocar juntos aqueles que têm os votos perpétuos. Eles assim poderão observar melhor as regras e estar mais à vontade (...).

Agora existem também as contas que cada casa deve enviar-te e tu me as enviarás. É importante que a administração seja revista e que se possa saber como se gasta, com que critérios se fazem as despesas. Aqui estamos na miséria, eu, mais que nossa casa. Portanto, é preciso ter presente as necessidades da casa-mãe e mandar quanto se pode.⁶²

“Difícil conservar por muito tempo o espírito da própria vocação, vivendo isolados”.

⁵⁹ Carta a Pe. F. Zaboglio, 3 1-8-1895 (Arquivo do Seminário de Como).

⁶⁰ Id., 21-9-1895.

⁶¹ Id., 23-9-1895.

⁶² Id., 11-12-1896.

Através do bom sacerdote Marchetti, recebi sua nobilíssima do dia 11 de novembro e nem sei dizer-lhe quanto prazer me trouxe. Para mim é uma verdadeira consolação, toda vez que me é dado encontrar homens de espírito e de coração, sem interesse e com todas as suas forças voltadas para aliviar as misérias alheias.

Portanto, agradeço-lhe ilustre senhor Cônsul, por suas ótimas disposições, em favor dos nossos pobres migrantes. De minha parte, considerar-me-ei muito feliz, em poder satisfazer os desejos que o senhor me manifestou. Para mim, a maior dificuldade será a de ter que deixar os missionários separados uns dos outros. O senhor é homem experiente e sabe quanto é difícil conservar por muito tempo o espírito da própria vocação, vivendo isolado, em meio aos elementos heterogêneos, com os quais é preciso combater freqüentemente; com o passar do tempo, o espírito se debilita e tem necessidade de ser confortado e revigorar-se de vez em quando, pela palavra e pelo exemplo dos companheiros, no espírito da própria regra.

Portanto, seria conveniente que os missionários estivessem ao menos em dois e que pudessem levar vida comum. No início bastaria que tivessem uma igreja, ou também um oratório e uma casa próxima. Um dos dois poderia ir aos barracões dos migrantes, voltando depois, sempre para casa.⁶³

“Estejam ao menos dois juntos”.

A um aceno do Sr. Arcebispo e teu, enviarei logo a Boston dois missionários e um catequista. É necessário insistir, para que estejam em dois. A S. Congregação de Propaganda aprova com insólita presteza, nosso regulamento, e quer que em cada casa estejam, ao menos, dois padres. Creio que não haverá oposição (...).

Parece-me ser uma regra muito sábia: um padre isolado, em meio a um clero que, ao menos no início, não lhe pode ser amigo, que quer que faça? Perderia a coragem. Portanto, estejam ao menos dois juntos, indo aos domingos, onde houver necessidade.⁶⁴

“Conservem forte o espírito da própria vocação”.

Tendes já convosco, ou logo receberéis os dois novos padres que eu vos recomendo muito, muito. Querei bem a eles como pai e filhos, exortai-os, corriji-os e fazei com que mantenham o espírito da própria vocação.

Para tal fim vos recomendo observar exatamente as Regras e sobretudo as práticas de piedade, a meditação absolutamente, em comum.

É necessário dar às vossas residências aspecto de casa religiosa, senão, não podereis nunca fazer o bem que vós desejais e todos desejamos. São bons jovens e serão como vós os desejais. Começai imediatamente; cada coisa segundo seu lugar. É um dever de consciência e para cumpri-lo é necessário impor-se toda espécie de sacrifício.⁶⁵

“Confiar em Deus, com toda simplicidade”.

O Instituto subsistirá, não subsistirá? Existirá até que a Deus aprouver. Quem tem verdadeira vocação, caro Monsenhor, entra nele, sem se preocupar com o futuro, sabendo que ele está nas mãos de Deus. Confiar nele com toda simplicidade vale bem mais que a busca de qualquer garantia moral, econômica e condições estáveis acerca do mesmo Instituto.⁶⁶

“Formamos uma pequena e humilde Congregação, mas uma Congregação”.

⁶³ Carta a Gherardo Pio de Savóia, 26-12-18 94 (AGS 7/2). O conde Gherardo Pio de Savóia foi cônsul da Itália no Rio de Janeiro e em São Paulo.

⁶⁴ Carta a Pe. F. Zaboglio, 17-10-1888 (Arquivo do Seminário Como).

⁶⁵ Carta a um missionário, sem data (AGS 3023/2).

⁶⁶ Carta ao can. A. Valdameri, julho de 1891 (AOS 3022/32).

Eu me alegro convosco e com os vossos colegas, pelo bem que fazeis: é certo que devemos contentar-nos do bem, com os inevitáveis defeitos de nossas misérias, mas não podemos desconhecer que fazemos o bem e muito. Portanto rendamos infinitas graças ao Senhor. Repitovos estas coisas, para que vos sirvam de conforto, nas vossas dificuldades e vos façam procurar o bem, com entusiasmo, com perfeição, sempre crescente.

Um santo fundador de ordem religiosa dizia que a Providência lhe tinha mandado, no início, alguns homens de grande coração, mas que algumas vezes, abraçando empreendimentos superiores às suas possibilidades, e mal vistos pelos outros co-irmãos mais prudentes, parecia que andassem em frente, às cegas, porém, no final, teve que confessar publicamente, que sem aqueles homens, sua obra estaria, morta ou quase morta.

Roguemos ao Senhor, caro Pe. Domingos, que na sua santa bondade queira fazer o mesmo para nós, e o fará se nos tomarmos sempre mais dignos de suas bênçãos. Nós formamos uma pequena e humilde congregação, mas uma congregação. Portanto é justo que aquele pouco que o Senhor nos manda, sirva para ela. Por isso, quando o Pe. Morelli tiver necessidade e vós podeis ajudá-lo, ajudai-o também em nome do Senhor. (...).

Quando vos for possível, recordai-vos da casa-mãe, que vos recomendo calorosamente, porque está sempre pobre e necessitada. Atualmente tenho em vista comprar uma nova casa com a Igreja e serão necessárias, ao menos, cem mil libras. E de onde tirá-las? Deus m'as proverá, sem dúvida.

67

“O cerne e a vida de cada comunidade”.

Devemos juntos agradecer ao Senhor pelo grande bem que a nossa Congregação, não obstante as imensas dificuldades e os muitos defeitos, pôde realizar, até aqui.

Todavia, desejo de que ela prospere sempre mais, para maior glória de Deus e bem das almas, como já vos disse oralmente, tendo presente os votos que me expressaram vários dos nossos missionários e as necessidades da mesma Congregação, após invocar o auxílio do celeste Patrono, São Carlos, ordenei e ordeno quanto segue:

1. Cada dia seja feita por todos, em comum, meditação e leitura espiritual e se recitará o santo Rosário.
2. Todo ano, ou cada dois anos (conforme o uso nas diferentes dioceses), serão feitos os Exercícios Espirituais, em união com o clero da diocese onde residem.
3. Cada ano seja enviado ao provincial, o atestado para confissões.
4. Cada ano os superiores das Casas, após comunicado do Provincial reunam-se em uma das nossas casas, designada pelo mesmo Provincial, para estudar e sugerir os meios mais aptos para obter uma progressiva melhora das missões (...).
5. A administração das casas seja feita com escrupuloso cuidado. Registre-se, diariamente, as entradas e saídas, de maneira clara e particularizada, e cada mês faça-se o balanço.
6. Cada mês os administradores das casas, feito o balanço das despesas para a manutenção das casas, e uma soma conveniente para as despesas imprevistas, enviarão o “Superavit” ao Provincial, o qual o enviará ao Superior da Casa-mãe. Ninguém se subtraia a este grave dever, por mais insignificante que sejam, às vezes, as economias (...).

As presentes ordenações, padre caríssimo, vós as divulgareis a todos os missionários da nossa Congregação, assim que chegar na América, e, quanto a vós, cuidareis com todo zelo e urgência da exata observância (...).

Vós bem sabeis que o cerne e a vida de cada comunidade é a concórdia e a disciplina. E estas duas coisas recomendareis aos Vossos co-irmãos, de modo especial. Sem elas, ainda que fossem um exército, bem pouco conseguiriam. Com elas, embora poucos, farão prodígios.

⁶⁷ Carta a Pe. D. Vicentini, 5-3-1892 (AGS 3023/2). A “nova casa com a Igreja” é o Instituto Cristóvão Colombo com a anexa Igreja de S. Carlos, casa-mãe dos scalabrinianos, comprada em 1892.

Promovei e cultivai sempre mais em cada casa, o espírito de piedade e de oração fundamento e sustentáculo de tudo.⁶⁸

“Tudo isto é necessário para o bom andamento da Congregação”.

1. O superior provincial, ao menos cada seis meses e os superiores das várias casas, ao menos uma vez por ano, entrarão em comunicação direta com o superior geral, residente na Itália, para uma particularizada prestação de contas das obras promovidas, ou estabelecidas em cada Missão da América, bem como os frutos produzidos e os que se esperam, como também das condições econômicas das mesmas missões.
2. O superior Provincial, como sabeis, tem a alta direção de todas as casas, e autoridade sobre todos os missionários residentes na sua região, e vigiará sobre a exata observância das regras e comunicará e fará cumprir as ordens vindas do Superior Geral.
3. Visitará, periodicamente, cada casa da província, tomará as disposições que forem reclamadas pelas necessidades urgentes, e exigirá fiel prestação de contas das entradas e das despesas de cada casa.
4. No governo da província, ele será assistido por dois consultores (...); ouvirá o seu parecer sobre o bom andamento das missões e a transferência dos missionários, como também (o que nunca deveria acontecer) sobre a aplicação de penas canônicas, como seriam: os exercícios espirituais, a suspensão da faculdade de ouvir confissões, e assim por diante.
5. O mesmo reunirá uma vez por ano os superiores das casas, com a finalidade de avaliarem juntos, as várias necessidades das colônias e combinarem entre si, para que haja uniformidade na ação. Os que, por qualquer razão, não pudessem participar a esta reunião, mandarão suas propostas por escrito.
6. Os superiores das casas, além de vigiar para que tudo seja feito segundo a ordem, procurarão cultivar e aumentar nos seus dependentes, o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, espírito de humildade e de sacrifício, de mansidão e de caridade.⁶⁹

“O superior de cada casa é um verdadeiro superior eletivo”.

Com grande desgosto, soube coisa que me parece inacreditável, ou seja, que alguns dos nossos missionários sacerdotes consideram o superior de cada casa, como superior de título e de honra, não como superior efetivo.

Para estirpar este erro, que leva à desordem e à destruição da nossa pequena e humilde Congregação, declaro fortemente que o superior de cada casa é verdadeiro, efetivo superior de todos os missionários, sacerdotes e ir mãos que se encontram na mesma casa e que por conseguinte lhe devem submissão e obediência, em toda e qualquer coisa que ele haja por bem prescrever e ordenar, tanto para a família, como para cada indivíduo e que faltando a esta obediência deverão prestar sérias contas a Deus e a mim, seja pela má ação em si mesma, como pelo escândalo dado. Espero que não haverá mais ninguém que ouse levar adiante esta falsa teoria.⁷⁰

“Prudência e fortaleza, eis o que forma um bom governo”.

O governo dos homens é difícil e a cruz do mando é pesada.

Foi o que pensei ao receber as tuas últimas cartas. Mas é também verdade que tudo posso n’Aquele que me conforta e isto se verifica sempre que nos tornamos dignos: o Senhor me assiste e me conforta. Coragem, então, calma e confiança em Deus (...).

⁶⁸ Carta a Pe. P. Novati, 2-4-1905 (AGS 3023/2). Pe. Paulo Novati foi superior provincial nos Estados Unidos de 1901 a 1905.

⁶⁹ Aos missionários para os italianos nas Américas. Placência, 1892, pp. 9-10.

⁷⁰ Circular aos superiores locais, 15-2-1893 (AGS 7/1).

Fizeste muito bem em responder a Vicentini o que respondeste. Teria sido uma dispensa nula, se ele tivesse tido um pouco de força no início, as coisas não teriam chegado a este ponto. Mas o medo do pior, *o* fez fechar uni e talvez os dois olhos, sem pensar no “é necessário”. Quem é superior deve ser forte, quando o dever o requer, e não se deixar amedrontar pelo que possa acontecer. Prudência e fortaleza, eis o que faz um bom governo; eis *o* que imploro de Deus para ti, cada dia.⁷¹

⁷¹ Carta a Pe. F. Zaboglio, 29-11-1895 (Arquivo do Seminário do Como)

4. OS LEIGOS E A MIGRAÇÃO

Dirigir e assistir a migração é tarefa também do Estado, que deve garantir a tutela moral e material, com acordos internacionais e com legislação que defenda os direitos humanos e civis dos migrantes, protela-os contra a ávida especulação dos recrutadores, impeça o saque da poupança enviada às famílias, que ficaram na pátria.

“As necessidades a que estão submetidos os nossos migrantes podem ser divididas em dois grupos: materiais e morais”, por isso D. Scalabrini quis que a obra para os migrantes fosse “ao mesmo tempo religiosa e leiga, para que respondesse àquela dupla necessidade”. Para isto fundou, além das Congregações religiosas, a sociedade de São Rafael para o padroado dos migrantes: para a tutela legal e sanitária, para fornecer informações e favorecer a colocação nos lugares de trabalho para a abolição do “tráfico dos brancos” da parte dos agentes de migração, para sustentar a assistência religiosa, desde o momento da partida até o da chegada. Deviam ser constituídos comitês da Sociedade São Rafael sela nos principais portos de embarque e de desembarque, seja nas regiões que davam maior contingente humano à migração, com a ajuda de todos, eclesiásticos e leigos, de qualquer partido; “de todos aqueles em cujos corações vibra alto e sereno o afeto da pátria e que têm um sentido de piedade amável pelos sofrimentos e necessidades dos irmãos que abandonaram nossa pátria comum”.

D. Scalabrini ocupou-se sobretudo dos migrantes italianos, porque eram, entre todos, os mais pobres e abandonados, e também porque quis começar, concretamente, a conciliação entre a Igreja e o Estado: “esta obra, querida ao meu coração, não só porque nela descubro um meio eficaz para cumprir os meus deveres episcopais para com tantos infelizes, muitíssimos dos quais meus diocesanos, mas também porque, religião e pátria ali se dão as mãos e isto é, na minha opinião, um início daquela pacificação das consciências, que é também um dos votos mais ardentes da minha alma”.

a) A TAREFA DO ESTADO E DAS CLASSES DIRIGENTES

“Um Bispo que se ocupa de coisas sociais e de projetos de lei”.

Deputado amigo.

Dentro em pouco discutir-se-á no Parlamento, o projeto de lei ministerial sobre a Migração, e eu não posso deixar de comunicar-te algumas observações que fiz, lendo aquele projeto, oportunamente, modificado pela comissão parlamentar.

Dirijo-me a ti, não por aquela afetuosa consideração que, iniciada nos bancos escolares, continuou ininterrupta por longos anos, de que já podemos contar os lustros, mas também porque sei que es amigo, não adulator das classes deserdadas (e isto aos nossos dias é de grande mérito), paciente e modesto, quanto inteligente pesquisador dos fenômenos sociais.

Dirijo-me a ti publicamente, não para fazer rumor inútil, o que por princípio e por índole desprezo, mas porque a questão que te proponho é daquelas que têm necessidade de discussão, e não encontrei outro meio para chamar a atenção do público desinteressado e distraído, que não lê senão obrigado, ao menos atraído por um título que incentive sua curiosidade. Pensei que uma carta aberta de um Bispo, que se ocupa de coisas sociais e de projetos de lei, dirigida a um deputado, possa ser título suficiente para estimular a indiferença doentia do público e fazer com que, de vez em quando, a discussão aborrecida, mas profícua, de uma lei, tome o lugar de outro fato qualquer.

Parece-me também um dever de bom cidadão. Desde o dia em que publiquei o meu trabalho sobre a Migração Italiana na América, pude recolher dados e fazer observações que podem ser

proveitosas a tantos nossos infelizes compatriotas. Transcrevi os ratos e as observações, com semelhante intenção, nesta carta. Se eu falhei em considerá-la e fiz trabalho inútil, junto a ti como junto a todos os bons, sirva-me o longo estudo e o grande amor.¹

“Migração interna, política, agrícola, comercial”.

A migração de um povo civilizado pode ser interna, política e agrícola, comercial ou de infiltração.

Por migração interna eu entendo aquele fluxo e refluxo de população que se move, periodicamente, por causa das diversas necessidades da vida civil e individual, em um determinado território.

Entendo também uma verdadeira e própria colonização, dentro dos limites da pátria, de terras incultas, que podem superabundar em uma região e ser escassas em outra.

O que significa e como se realiza a migração e a colonização política, todos sabem, isto é, dar à Pátria ampla extensão, alargando os limites da bandeira nacional, sob a proteção das leis pátrias e onde a religião, a língua, os costumes, tudo enfim que forma a consciência religiosa, civil e patriótica de um povo, sirva para conservar vivo, também aos netos distantes, o pensamento e o afeto para com a pátria dos pais (...).

As colônias agrícolas-comerciais, ou de infiltração são aquelas que procuram estabelecer em outros países núcleos de população de uma determinada nacionalidade, que praticam o comércio, a indústria e a agricultura e vivem entre povos estrangeiros, sem perder as próprias características nacionais. Foi o modo de migração e de colonização preferido pelas nossas gloriosas repúblicas marítimas (...).

A colonização interna parece ser para muitos a forma idealmente bela de migração, muito útil e, para todos nós, de fácil atuação.

Não se pode compreender como o governo ainda não tenha decidido adotar este sistema, que deve tornar-nos ricos e poderosos, intensificando a nossa população, dando ao trabalhador, em abundância, o pão de cada dia (...).

E assim seja; colonize-se também o interior, libere-se da malária grande parte do território italiano, torne-se mais intensa e portanto, mais lucrativa a agricultura. Tudo o que for feito neste sentido será coisa ótima, mas não nos iludamos, colonizemos também na medida do possível, evitando desenganos, convençamo-nos de que a coisa não é fácil, como parece à primeira vista, e que certamente não será possível senão na medida em que o exigiria o rápido aumento da nossa população.²

“Para a Itália, só há a terceira forma de migração”.

As colônias políticas são outro modo com que os povos civilizados realizam as suas funções migratórias, talvez aquela que envolve maior número de interesses e em maior intensidade estimula o mesmo amor nacional. A grande atividade e cioso cuidado desenvolvido em nossos dias, pelas várias Potências em defender as antigas possessões coloniais e em conseguir novas, são o comentário mais eloqüente desta minha afirmação. Mas, infelizmente, para o nosso país, a esperança de uma grande colonização política foi arrastada e adiada quem sabe para quando, pelos desastres africanos, cuja recordação entristece todo coração italiano.

Estes dados e considerações levam-nos a concluir que, para a Itália, ao menos por hora, só resta a terceira forma de migração, ou seja, expandir entre outros povos e em outros territórios o excesso da população, forma mais humilde que as outras duas, mas mais conforme às necessidades imediatas. Portanto, as funções migratórias, como são por nós realizadas, respondem às atuais necessidades políticas, territoriais e econômicas do nosso país e não superam a sua potência reprodutiva e por isso têm características de fenômenos permanentes e são fontes de bem-estar

¹ O projeto de lei sobre a migração italiana. Placência, 1888, pp. 6-7

² A Itália no exterior. Turim, 1899, pp. 8-9.

individual e coletivo. Mas quais as garantias que a lei concede a uma semelhante migração? Como o Estado exerce o seu dever de tutela moral e material ao migrante? Como o exercemos nós, classes dirigentes?³

“Também uma boa lei não é suficiente”.

Uma lei, ainda que boa, não é suficiente para que o fato generalizado e complexo da migração responda aos altos fins sociais a que foi destinado pela Providência, se não for subsidiada por todas as sábias instituições públicas e particulares, do conjunto de obras religiosas e civis, que têm dado ótimos frutos àqueles povos que antes a experimentaram. Aquelas obras não só reanimam os pobres migrantes a prosseguir mais confiantes seu caminho, sentindo-se protegidos, mas dizem aos estrangeiros que aqueles infelizes não estão esquecidos, não são coisas insignificantes, mas parte de uma grande nação, que conhece o seu dever e o cumpre, estendendo a sombra de sua bandeira sobre os filhos distantes, socorrendo-os em suas necessidades materiais e elevando-lhes o caráter moral, com a religião e a instrução.⁴

“Os nossos migrantes são os menos tutelados”.

Da estatística citada em outras ocasiões, dos relatórios particulares e dos jornais, relevo que os nossos compatriotas no exterior, são os menos tutelados. São freqüentemente vítimas da especulação, seja por ignorância, seja por boa fé. São os que menos procuram recorrer em suas necessidades, ou para fazer valer suas razões às autoridades consulares. Todas estas coisas podem derivar muito bem do espírito de independência, ou de o italiano não estar habituado a ver, no governo do próprio país, um natural e válido tutor; mas também pode ser grave indício de desconfiança, derivada do habitual descuido ou impotência das autoridades, tanto que os nossos compatriotas acham melhor livrar-se sozinhos de seus embaraços, do que esperar o tardio e ineficaz patrocínio da pátria distante.

Com esta observação eu não entendo contestar a quem quer que seja e muito menos a uma inteira classe de funcionários respeitabilíssimos, que me agrada considerar zelosos do próprio dever e conscientes da alta missão com que foram revestidos, mas simplesmente de constatar um fato e de deplorá-lo.

Ora, neste estado de coisas, que providências foram tomadas, ou apenas tentadas, para melhorar? Digo francamente, embora com pesar, o governo fez bem pouco e os particulares nada. Pouco a pouco, quando qualquer acontecimento triste torna-se conhecido pelo público existe um pouco de agitação, algum questionamento por parte da Câmara, algum artigo dos jornalistas. Às interrogações, o governo responde que irá providenciar, aos gritos jornalísticos algum estremecimento de almas generosas e depois o esquecimento cobre todas as casas e tudo volta à calma, a interminável calma da onda, que esconde a vítima na profundidade de seus abismos.

Assim se passou ano após ano, como se não existisse nada a fazer para os irmãos distantes, além de muitas conversas, temperadas com um pouco de retórica, tanto para dar um paliativo a quem espera, e para distrair a atenção de quem, atendendo às mais nobres aspirações da vida humana e da caridade cristã, gostaria de colocar o ferro e o fogo salutar na chaga cancerosa da sociedade moderna, no egoísmo (...).

O exemplo vem de cima. O governo tem bem poucos fatos para registrar a este respeito, que o homem verdadeiramente, tanto que se radicou no espírito de todos, a opinião de que os menos protegidos dos migrantes, são os italianos (...).

Discutiu-se longamente sobre esta questão vital, no governo e no Parlamento, mas as interpretações de algum deputado relativas ao projeto de lei e as habituais respostas ministeriais, e as circulares aos prefeitos, os artigos dos jornais officiosos, são remédios ineficazes e empregam inutilmente o tempo, quando não se tornam leis sábias (...).

³ Id., pp. 9-10.

⁴ O projeto de lei sobre a migração italiana. Placência, 1888. pp. 34-37.

Repassando os atos parlamentares, os arquivos das prefeituras e dos jornais, seria fácil recolher os dados gerais sobre a migração, fatos e cifras eloqüentes algumas providências temporárias eficazes, muitas observações utilíssimas, mas se buscaria em vão em nosso código, uma lei ou uma instituição, no país, que mencione ter feito tesouro daqueles fatos, daquelas cifras, daquelas observações.⁵

“Ávida especulação dos recrutadores”.

Interroguemos a sabedoria legislativa dos povos que fizeram mais larga experiência que nós, em matéria de migração. Veremos que, ou não admitem o trabalho do agente recrutador, ou o circundam de maiores cautelas, que não se encontram, no projeto de lei italiano. É conhecido, amigo, que o migrante inglês, francês, português, espanhol deixa o próprio país em condições bem melhores que a nossa, sabendo encontrar para além dos mares, nas vastas possessões de seu país, a imagem viva e grande da pátria, na religião, na língua, nas leis. Aqueles governos poderiam, também sem faltar aos seus deveres de tutela e de previdência, conceder plena liberdade de alistamento, já que eles não são por suas atividades, perdidos, ou indignamente desfrutados, mas é uma benéfica circulação, que consolida o seu poder e lhes aumenta a riqueza. Quão diversas as condições dos nossos migrantes!

Pela ávida especulação dos alistadores, eles são, geralmente, encaminhados a lugares onde o ar pestífero mata, ou empregados em trabalhos degradantes, pois que para o agente, o negócio melhora à medida da escassez de braços e da dificuldade de alistamento. E a falta de mão-de-obra, seja para beneficiar terrenos, seja para executar trabalhos públicos, verifica-se lá onde a morte rarefaz as filas dos trabalhadores, e o terror afastando os sobre-viventes, faz com que exista sempre a necessidade de novas vítimas, que desconhecem o perigo. Em todas as catástrofes de semelhante natureza, o elemento italiano é sempre representado largamente, muito largamente, para que não se reclame este supremo dever de um governo forte e respeitado, a eficaz proteção dos infelizes expatriados, vítimas das ciladas e da prepotência.⁶

“O novo projeto de lei sobre a migração”.

Senhores, fazemos votos e usamos de toda a nossa influência, para que o novo projeto de lei sobre a migração, apresentado pelo deputado Visconti Venosta e aceito pelo deputado Canevaro, atual Ministro do Exterior, tenha logo a aprovação do Parlamento. Eliminar-se-ão assim, graves abusos e prejuízo aos migrantes e se preencherá uma lacuna repleta de ciladas da nossa legislação.

Outra providência do projeto de lei, da qual não deveria mais ser adiada por muito tempo a sanção do Parlamento, é aquele apresentado pelo deputado Luzzatti, então Ministro do Tesouro, de comum acordo com seus colegas, Rudini, Visconti Venosta, Sineo e Branca, sobre a tutela de remessas e de poupança dos migrantes italianos nas duas Américas.

Na vasta relação que precede o projeto de lei, foram enumerados os fatos e os modos com os quais a poupança suada e entesourada durante muito tempo pelos compatriotas, no exterior, são sempre dizimadas pelo câmbio e pela remessa de ávidos e muitas vezes, desonestos pseudos banqueiros. Infelizmente aquelas pobres poupanças, não poucas vezes acabam inteiramente perdidas naqueles atos de ladroeira bancária freqüente lá (onde qualquer um pode se improvisar como banqueiro, também, sem capital efetivo) e que consiste em esvaziar a caixa e tomar o vôo para outro país. Em apenas um ano e em uma única cidade da América do Norte, verificaram-se quatro destas fugas e as economias perdidas por nossos pobres migrantes atingia um conjunto de duzentas mil liras!

Seriam suficientes alguns destes fatos e existem centenas, para justificar e dar caráter de urgência à medida legislativa criada pelo insigne estadista padoano, que corta com precisão, pela raiz, todo

⁵ A migração italiana na América. Placência, 1887, pp. 24-28.

⁶ O desígnio de lei sobre a migração italiana. Placencia, 1888, 29-30.

o parasitismo que vive e se engorda com as economias dos outros, especulando indignamente a ignorância e boa fé dos trabalhadores.⁷

“A obra das classes dirigentes”.

Para sanar as chagas que afligem a migração italiana, as leis não bastam, porque algumas destas chagas são inerentes à mesma natureza da migração, outras derivam de causas remotas, que escapam ao controle das leis, e mesmo com as melhores leis do mundo e com os seus melhores agentes, numerosos e perfeitos, não se conseguiria extirpar aqueles males. De resto, todos sabem que os governos e seus agentes estão vinculados por costumes e por precauções internacionais e certas medidas, ou não as podem usar, ou, usando-as, não fariam senão agravar as feridas antes de as curar.

É aqui que deve começar o trabalho das classes dirigentes, onde o das leis e do governo termina. De que modo? Estudando primeiro e discutindo o grande problema da migração, fazendo entrar (e é este o pedido que dirijo aos chefes de movimentos católicos) fazendo entrar, como parte viva da ação dos comitês regionais, diocesanos e paroquiais, aquilo que diz respeito ao bem religioso, econômico e civil de tantos nossos desventurados irmãos, recolhendo, em seu favor também subsídios materiais, desaconselhando energicamente a migração, quando se reconhece desastrosa, defendendo-a das emboscadas e dos contratos fraudulentos, enfim, circundando-a de todos os auxílios religiosos e civis, que servem para torná-la, contra os fortes inimigos, compacta e, quase, invencível, porque neste caso a segurança de cada um, torna-se segurança de todos.⁸

“Tornar menos amargo o exílio dos nossos irmãos”.

É bela, á senhores, a causa pela qual viestes aqui. Ela é digna de toda vossa atenção, porque digna da atenção de todos os homens de entendimento e de coração.

Trata-se de tutelar e dirigir do melhor modo possível a nossa migração, de tornar menos amargo o exílio aos nossos irmãos expatriados, de fazer voltar em benefício de nossa Itália, uma força, que facilmente é perdida.

Quem ama com verdadeiro amor a religião e a pátria, não pode deixar de sentir a necessidade de se associar a esta obra e de lhe consagrar, embora modestamente, as próprias forças.

Deixemos a outros o estudo do fenômeno migratório na sua rica variedade de formas. Que seja a migração um direito natural, inalienável, como afirma o estadista. Que seja fonte de bem-estar para quem vai e para quem fica, como proclama o sociólogo. Que seja o desenvolvimento natural das coisas ou o progressivo aperfeiçoamento das raças, como sustenta o filósofo; tudo isto pouco interessa, ao nosso caso. É preciso chegar a coisas práticas e prático quer ser nosso encontro, á senhores. Uma reunião amigável e familiar, não uma academia. Por isso, exílio à retórica. Pensemos que os males que atormentam a nossa migração são inumeráveis e é urgente remediar. Males que escapam ao controle da autoridade, porque em grande parte, escapam ao da lei. É necessário que uma e outra sejam supridas pela ação dos particulares.

Portanto, à obra, é senhores. Temos em mãos uma causa que traz consigo a bênção dos homens e de Deus. Saibamos aproveitá-las. Procuremos estreitar, sempre mais, os laços da solidariedade fraterna que robustece os fracos e torna os fortes invencíveis.⁹

“A cooperação leiga”.

A proposta relativa aos migrantes temporários merece, sem dúvida, a mais alta aprovação, mas eu não gostaria que por causa do grande zelo pelos amigos, tomasse ares de coisa política. Se isto

⁷ A Itália no exterior. Turin, 1899, p. 15. Os dois projetos de lei foram aprovados pelo parlamento, em 1901.

⁸ A migração dos trabalhadores italianos. Ferrara, 1899.

⁹ Apontamentos para uma conferência sobre a migração (AGS 3014/6).

de um lado ajuda, pode prejudicar, muito, de outro. Sêde sábio e compreendi-me, mesmo que eu discuta. Eu desejaria que fosseis vós a fazê-lo, só vós, de acordo com Roma, sem ligar-vos a pessoas que, embora sendo ótimas e fazendo o bem, têm sempre contra si muitas prevenções. Falo do lado político, entenda-se.¹⁰

Também eu não desprezo a cooperação leiga, mas nas coisas estritamente religiosas, não aprecio os leigos iniciadores, porque dificilmente se despojam de fins secundários, principalmente políticos. Não se gritou tanto contra os bispos de cartola? Gosto da equidade e da coerência com todos. Quanto mais avanço em anos, mais me convenço de que o verdadeiro bem se faz quando cada um ocupa o seu próprio lugar.¹¹

b) A SOCIEDADE DE SÃO RAFAEL

“Um comitê leigo sob a vigilância de um bispo”.

Permita-me enviar a V. Ema. Revma. cópia de meu humilde trabalho sobre a migração italiana, como ténue atestado da estima vivíssima que alimento para com o senhor. Sei que este assunto lhe interessa muito, portanto, espero de sua inteligente operosidade, um válido contributo a este respeito.

A idéia foi acolhida com entusiasmo em todos os lugares, e um número de pessoas muito distintas, do clero e do laicato, já se me ofereceram para constituir um comitê apropriado para recolher meios, pedindo-me para assumir a direção.

Estou convencido, Excelência, que se deve olhar com carinho semelhantes disposições de espírito e colocar mãos à obra, imediatamente, para não nos deixarmos anteceder por outros. Um comitê leigo, sob a vigilância de um bispo, atento aos sinais de Propaganda Fidei considero necessário, para preparar aquele considerável trabalho, que deve preceder à atuação do projeto de evangelização, que se está amadurecendo na S. Congregação.

Urge antes de tudo, liberar os nossos migrantes das mãos dos agentes de especulação, que atiram tantas pobres almas, especialmente as crianças e jovens, à perdição. Para conseguir este fim, parece-me indispensável a ajuda do braço secular, que poderá mais livremente, com maior esperança, ser ouvido em um comitê leigo, que não em um comitê eclesiástico.

Além disso, parece-me que o projeto leigo, visto do lado humanitário, deve conservar-se separado do projeto eclesiástico, no que diz respeito ao lado religioso. Aquele, deveria determinar todo o trabalho preparatório e os meios para facilitar a atuação deste.

De acordo com o exímio bispo de Cremona, que entraria ele também a dirigir um comitê geral, eu estaria disposto a abrir uma casa para sacerdotes que Deus inspirará a se dedicarem a esta obra de caridade, aqui em Placência, não duvidando que me ajudarão, com meios materiais, as pessoas que farão parte do comitê e os que a ele aderirão, confiando, mais que tudo, na providência de Deus.

O projeto de propaganda encontrará, deste modo, o caminho aberto e não naufragará, como é de se temer, se confiado a poucas pessoas eclesiásticas, que encontrariam obstáculos e oposições.¹²

“Uma Associação de padroado a um tempo, religiosa e leiga”.

As necessidades a que estão sujeitos os nossos migrantes podem ser divididas em duas classes: morais e materiais, e eu desejaria que surgisse na Itália uma Associação de padroado, que fosse

¹⁰ Carta a G. Bonomelli, 2-3-1900. (Correspondência S. B., p. 357). A presidência da obra de assistência aos italianos migrantes na Europa, fundada por Bonomelli, em 1900, foi confiada aos leigos.

¹¹ Td., 24-4-1900, (id., p. 359). “Os bispos de cartola” eram os leigos “intransigentes, dirigentes da Obra dos Congressos, aos quais os Bispos de Placência e de Cremona reprovaram a tendência de passar por cima dos bispos.

¹² Carta a Dom Jacobini, 2-7-1887 (AGS 1/1).

ao mesmo tempo religiosa e leiga, de tal modo que respondesse plenamente a esta dúplice necessidade.

O campo que se apresenta para ação, visto do lado religioso é muito vasto. Mas não é menos vasto, se o considerarmos do lado econômico.

De fato, o trabalho da referida Associação deveria ser, como já indiquei, o de prover aos interesses espirituais e materiais dos pobres, que abandonam o lugar de origem para atravessar o oceano, portanto:

1. Livrar os migrantes das especulações vergonhosas de certos agentes de migração, os quais, contanto que ganhem, arruinam material e moralmente os infelizes que caem em suas redes;
2. instituir um escritório que prepare o necessário para a colocação dos migrantes, assim que desembarcarem nos portos das Américas, de modo que toda vez que um italiano se dirigisse à Associação, esta pudesse garantir-lhe uma ocupação útil, ou então, caso contrário, desaconselhá-lo de migrar;
3. prestar socorro, em caso de acidente ou doença, seja durante a viagem, seja depois do desembarque;
4. mover guerra implacável, permita-me a expressão, aos corretores de carne humana, os quais não evitam de usar os meios sórdidos, por causa de lucro vil;
5. promover a assistência religiosa durante a travessia, depois do desembarque e nos lugares onde os migrantes se estabelecerem.

Quanto ao primeiro ponto, eu desejaria que na Associação, além dos membros contribuintes, houvesse ainda membros ativos. As contribuições deveriam ser várias e bem distribuídas. Antes de tudo, dever-se-ia fundar comitês em todos os principais portos do Reino e também nos países do exterior, onde embarcam migrantes, para recebê-los, vigiá-los, aconselhá-los, protegê-los, ajudá-los. Outros comitês deveriam ser fundados nos portos onde se dirige a migração italiana, para impedir que aí se renovem os inconvenientes e os perigos, encontrados freqüentemente, nos portos de embarque.

Para atuar o segundo ponto, seria necessário que a Associação se colocasse não só em relação com o Governo italiano, mas também com os vários governos americanos, para dar à migração nacional uma orientação lógica e prática, para impedir que os pobres camponeses, quando chegarem na América, se achem inseguros sobre o lugar onde ir e possam fazer má escolha, causadora de aborrecimentos intermináveis para si e para sua pobre família. Deste modo conseguir-se-ia que as nossas colônias agrícolas fossem mais prósperas, melhor organizadas e em condições de receber ajuda e proteção do governo nacional.

O terceiro ponto tem também importância e está em estreita conexão com os dois precedentes. A Associação deveria cuidar que os migrantes fossem, ou acompanhados durante a viagem por um membro ou ao menos recomendados à pessoa de confiança que os socorresse, em caso de necessidade. Depois, nos navios ter sempre um sacerdote, que prestasse o conforto do seu ministério a todos, mas especialmente aos doentes.

A Associação deveria procurar que nos lugares onde os colonos italianos fossem aglomerados, não se deixasse os doentes abandonados e se socorresse aqueles que a desgraça tivesse reduzido à indigência. Mas para obter este último resultado, é necessário que a migração seja melhor regulamentada, e que os italianos não se dispersem em pequenos grupos pelo imenso continente americano, mas se reunam em fortes e bem ordenadas colônias.

O quarto ponto se refere à enérgica repressão ao tráfico dos brancos. Para fazer algo de prático neste sentido, a Associação terá necessidade, sem dúvida, do apoio eficaz do governo, o que eu acredito, não deverá faltar, a partir do momento em que se coloque claras as coisas abomináveis, que acontecem agora e que por causa da indiferença generalizada, permanecem desconhecidas.

De fato hoje, como já fiz notar, acontecem muitas vezes que agentes de migração, sem consciência e sem coração, enganam as famílias e levam embora pobres jovens que destinam à mina moral e à desonra. Casos como estes, verdadeiramente lastimáveis, acontecem diariamente.

A imprensa pública, que se ocupa com tanto interesse dos mínimos mexericos das crônicas da cidade, cala sobre estes delitos abomináveis, ignora-os ou finge ignorá-los. Portanto e necessarlo que uma Associação, que se destina a proteger os migrantes, procure combater abertamente, constantemente este tráfico iníquo e que onde não possa agir por si mesma, recorra ao poder público e em reuniões solenes, alerte a consciência popular, denunciando os abusos e os horrores que cometem em afronta às leis divinas e humanas.¹³

“Obra de redenção religiosa, patriótica e econômica”

Foi então que confiando em Deus e na sua Providência, usei tentar alguma coisa. E como os aborrecimentos da nossa migração, deixando de lado aqueles inúmeros inerentes à migração em si mesma, derivam do abandono em que é deixada e se resumem nestes: perda da fé por falta de instrução religiosa, esquecimento da nacionalidade, por falta de estímulos, que conservem vivo aquele sentimento, ruína econômica, porque fácil presa da especulação. Fundei duas sociedades que tivessem por objetivo diminuir e destruir, se for possível, aqueles males. Duas sociedades: uma formada de Sacerdotes, outra de leigos. Uma religiosa, outra civil. Duas sociedades que se ajudam e se completam reciprocamente. A primeira é uma Congregação de Missionários que visa principalmente o bem estar espiritual dos nossos migrantes, a segunda principalmente ao seu bem-estar material. Aquela alcança o seu objetivo, fundando igrejas, escolas, orfanatos, hospitais por meio de Sacerdotes unidos, como em uma família com votos religiosos de castidade, de obediência de pobreza, prontos a voar onde são mandados, apóstolos, professores, médicos, enfermeiros, conforme a necessidade. Esta, desaconselhando a migração, quando for arriscada, vigiando a obra dos agentes, para que não ultrapassem os limites da legalidade, aconselhando os migrantes e orientando-os à boa meta quando não podem fazer diversamente.

Empreendimento certamente colossal para quem quer que seja, mais para mim, á senhores, desprovido dos meios e da capacidade, para este fim. Eu pensava e os fatos comprovaram o meu pensamento, que a nossa indiferença era devido à falta de iniciativa, e a ignorância do estado das coisas, à falta de boa vontade. Pensava, que se uma voz, inspirada só por sentimentos de religião e de caridade patriótica se levantasse para sacudir os sonolentos ou os indolentes, não teria soado no deserto. Pensava que uma vontade resoluto, contra tantos males, teria encontrado almas igualmente dispostas a lutar. Pensava que a Itália, que fornece heróicos sacerdotes para as missões, que levam a luz do Evangelho e da civilização aos lugares mais inabitados e convocam aos pés da Cruz os povos bárbaros, a Itália que dá largamente o seu óbulo e a sua influência para a abolição do tráfico negro, não podia ficar indiferente, ou pior, desdenhosa diante do tráfico dos brancos, neste momento de redenção religiosa, patriótica e econômica, dos nossos irmãos migrantes.¹⁴

“Só a fundação de um Instituto eclesiástico teria sido insuficiente”.

Só a fundação de um Instituto eclesiástico teria sido insuficiente, para as providências necessárias, para a assistência completa de nossa migração (...).

Era minha intenção construir uma Associação, mais ou menos conforme a que surgiu na Alemanha em 1868, presidida pelo príncipe Isemburg Birnstein e associada sob o nome de Rafaeles Verein Sua finalidade é defender os migrantes com um sistema bem organizado de proteção, dos numerosos perigos que os circundam, assim que abandonam o país de origem.

Minha iniciativa encontrou apoio e ajuda para ação eficaz de um número considerável de pessoas que estão unidas a mim. Constituí no ano passado, aqui em Placência, o Comitê Central da Associação de padroado para a migração italiana, cuja presidência foi assumida pelo marquês advogado João Batista Volpe Landi, que dedica à obra toda a atividade e o zelo de que é capaz.

¹³ A migração italiana na América. Placência, 1887, pp. 41-44.

¹⁴ I Conferência sobre a imigração (AGS 5/3).

Fazem parte deste comitê, cidadãos de todo tipo, não todos da mesma opinião, mas rodeados de estima e consideração universais e conhecidos pelo fervoroso sentimento de verdadeiro amor à pátria e de caridade iluminada.

Com a ajuda de pessoas residentes em outras cidades da Itália foi redigido um Estatuto provisório, no qual foram estabelecidos o objetivo e a finalidade da associação. Este consiste em dar oportuna orientação e ajudar àqueles que decidiram expatriar, através de oportunas informações acerca dos países mais adequados para a migração, pela fertilidade de solo, pela facilidade em encontrar trabalho, pela oportuna assistência religiosa e civil, no prestar gratuitamente seus serviços aos migrantes nos portos de embarque, em recomendá-los aos Comitês nacionais constituídos, nos países transoceânicos e sobretudo ao delegado ou correspondente que os recebe no porto de desembarque e que inicia com ele, em terra estrangeira, a mesma obra de caridade, mais que útil, necessária, por causa dos novos perigos a que estão expostos.

O comitê de Gênova, que se vangloria de seu chefe, o digno marquês Vitório Del Carretto di Balestrino, iniciará, antes do final do corrente ano, sua ação de eficaz assistência em prol dos migrantes que zarparam daquele importantíssimo porto italiano. Para esta finalidade deliberou a abertura de um escritório especial de assistência e de informações, no qual colocou um seu delegado.

Além disto providenciou para que, no próximo janeiro de 1892, seja celebrada uma especial função religiosa na Igreja de São João de Pré, próxima ao porto, para cada partida de navio, para a América.¹⁵

“Comitês nas regiões que fornecem maior contingente à migração”.

Aqui na Itália, além do Comitê Central e daqueles constituídos ou em constituição, nos portos de embarque, era necessário fundar outros nos centros mais importantes, sobretudo nas regiões que fornecem maior contingente à migração, que recolhessem adeptos e coadjutores, a fim de que a ação da tutela possa ser exercida verdadeiramente, em benefício daqueles que têm maior necessidade.

A isto principalmente, dedica seus cuidados o Comitê Central, ao qual dei início no passado e me proponho de, em seguida ajudar através de conferências especiais, visando tornar conhecido o objetivo e a natureza da obra.

No inverno falei ao bom e cortez público de Gênova, de Roma, de Florença, de Turim e de Milão. E assim surgiram Comitês nestas últimas quatro, dentre as principais cidades da Itália, sendo que em Gênova já estava formado desde 1890. O Comitê de Roma além do escritório, como os outros comitês, para recolher os meios financeiros indispensáveis, tem também o de ser órgão de comunicação para tudo quanto possa interessar à Associação, seja junto à suprema Autoridade Civil, seja junto à Congregação de Propaganda Fide. Ele ainda não está completo, mas é um núcleo de jovens inteligentes e ativos, tendo à sua frente o príncipe D. Luís Boncompagni Ludovisi, que assumiu de boa vontade a representação. Espero que logo, com a participação de pessoas respeitáveis, que assistem não indiferentes, ao doloroso espetáculo da migração e lhe reconhecem as necessidades, possa o Comitê de Roma completar-se de modo a prestar à Associação aqueles serviços que a mesma, com razão nos promete.

Aceitaram honrar respectivamente os comitês de Milão e de Florença, com o nome e com a autoridade, que lhes foi conferida, pelo alto cargo que ocupam na Hierarquia Eclesiástica, os arcebispos das mesmas cidades, o venerando bispo D. Di Calabiana e o insígne cardeal Bausa que tanto ilustra, com sua doutrina e com suas virtudes, a sagrada púrpura. Ou melhor, este se dignou assumir, ele mesmo, a presidência efetiva do Comitê florentino, enquanto o presidente efetivo do Comitê de Milão é um dos representantes daquela antiga aristocracia piemontesa que tantos serviços prestou à pátria nos feitos de guerra e nas legislações civis, o general Thaon de

¹⁵ Sobre a assistência à migração italiana e sobre os Institutos que a provêm, Placência, 1891, pp. 13-16 A Raphaels Verein foi fundada por Peter Paul Cahensly.

Revel. O comitê de Turim, também, é presidido por um patrício que leva dignamente um nome querido e honrado, o barão Antonio Manno.

Outros comitês, até o momento, estão em forma embrionária ou estão para se constituir em Treviso, Bréscia, Cremona, Bérgamo, Luca e em outros lugares.¹⁶

“As atribuições dos comitês locais”.

As atribuições dos Comitês locais serão mais especialmente determinadas no Estatuto definitivo, submetido às deliberações de um congresso de representantes dos Comitês já constituídos ou em via de formação, realizado em Placência, no mês de setembro, deste ano, cujas disposições, o Comitê Central está atualmente coordenando, conforme a incumbência recebida.

Conhecendo as intenções do Comitê Central, posso afirmar ser seu pensamento que os comitês nas diversas Províncias sejam como intermediários e meio de mais solícita e fácil comunicação com ele, no qual se concentra o serviço de informações, e os migrantes, e isto mediante delegados e sub-delegados espalhados em todas as terras, que fornecem qualquer contingente à migração.

É necessário que os migrantes conheçam os países de migração em seu verdadeiro aspecto. Mas é necessário também que cada um deles receba conselhos conforme a condição pessoal própria e da própria família. Ora, multiplicando os Comitês e por meio dos Comitês, os delegados e sub-delegados (cargo que, no campo podem assumir os párocos, os professores, os secretários municipais etc.), cada migrante encontrará uma pessoa de confiança que poderá aconselhá-lo, com perfeito conhecimento de causa. Os delegados e sub-delegados, por sua vez, mediante os comitês e estes por meio do Comitê Central, recebem e pedem instruções, notícias e informações obtidas, nas fontes mais seguras e sobretudo através dos missionários estabelecidos na América, de modo a poder autenticar a verdade. Além disto providenciam, a fim de conseguir para a obra, o fornecimento dos meios que são indispensáveis, auxiliados por comitês compostos por senhores dentre os mais distintos, como em Turim, em Milão etc.¹⁷

“A associação necessita da colaboração de todos”.

Para conseguir resultados benéficos que se espera, a Associação tem necessidade da colaboração de todos aqueles em cujo coração vibra alto e sereno, o sentimento de pátria e que têm um senso de piedade delicada diante dos sofrimentos e necessidades dos irmãos, que abandonaram esta nossa terra comum. Convém que eles se tornem participantes e cooperadores, ou com o modesto óbulo, ou com a colaboração pessoal, à obra de padroado. Convém que dêem o seu apoio moral ou material e que o divulguem. Uma obra assim tão vasta, difícil e complexa não exige somente um trabalho perseverante, uma abnegação a toda a prova da parte de seus chefes, ela deve também poder dispor de recursos proporcionados.

Tenho firme confiança de que este apelo não cairá no esquecimento.¹⁸

“Foi fundada a Sociedade de S. Rafael nos Estados Unidos”.

Foi fundada, há dois meses, a Sociedade de S. Rafael, nos Estados Unidos da América.

O artigo 1º do seu Estatuto indica quais as finalidades:

- a) Assistir os italianos migrantes à sua chegada na América e cuidar que não caiam em mãos de gente desonesta.
- b) Garantir aos mesmos, quanto seja possível, emprego e trabalho.
- c) Vigiar para que não lhes falte assistência religiosa, depois do desembarque e nos lugares em que irão se estabelecer.

¹⁶ Id., pp. 18-20.

¹⁷ Id., pp. 20-22.

¹⁸ Id., pp. 22-23.

d) Providenciar, quanto antes uma casa, onde possam ser alojados, os migrantes pobres, os meninos e as meninas até que sejam colocados ou entregues aos seus parentes.

O artigo 6º e último estabelece que a Sociedade Italiana de S. Rafael se mantenha em estreita relação com a análoga Sociedade constituída na Itália, sob o título de Sociedade Italiana de Padroado, para os migrantes italianos.

Assim, a obra iniciada na Itália se completa no novo continente e continua a acompanhar o migrante aos Estados Unidos, onde somente, entre as diversas regiões americanas, para onde se dirige a migração nacional, foi possível, até agora, organizar-lhe prática e eficazmente a assistência e a proteção.¹⁹

“Assistência do porto de Gênova, aos portos da América”.

Uma das grandes necessidades dos nossos migrantes era a de proporcionar-lhes assistência no porto de embarque em Gênova. Aquela pobre gente era tratada como vil mercadoria, ou pior. Também lá falei, em público sobre a obra de S. Rafael, parece-me em 1888, e o venerável arcebispo D. Magnasco e o inspetor do porto, o cavalheiro Malnate pediram-me com lágrimas nos olhos, para mandar a Gênova alguns missionários para que se ocupassem daqueles infelizes, iniquamente traídos e desfrutados de todos os modos. Apenas me foi possível, satisfiz aquele santo desejo, que era também o meu, e abri lá uma casa. O bem que os missionários aí realizaram é inacreditável. Eles, por isso, e mais que tudo para fazer desaparecer tantos abusos e tantos enganões, tiveram, é verdade, que se expor à ira dos interessados e dos jornais maçônicos. Mas, com a graça de Deus triunfaram sobre tudo. Agora seu trabalho é universalmente apreciado, e o nome de Pe. Maldotti, o primeiro missionário enviado à Gênova, é bendito por todos.

Apenas tiveram conhecimento da instituição dos Missionários de S. Carlos e da obra de S. Rafael para os nossos co-nacionais migrantes, escreveram-me de várias partes da Itália, notificando a grave necessidade de oferecer assistência aos migrantes, durante a travessia do oceano. Fiz logo apelo às várias sociedades de navegação, pedindo ida e volta gratuitas para aqueles sacerdotes que quisessem se oferecer a uma obra de tamanha caridade, mas uma única a Veloz, respondeu de boa vontade a semelhante apelo. Todavia eram dez ou doze os sacerdotes que partiam, cada ano do porto de Gênova e acompanhavam os pobres expatriados. No navio celebravam, pregavam, confessavam, assistiam os doentes, que nunca faltavam. Em uma única travessia, morreram dezoito pessoas. Felizmente o padre estava no navio. Pôde assistir os moribundos e confortar, com a palavra e com o exemplo, os sobreviventes. Continuou-se deste modo, por quatro anos. Mas a Veloz, decaiu de sua prosperidade, e infelizmente, também ela teve que reduzir a concessão, limitando-a só aos missionários de Gênova. Se se tivesse os meios, oh, quanto maior bem se poderia fazer!

Um destaque especial merece a missão do Porto. Os missionários encarregados são reconhecidos aí como representantes legais da migração italiana, junto o *Labor Bureau* ou Ministério dos Trabalhos públicos. Assim eles, morando no *Barge Office* ou escritório de migração, estabelecido no Porto, prestam assistência imediata a todos os migrantes italianos que aí desembarcam, especialmente àqueles que lhes são recomendados e que chegam munidos de cartão especial, que são concedidos pelos comitês da Sociedade de Padroado, instituída na Itália.²⁰

¹⁹ d., pp. 16-17.

²⁰ Relatório da Obra dos Missionários de S. Carlos para os Migrantes Italianos, 10-8-1900 (AGS 7/5). A missão do Porto, de que se fala nas últimas linhas, era a de Nova Iorque. Para esta e para a missão no porto de Gênova, (cf. Biografia, pp. 1133-1147).